

# HABITAR O CENTRO DE GOIÂNIA

## NARRATIVAS SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO



**BEATRIZ GONÇALVES**  
**GOIÂNIA, 2024**



**FAV**  
FACULDADE DE  
ARTES VISUAIS

**PPGPROCIDADE**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
PROJETO E CIDADE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROJETO E CIDADE

BEATRIZ REZENDE GONÇALVES

**Habitar o Centro de Goiânia.**

Narrativas sob a Perspectiva de Gênero

Goiânia, Goiás

Agosto, 2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### 1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação     Tese     Outro\*: \_\_\_\_\_

\*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

### 2. Nome completo do autor

Beatriz Rezende Gonçalves

### 3. Título do trabalho

Habitar o centro de Goiânia. Narrativas sob a perspectiva de gênero

### 4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: **a)** consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

**b)** novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Beatriz Rezende Gonçalves, Discente**, em 30/08/2024, às 13:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernando Antonio Oliveira Mello, Professor do Magistério Superior**, em 16/09/2024, às 15:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=;) informando o código verificador **4786991** e o código CRC **B2B3A880**.



**FAV**  
FACULDADE DE  
ARTES VISUAIS

**PPGPROCIDADE**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
PROJETO E CIDADE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROJETO E CIDADE

**BEATRIZ REZENDE GONÇALVES**

### **Habitar o Centro de Goiânia.**

Narrativas sob a Perspectiva de Gênero

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Projeto e Cidade da Universidade Federal de Goiás pela discente **Beatriz Rezende Gonçalves** como requisito para a obtenção do título de Mestra em Arquitetura e Urbanismo.  
Área de Concentração: Projeto, Teoria, História e Crítica.  
Linha de Pesquisa: História e Teoria da Arquitetura e Cidade.  
Orientador: **Prof. Dr. Fernando Antônio Oliveira Mello.**

Goiânia, Goiás

Agosto, 2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Gonçalves, Beatriz Rezende

Habitar o centro de Goiânia [manuscrito]. Narrativas sob a perspectiva de gênero / Beatriz Rezende Gonçalves. - 2024. CXLVI, 146 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Antônio Oliveira Mello .  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, ,  
Programa de Pós-graduação em Projeto e Cidade, Goiânia, 2024.  
Bibliografia. Apêndice.  
Inclui mapas, fotografias, gráfico, tabelas.

1. Gênero. 2. Mulher. 3. Experiência. 4. Cidade. 5. Centro de Goiânia. I. Mello , Fernando Antônio Oliveira , orient. II. Título.

CDU 72



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**

Ata nº 006/2024 da sessão de Defesa de Dissertação de Beatriz Rezende Gonçalves, que confere o título de Mestre(a) em Programa de Pós-graduação em Projeto e Cidade, na área de concentração em **Projeto, Teoria, História e Crítica**.

Ao/s **vinte e oito de agosto de dois mil e vinte e quatro**, a partir da(s) **quatorze horas e trinta minutos**, através de **webconferência**, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada “**Habitar o centro de Goiânia. Narrativas sob a perspectiva de gênero**”. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Orientador(a), Professor(a) Doutor(a) **Fernando Antônio Oliveira Mello (PPGPROCIDADE/FAV/UFG)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor(a) Doutor(a) **Maíra Teixeira Pereira (CET/UEG)**, membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) **Adriana Mara Vaz de Oliveira (PPGPROCIDADE/FAV/UFG)**, membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido(a) o(a) candidato(a) **aprovado(a)** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo(a) Professor(a) Doutor(a) **Fernando Antônio Oliveira Mello (PPGPROCIDADE/FAV/UFG)**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **vinte e oito de agosto de dois mil e vinte e quatro**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Fernando Antonio Oliveira Mello, Professor do Magistério Superior**, em 28/08/2024, às 16:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Mara Vaz De Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 28/08/2024, às 16:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maíra Teixeira Pereira, Usuário Externo**, em 28/08/2024, às 17:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4768330** e o código CRC **D44F872A**.

## AGRADECIMENTOS

ESTE TRABALHO É DESENHADO NA ESPERANÇA DE UM MUNDO MAIS JUSTO INSPIRADO POR TODAS AS MULHERES QUE CRUZARAM MEU CAMINHO NESTA VIDA, A QUEM SOU ETERNAMENTE GRATA, E TAMBÉM: ÀQUELAS QUE GENEROSAMENTE DIVIDIRAM SEU TEMPO E ENERGIA, COMPARTILHANDO SUAS HISTÓRIAS COMIGO; À MINHA MÃE E AO MEU PAI, CUJO APOIO INCONDICIONAL ME IMPULSIONARAM A SEGUIR MEUS SONHOS E CONVICÇÕES; ÀS MINHAS IRMÃS, QUE SÃO AS AMIGAS MAIS PRECIOSAS QUE EU PODERIA DESEJAR; AOS MEUS AMIGOS-COMPANHEIROS, QUE, MESMO SEM SABER, FIZERAM DA CAMINHADA DA ESCRITA DA DISSERTAÇÃO UM POUCO MENOS SOLITÁRIA; AO MEU ORIENTADOR QUE ME AJUDOU A ENCONTRAR A DIREÇÃO NOS CAMINHOS DESCONHECIDOS DESSE TRABALHO. POR FIM AGRADEÇO A UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS POR TER FORNECIDO A OPORTUNIDADE DE FAZER O QUE EU ACREDITO. VIVA A UNIVERSIDADE PÚBLICA!

DEDICO ESTE TRABALHO A MINHA TIA SELMA, QUE SOBREVIVEU, RESISTIU E VIVEU... E ASSIM CONTINUARÁ VIVA NA MEMÓRIA DE TODOS QUE A CONHECERAM.

## RESUMO

O espaço urbano produz, e reproduz, desigualdades sociais, econômicas, culturais e de gênero. Fenômeno inerente à cidade, pois ela é, em si, a súpula das relações que nela ocorrem. Por conta disso, os desequilíbrios presentes nas relações entre mulheres e homens também compõem a imbricada rede de relações no que chamamos de espaços urbanos. No percurso histórico da sociedade ocidental a mulher, em grande medida, teve sua posição relacionada aos afazeres domésticos, tidos como subvalorizados, quando comparados com as atividades desempenhadas pelos homens. Enquanto o corpo mulher mantinha-se associado a domesticidade, física e moral, o império masculinista tomava conta das ruas e de grande parte das relações consideradas produtivas e vitais. Muito já mudou na esfera social pública, mas a cidade ainda reproduz em sua estrutura, muito desse passado, quando as conquistas sociais e políticas pelas mulheres ainda eram um vir a ser. Apesar de ocuparem espaços impensáveis até décadas atrás, a distinção e a inferiorização das mulheres perante os homens ainda deixam suas marcas nas relações sociais e nos espaços habitados. Não raro, assistimos a cenas que esboçam a vulnerabilidade do corpo feminino, suas inseguranças, chegando ao assédio, à violência, ao medo e à hostilidade que ainda marcam o imaginário coletivo. É nessa perspectiva que o centro de Goiânia será aqui estudado: sob a perspectiva de gênero, mais especificamente sobre a condição do corpo feminino exposto às realidades dessa parte da cidade. Logo, a pesquisa tem como objetivo compreender como as mulheres percebem e experienciam a cidade. Parte do subsídio teórico de literaturas feministas e de metodologias de análise das práticas e vivências cotidianas de usuárias que fazem parte da cidade e que utilizam diariamente os espaços urbanos. Por esse caminho, este trabalho busca assimilar as consequências sociais-urbanas da abjeção de determinados corpos do centro da cidade, assim como os motivos pelos quais esse processo se deu.

**Palavras-Chave:** Gênero, Mulher, Experiência, Cidade, Centro de Goiânia.

## ABSTRACT

Urban spaces produce and reproduce social, economic, cultural, and gender inequalities. This is a phenomenon inherent to the city, as it is, in itself, the sum total of the relationships that occur within it. As a result, the imbalances present in the relationships between women and men also make up the intertwined network of relationships in what we call urban spaces. Throughout the historical course of Western society, women have largely had their positions related to domestic chores, which were considered undervalued when compared to the activities performed by men. While the female body remained associated with physical and moral domesticity, the masculinist empire took over the streets and most of the relationships considered productive and vital. Much has changed in the public social sphere, but the city still reproduces in its structure much of that past, when social and political achievements by women had not been conquered. Despite occupying spaces that were unthinkable until decades ago, the distinction and inferiority of women in relation to men still leave their mark on social relationships and in spaces. It is not uncommon to witness scenes that reveal the vulnerability of the female body, its insecurities, leading to harassment, violence, fear, and hostility that still mark the collective imagination. It is from this perspective that the center of Goiânia will be studied here: from a gender perspective, more specifically regarding the condition of the female body exposed to the realities of this part of the city. Therefore, the research aims to understand how women perceive and experience the city. It is based on the theoretical support of feminist literature and methodologies for analyzing the daily practices and experiences of users who are part of the city and who use urban spaces on a daily basis. In this way, this work seeks to assimilate the social-urban consequences of the abjection of certain bodies in the city center, as well as the reasons why this process occurred.

**Keywords:** Gender, Women, Experience, City, Goiânia.

# SUMÁRIO

<b>PRÓLOGO .....</b>	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1.....</b>	<b>18</b>
UMA NOVA PERSPECTIVA.....	18
O OUTRO CORPO .....	27
O IMPACTO DA CIDADE ANDROCÊNTRADA.....	39
<b>CAPÍTULO 2.....</b>	<b>48</b>
CONSTRUINDO A PESQUISA .....	49
GOIÂNIA _ UMA MODERNIDADE ANDROCÊNTRICA?.....	55
RECONHECENDO ALGUMAS MULHERES.....	72
<b>CAPÍTULO 3.....</b>	<b>83</b>
A DONA DO BOTEÇO .....	86
A DONA DA RUA .....	91
A DONA DA LANCHONETE.....	95
A DONA DA NOITE .....	98
AS CASAS, OS BARES, AS RUAS: ESPACIALIDADES E SEUS ATRAVESSAMENTOS .....	101
AS CASAS.....	104
OS BARES.....	109
AS RUAS.....	113
<b>UM INÍCIO, NÃO UM FIM.....</b>	<b>119</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>123</b>
<b>REFERÊNCIAS DE IMAGENS.....</b>	<b>129</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>131</b>

# PRÓLOGO

## ESTAGNAÇÃO E CRIAÇÃO

A escrita desse trabalho é muito cara para mim. Estudo o centro de Goiânia há alguns anos e, a alguns outros, vivo nele. Mais recentemente pude colocar em prática alguns dos preceitos que acredito, trabalhando neste espaço. Talvez, por conta disso, adiei ao máximo que pude a escrita dele. Por onde começar a falar sobre um espaço e um tema tão valioso? Procurei, por algum tempo, a *maneira certa* de desenvolver essa pesquisa, o que me levou a questionar se eu tinha a capacidade de fazê-la. Isso, por sua vez, diminuiu muito minha motivação para escrever. Por um tempo fiquei presa nesse turbilhão desanimador. Esse medo me paralisou, e nesse período me senti culpada, infeliz e ansiosa.

Não houve nenhum grande acontecimento ou reviravolta que me fez voltar para um eixo de pesquisa. Foi simplesmente uma tomada de decisão desesperada e uma rotina desajeitada. Defini como ideal que todos os dias, principalmente naqueles que eu não conseguisse escrever ou ler, eu iria estar no centro. Foram muitos dias perambulando. Vi, ouvi e vivi coisas das quais sinto-me constrangida de relatar. Fatos que o ritmo frenético do centro tende a diminuir, a invisibilizar e, por vezes, torná-los “irreais”. E nesse ponto é o mesmo fascínio de me perder na cidade que me guiou a retificar os meus motivos dentro dessa pesquisa.

Todos os dias em que me pus em campo, independente do espaço e do momento, senti medo. Não porque estava de fato em uma situação de insegurança, mas porque fui instruída a me sentir assim. E com o tempo aprendi que o medo se torna uma necessidade para criar métodos de fugir de situações perigosas.



Durante uma andança, numa terça-feira, me coloquei na cidade para continuar um trabalho que tinha começado uns dias antes. Parei numa banca em frente ao Grande Hotel para comprar uma garrafa de água e fiquei por alguns instantes observando o movimento daquele espaço. Peguei a câmera para tirar algumas fotos da Avenida Goiás e, segundos depois, um homem gritou para mim do outro lado da rua, do canteiro central. O rapaz atravessou a rua em minha direção e pediu para que eu apagasse a foto que havia tirado. Eu prontamente disse que ele não havia saído na imagem, mas ele insistiu e pediu para que eu apagasse, mais uma vez. Disse a ele outra vez que ele não havia aparecido. Ele insistiu e ordenou que eu desse a câmera para ele olhar. Disse que era para ele não chegar perto de mim e que se quisesse algo que chamasse a polícia. Ele veio em minha direção de maneira agressiva e eu atravessei a rua correndo para o canteiro central da avenida.

A avenida estava cheia e eu com medo de uma pessoa que me insultava do outro lado da rua, a poucos metros, por algo que ele supunha que eu tinha feito. Fiquei com medo de ser perseguida para o local onde havia estacionado. Entrei numa loja de produtos diversos e ali fiquei, não sei exatamente por quanto tempo, até conseguir ir embora. Se eu fosse um homem, o agressor teria agido dessa mesma maneira?

Essa e outras situações e questionamentos, vistas e vividas, são algumas das motivações que me levaram a este tema. Nasci em um momento em que muito já havíamos conquistado, mas no qual minha mãe ainda não se sentia confortável em sair sozinha com as filhas nas ruas do bairro onde morávamos. Ao crescer, compreendi que eu também deveria ter esse medo. Desde a tenra idade nós, mulheres, somos ensinadas a percorrer trajetos mais “seguros” e conhecidos, a ignorar olhares e até mesmo comentários que nos constrangem. Não nos é permitido explorar a rua, pois ela não nos pertence e nós não pertencemos a ela.

Imagem 1: Minha irmã mais velha, eu, minha mãe e minha irmã mais novas em frente ao Teatro Goiânia. Fonte: acervo pessoal, 2010.

# INTRODUÇÃO

---

O estudo aqui proposto vai ao encontro de uma inquietação que me persegue desde muito antes da graduação. Busco neste texto **falar como mulher sobre mulheres**, mas sem jamais tentar produzir um discurso único e taxativo, sempre reconhecendo os privilégios que possuo. Neste texto, para além de pesquisadora, sou cidadã, nascida e criada em Goiânia, partilho minha experiência pessoal e compartilho inquietações e dificuldades que experienciei e experiencio todos os dias, ao me colocar na cidade.

Quero falar sobre **a prática urbana feminina**, numa tentativa de compreender experiências complexas que, por vezes, abarcam questões de confronto com senso de insegurança, transgressão e objetificação sobre nossos corpos nos deslocamentos cotidianos. Sem, no entanto, deixar de reconhecer nossas maneiras fugidias de apropriação e utilização dos espaços urbanos de maneira aprazível. Desta forma, nos breves momentos em que se relata experiências e perambulações, como aqui, o texto é escrito em primeira pessoa.

Falo sobre mulheres. **Mas quem somos nós?** Neste trabalho a palavra “mulher” não faz referência necessariamente a categoria de sexo biológico. Preocupo-me com marcadores sociais que induzem a diferenças, tais como gênero, raça, idade, sexualidade e classes sociais. Falo aqui sobre a comerciante, a mãe de família, a mulher em situação de rua, a festeira e tantas outras. Não tento esgotar, tampouco delimitar as múltiplas e variadas identidades que ocupam os corpos femininos. Isso seria claramente impossível e tenderia a um reducionismo. Falo, portanto, sobre algumas mulheres, consciente de que somos muitas e diversas.

Ainda assim, surge um primeiro recorte: abordo a mulher cidadina que tem seu cotidiano atrelado aos espaços urbanos, sejam eles públicos ou privados. Logo, pensar a mulher, **os corpos femininos nas cidades**, transpassa por diferentes construções teóricas, pois trata de existências e de séculos de lutas que permeiam a igualdade por direitos e por reconhecimentos dos quais faz parte o direito das mulheres à cidade. Questões que ganham espessura quando transitamos pela história e que, segundo Denise Vieira (2015), tem sua origem na dualidade do pensamento ocidental que alimenta a distinção feminino-masculino, macho-fêmea, fruto em parte do pensamento cartesiano e da mística cristã.

Judith Butler, filósofa americana que discute teorias *queer*<sup>1</sup>, trata de performatividade de gênero e defende a ideia de que não existe somente uma descrição do “ser-mulher”. Ao contrário, sua definição deve abranger todas aquelas que se identificam com o gênero feminino ou que são consideradas — e, portanto, discriminadas — por assim serem. Para Butler, ambos, sexo e gênero, são construídos socialmente:

Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuais e gêneros culturalmente construídos. (BUTLER, 2016, p. 26)

Assim, esse estudo seria completamente esvaziado de sentido ao se propor abordar a mulher de forma generalista, como um grupo único e homogêneo, em distinção ao masculino, ignorando que aquela categoria não se apresenta sozinha. Para Butler (2016, p.38), o maniqueísmo que existe na ideia de figurar o antagonista em uma forma singular de sujeito-homem traz o movimento feminista para o mesmo patamar do que se quer combater: “o gesto colonizador não é primário ou irredutivelmente masculinista, ele pode estar dentro de um movimento dito progressista, que continua reproduzindo relações de sujeição heterossexuais, racistas e classistas.”

Esse esclarecimento é necessário, para ao menos tentar elucidar a permanência de certas invisibilidades que acontecem nos estudos acerca das relações de gênero com as cidades. Os estudos sobre a cidade, assim como boa parte da literatura produzida sobre ela, trata de sujeitos e de corpos genéricos. Nesse sentido, Beauvoir (2019, p.08), ressalta que o genérico, via de regra, remete-se ao masculino. Os discursos trazem naturalizados a fala e o pensamento do homem: “Se quero definir-me, sou obrigada a declarar: **Sou uma mulher**”.

Não obstante ao reconhecimento dos gêneros, é preciso, ainda, olhar para as diferenças dentro de um mesmo grupo. **Sou mulher, mas que mulher eu sou?** Ignorar a diversidade interna de determinados grupos pode acarretar uma reprodução de

estruturas reguladoras e excludentes, mesmo quando se objetiva emancipar tais grupos. Cada vez mais, as questões urbanas devem buscar caracterizar os sujeitos mais expostos, neste caso a *diversidade* de mulheres, evitando cair no mesmo erro de não reconhecer indivíduos de diferentes sexos, orientação sexual, raça e classe.

Para Stuart Hall (2005) ainda é necessário enfatizar a existência de identidades culturais que explorem transformações sociais, culturais e políticas como partes intrínsecas de sua definição. Para o autor, as identidades devem ser lidas como características fluidas e interseccionais com outras características que se influenciam, dessa forma o autor afirma ser imprescindível evitar categorias fixas e estereótipos que limitam a construção e leitura dos indivíduos.

Denise Vieira (2015, p.30), pontua a partir da emblemática fala de Simone Beauvoir - “não se nasce mulher, torna-se mulher” - que a condição biológica não é determinante na corporeidade feminina. Para a autora, “os papéis sociais que a mulher desempenha podem ser transformados, e a mulher conduz o destino de seu próprio corpo”. Afirmação que nos leva a pensar os corpos entrelaçados às lógicas sociais e culturais que os embutem de significados e de identidades.

Sobre o tema, Le Breton (2007, p.27) elabora a relatividade entre o corpo e a sociedade, afirmando que “o corpo é similar à um campo de força em ressonância com os processos de vida que o cercam”, de maneira que afirma, em consenso com Denise Vieira (2015), que as experiências corporais são diretamente influenciadas e moldadas pelos contextos sociais e culturais.

Assim, os lugares com os quais os corpos se relacionam, interferem diretamente na sua definição social. Reconhecer mulheres e suas relações com os espaços urbanos requer, com base nesse entendimento, reconhecer também os lugares com quais elas estão envolvidas. Direciona a transitar por práticas e deslocamentos cotidianos. Além de entender que somos uma diversidade de mulheres, a crítica feminista ao urbanismo pela qual busco transitar coloca em discussão a cena pública da cidade e a vivência das mulheres nos espaços públicos como mecanismo para desconstruir a ideia estruturada de uma associação do universo feminino ao domínio privado representado pelo ambiente doméstico e pela família. Ideias que buscam combater a reprodução de cidades com traços que reforcem o patriarcado, mas que também estejam atenta as contradições presentes dentro do próprio movimento feminista.

Chegamos a um segundo recorte necessário: **mulheres de qual cidade e de qual parte da cidade?** O centro da cidade de Goiânia entra no trabalho por proximidade e por ser um lugar múltiplo que permite diferentes experiências. Um local de histórias e

<sup>1</sup> Termo que se traduz literalmente do inglês como estranho, ridículo ou excêntrico. Foi incorporado pela comunidade LGBTQIAPN+ para lembrar de todo o estigma e caracterizar sua oposição à heteronormatividade e luta contra a hegemonia e a violência que o termo inicialmente calcava. A expressão abarca uma pluralidade de identidades e experiências não-heteroperformáticas (PRECIADO, 2017). Hoje o termo passa por um processo de revisionismo acadêmico no que se diz respeito à sua utilização em contextos latinoamericanos. Sobre isso Rea (2020, p.63) elabora: “A chegada da teoria queer à América Latina e, particularmente, ao Brasil, é lida, em muitos casos, como reprodução de um colonialismo epistemológico e discursivo [...] distantes de experiências e exigências dos contextos para os quais tais teorias são exportadas.” De maneira que a crítica se concentra na maneira como o conceito foi importado sem levar em consideração marcadores relevantes no contexto da América Latina, como: questões raciais, de classe, ou com a história colonial.

memórias, de diversidades e conflitos. Condição que realça as desigualdades sociais, econômicas, culturais e de gênero no espaço urbano, assim como, o desequilíbrio presente nas relações entre mulheres e homens.

É importante esclarecer que a história oficial sobre a concepção e a construção de uma nova capital no Estado de Goiás já foi extensamente explorada. Portanto, o cerne deste trabalho não é retomar essa história. Aqui se busca trazer uma perspectiva sobre o Setor Central no tempo atual e de como esse lugar afeta e é afetado pelas mulheres que vivem e que se relacionam com essa parte da cidade. Partindo dessa ideia, o objetivo é buscar, dentro da diversidade de mulheres que habitam o centro de Goiânia, identidades específicas para, a partir delas, reconstruir narrativas e percepções acerca de lugares do cotidiano por meio das relações que alguns corpos femininos desenvolvem com os espaços da cidade.

Mendes (2018), ao estudar a circulação das mulheres de uma determinada localidade na cidade de João Pessoa, considera que as pessoas quando se relacionam com o espaço urbano são produtos e produtoras de subjetividades<sup>2</sup> num processo constante de trocas, em que um produz o outro. Partindo do entendimento que o Setor Central hoje condiciona e é condicionado por uma diversidade de corpos femininos, a ideia é me aproximar de algumas dessas mulheres e, a partir da interação e do diálogo, mapear práticas, rotinas, deslocamentos e vivências. Trata-se de reconhecer histórias de vida, trajetos, pontos de permanência, sentimentos, acolhimentos e inseguranças, que se estabelecem na vida cotidiana dessas mulheres que ou moram, ou trabalham, ou simplesmente passam por essa parte da cidade. Ou seja, identificar e discutir sobre apropriações espaciais através do mapeamento de práticas cotidianas femininas numa cidade construída pelo e para o homem.

Parto da noção de corpo e coporalidades que tem como essência o corpo como sujeito que afeta e que é afetado por informações e estímulos vindos da experiência urbana feminina. Assim, a partir dos relatos de experiência serão produzidas narrativas que caracterizam determinados personagens-arquétipos como representação de parte de uma diversidade de mulheres que ocupam o centro. Para tanto, é necessário conhecer o lugar, as mulheres que o frequentam e as relações que acontecem nesse espaço.

---

<sup>2</sup> Segundo Suely Rolnik (1997) subjetividade " [...] é o perfil de um modo de ser - de pensar, de agir, de sonhar, de amar, etc. - que recorta o espaço, formando um interior e um exterior". Em outras palavras, subjetividade se caracteriza naquilo que é individual, relativo, particular e íntimo do próprio indivíduo, assim como a expressão de seu ponto de vista e julgamentos de valores individuais.

Conhecer não é tão somente representar o objeto ou processar informações acerca de um mundo supostamente já constituído, mas pressupõe implicar-se com o mundo, comprometer-se com a sua produção. [...] É preciso, então, considerar que o trabalho da cartografia não pode se fazer como sobrevoo conceitual sobre a realidade investigada. Diferentemente, é sempre pelo compartilhamento de um território existencial que sujeito e objeto da pesquisa se relacionam e se codeterminam. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 131)

É necessário entender as condições que persistem na produção e reprodução de opressões e desigualdades, assim como as questões que transpassam a dominação e vão para a zona de aprazimento, e o caminho escolhido precisa oferecer o subsídio necessário para um texto que dialogue com a questão de gênero na cidade de Goiânia. O processo utilizado neste trabalho transita entre o campo prático e teórico, ou seja, pela práxis, ação concreta. O caminho é guiado por três frentes: **revisão bibliográfica, processos cartográficos que envolvem pesquisa participante (entrevistas/relatos), e elaboração teórica**. Essas frentes funcionam como referências que são calibradas de acordo com o percurso do trabalho.

Nessa perspectiva a dissertação será dividida em três capítulos. No **Capítulo 1** é apresentado um levante historiográfico e teórico através de um inventário atual feminista, antirracista, atenta às questões de classe, idade, sexualidade e livre de forças coercitivas normatizadoras.

No primeiro momento trago questões relativas à subversão da perspectiva tradicional historicamente construída que este trabalho se propõe. Michel-Polph Touillot (2016), argumenta que os indivíduos retratados na história não são apenas atores, mas também narradores. Alguns deles têm suas vozes ouvidas, enquanto outros são relegados a meros coadjuvantes por não terem o poder de contar sua própria história.

Dado o vínculo entre história e poder, qualquer narrativa que se autodenomine histórica busca apresentar uma "pretensão de verdade". No entanto, cada narração, é apenas um simulacro da verdade. O que significa que, para compreender eventos, é necessário considerar outras experiências além das que foram conceituadas pela historiografia tradicional.

A partir disso, o trabalho se volta a analisar as questões formadoras das relações histórico-sociais que levaram as mulheres a ocuparem o papel de "outro" ao qual foram relegadas. O objetivo é, também, analisar as origens da subjugação sob a qual as mulheres vivem e compreender os mecanismos pelos quais os homens reivindicam o controle sobre seus corpos. Utilizo referências primordiais como Simone de Beauvoir e Carole Pateman para subsidiar a teoria acerca da formação da sociedade patriarcal e Bell

Hooks para sobrepô-las no que se diz respeito à interseccionalidade com movimentos de raça.

O trabalho segue, a partir dessas questões, à análise dos princípios baseados em ideologias sexistas que deram forma às cidades e à sociedade que resultaram em obstáculos, tangíveis ou não, que efetivamente revelam a falta de inclusão desses corpos no contexto urbano.

O **capítulo 2**, inicialmente, se volta para a investigação e apresentação dos métodos que auxiliam na produção da pesquisa. O trabalho utiliza uma abordagem prática e teórica integrada, são empregadas metodologias como etnografia, cartografia e pesquisa-participante na busca de enfatizar a necessidade de reconhecer e reavaliar as contribuições cotidianas femininas, desafiando narrativas dominantes e promovendo uma maior inclusão e representação das mulheres e suas vivências da cidade.

Aqui, também se tem como propósito a apresentação do espaço de análise, no qual não se tem o objetivo de retomar a mística e história tradicional, mas sim apresentar características importantes para a pesquisa da dissertação. A construção de Goiânia é continuamente associada a figuras masculinas, como Getúlio Vargas, Pedro Ludovico Teixeira, e os arquitetos Atílio Correa Lima e Armando Augusto de Godoy. Contudo, essa narrativa omite a contribuição das mulheres e marginaliza outras perspectivas.

Goiânia, como tantas outras cidades brasileiras, tem suas estruturas urbanas e sociais enraizadas em valores patriarcais, mas o movimento feminista continua a lutar

por maior igualdade e reconhecimento. Com isso em vista há, então, a apresentação das personagens que comporão o trabalho e o inventário proposto.

No **capítulo 3** o trabalho dará enfoque para as mulheres que fazem parte da análise. São três mulheres que vivem neste espaço de maneiras diversas, com histórias, contextos e valores diferentes. A apresentação de seus relatos será entremeada com teorias que abordam questões referentes à suas vivências, como domesticidade, trabalho, marginalidade e lazer.

Adianto, ainda, que este trabalho não tem como objetivo final uma conclusão tradicional, mas o princípio de discussões em torno das vidas e histórias das mulheres no centro de Goiânia, muitas vezes invisibilizadas nas narrativas e nos projetos urbanos. Em vez de uma investigação tradicional, o estudo se apresenta como uma análise dinâmica e expansiva, que não apenas questiona o cotidiano, mas também as próprias práticas de análise e as interações sociais, buscando descentralizar o discurso urbano, reconhecendo a complexidade das experiências e identidades das mulheres. Reconhecendo o marcador de gênero como essencial para uma análise justa e equitativa das cidades, o trabalho propõe uma cidade mais inclusiva e diversificada, onde as histórias e experiências das mulheres sejam parte integral do tecido urbano.

Imagem 2: Obra da série “Mátia Livre”, da artista Marcela Cantuária. Óleo, acrílica, purpurina e cola s/ tela. 150 x 200 cm, 2019. A representação da série parte do pressuposto de reverenciar mulheres latino-americanas que construíram espaços na política. Fonte: Cantuária, 2019.



# CAPÍTULO 1

## UMA NOVA PERSPECTIVA

---

### MITO

Há muito tempo, Édipo, velho e cego, vagava pelas estradas.

Ele sentiu um cheiro familiar. Era a Esfinge.

Édipo disse: "Gostaria de te fazer uma pergunta.

Por que eu não reconheci minha mãe?"

"Porque você deu a resposta errada", lhe disse a Esfinge.

"Mas foi tal resposta que tornou tudo possível", disse Édipo.

"Não", ela disse. "Quando eu perguntei:

'O que caminha com quatro pernas pela manhã,

duas à tarde e três à noitinha',

você respondeu: 'Homem'. Você não disse nada sobre a Mulher."

"Mas quando você diz Homem", falou Édipo,

"isso inclui as mulheres também. Todo mundo sabe disso."

Ela lhe replicou: "Isso é o que você pensa"<sup>3</sup>

(RUKEYSER, 1973, n.a.)

Édipo é um herói da mitologia grega, em seu mito ele, sem saber, mata seu pai, resolve o enigma da esfinge e desposa a viúva do homem que ele matou, sem saber que era sua mãe. Ao descobrir a terrível verdade a sua esposa, e mãe, se enforca e Édipo perfura seus próprios olhos por achar que era cego por não ter visto o que fez e torna-se um andarilho.

Muriel Rukeyser (1973) nos propõe uma outra perspectiva para o desfecho dessa história. Muito tempo depois Édipo, já cego, velho e sozinho, reconheceu o cheiro da esfinge que um dia enfrentou, ele então questiona o porquê de ele não ter reconhecido sua mãe, a esfinge responde que ele havia errado a resposta ao enigma: "Quando eu perguntei 'O que caminha com quatro pernas pela manhã, duas à tarde e três à noitinha',

---

<sup>3</sup> Tradução da autora, original: Long afterward, Oedipus, old and blinded, walked the roads. He smelled a familiar smell. It was the Sphinx. Oedipus said, "I want to ask one question. Why didn't I recognize my mother?" "You gave the wrong answer," said the Sphinx. "But that was what made everything possible," said Oedipus. "No," she said. "When I asked, What walks on four legs in the morning, two at noon, and three in the evening, you answered, Man. You didn't say anything about woman." "When you say Man," said Oedipus, "you include women too. Everyone knows that." She said, "That's what you think." (RUKEYSER, 1973)

“você respondeu: ‘Homem’. Você não disse nada sobre a Mulher”. “Mas quando você diz Homem [...] isso inclui as mulheres também. Todo mundo sabe disso.” Respondeu Édipo. “Isso é o que você pensa”, disse então à esfinge.

Na versão provocativa de Rukeyser, a esfinge aponta para a exclusão das mulheres na resposta de Édipo, sugerindo que sua cegueira para a verdade sobre sua própria mãe estava enraizada na exclusão das mulheres da equação. Essa nova interpretação desafia as noções tradicionais de masculinidade e poder, destacando a necessidade de reconhecer e incluir perspectivas femininas. Assim, a conclusão proposta por Rukeyser sugere uma reflexão sobre as estruturas de poder e as narrativas dominantes, como muitas outras obras propostas no decorrer desse trabalho, incentivando-nos a questionar nossas suposições e ampliar nossa compreensão para incluir todas as vozes e experiências.



O objetivo deste trabalho é ser um respiro dentro da historiografia exclusivamente masculina sobre a história de um espaço. Trata de uma reorientação que busca dar visibilidade para histórias e estórias afim de contribuir para o inventário epistemológico feminista referente ao centro de Goiânia que por muito tempo relegou narrativas que não se adequavam a normativas relativas ao tradicional. Busco, dessa maneira, tentar reverter a violência arquivada que se fez presente na produção historiográfica oficial. Num espaço que continuamente se atualiza de forma heteropatriarcal, colonial e neonacionalista.

Segundo Rolnik (2019) a condição narrativa colonial-capitalística é uma patologia histórica do inconsciente que atua por meio de uma micropolítica reativa. Isso leva a uma multiplicidade de micropolíticas ativas, resultando em um processo contínuo de transformação global. Além disso, ela destaca que há um extrativismo colonial e neoliberal dos recursos do inconsciente e da subjetividade, tais como a linguagem, o desejo, a imaginação e o afeto por meio dessa narrativa que invisibiliza outras possibilidades.

Imagem 3: Obra “Checkout”, da série “Quero te dar o corpo total do dia”, da artista Marcela Cantuária. Óleo s/ tela. 40 x 30 cm, 2020. A representação pode ser lida como a esfinge de Édipo, os gregos acreditavam que a esfinge possuía corpo felino, asas e um rosto feminino. Fonte: Cantuária, 2020.



Essa narrativa se reveste de legitimidade uma vez que é ecoada por agentes oficiais, sempre lidos como “centrais”, enquanto outros discursos são marginalizados de diferentes formas:

[...] seja por invisibilização (como um lugar do não-lugar, próprio a sujeitos invisíveis, não existentes), seja como o "outro" (menor, inferior), seja até mesmo e simplesmente como "diferente" (o que só pode aparecer como tal com relação a um centro de gravidade que legitima certa zona de identificação como modelo). (ALT, 2019, p.40)

Vê-se, então, que os discursos explicativos oficiais são mantidos principalmente através de uma estrutura que marginaliza e centraliza. Aqui, não busco corromper o gesto binário da história oficial com a tomada do “centro” pela “margem” (ALT, 2019). O objetivo é expor e dividir o centro, deslocá-lo, com o propósito de evitar a produção de dualismos autocentrados. Essa intervenção implica simultaneamente a desmarginalização daquilo que é expulso pela força central.

Preciado (2020) recorre ao termo travessia para nomear esse movimento de deslocamento e divisão do centro., sendo esta uma possível ferramenta para subverter hierarquias reverberadas por um discurso tradicional.

Se nos concentrarmos no movimento de centralização e marginalização, vemos claramente a divisão dos lugares a serem ocupados pelos diferentes gêneros e para onde tende o centro de gravidade. É como se numa determinada cidade o “centro” fosse habitado pela verdade, pela seriedade e pelo modelo, enquanto o periférico pela meia-verdade, pela simulação e pelos simulacros. (ALT, 2019, p. 43)

Dentro da lógica patriarcal, o “centro” é habitado pelo discurso sexista oficialmente reverberado, e a partir do qual toda a “margem” representada aqui por discursos alheios a este primeiro, deve orbitar.

Além disso, dentro da lógica normalizadora e binária, o centro não é apenas o centro, é o discurso “correto”, o único, o universal. E a margem se torna o geral, dentro desse raciocínio existe a verdade, e o resto, que não condiz com a “normalidade”.

A travessia do centro é apresentada no livro de Bell Hooks (2019): *E Eu Não Sou Uma Mulher?* Nesta produção a autora quebra a órbita tradicional da centralidade do discurso feminista branco trazendo a luz histórias sobre mulheres negras que foram invisibilizadas dentro do movimento feminista. A autora não busca no texto tomar para si o papel detentor de poder central, e sim dividi-lo com personagens que sempre estiveram à margem. Rebecca Solnit (2016), em seu livro *A História do Caminhar*, faz o mesmo caminho trazendo à luz a história de mulheres errantes e flandrasas sem tentar reproduzir um discurso binário com personagens masculinos da historiografia de seu tema. Ainda nessa perspectiva se apresentam os diários de Carolina Maria de Jesus (2019), fugindo de perspectivas que continuamente se repetem na historiografia tradicional.

Ao inverter e deslocar, os lugares não são mais os mesmos, os solos giram, as centralidades se dispersam e a pretensão universal mostra sua caricatura sustentada pelos interesses econômicos-políticos e legitimada pelo pensamento. (ALT, 2019, p. 49)

Sobre o tema, também em uma perspectiva brasileira, podemos observar a travessia na escrita de Conceição Evaristo (2017), em seu livro *Ponciá Vicêncio* a autora utiliza a escrita como uma ferramenta para dar voz às experiências e vivências das mulheres negras, destacando as questões de identidade, memória e resistência de seus relatos. Neste livro, assim como em muitos outros poemas e contos da autora, podemos compreender o conceito de "escrevivência". Para a autora era necessário falar sobre o cotidiano, sobre as lembranças, as suas experiências de vida pessoais e daqueles que ela considera como o seu povo. A obra de Evaristo destaca a necessidade crucial de perturbar a hegemonia na produção científica, predominantemente branca e androcêntrica, por meio da escrita de mulheres negras. Isso representa um sinal significativo da virada epistêmica na qual essa produção se encaixa, além de fortalecer uma ética comprometida com a militância nos escritos e movimentos políticos feministas.

Segundo Michel-Polp Touillot (2016) autor de *O Poder na Estória*, os indivíduos que a história abrange não são apenas atores, são também narradores. De forma que alguns deles tiveram suas vozes ouvidas e outros passaram como meros coadjuvantes por simplesmente não terem o *poder* para contá-la. De maneira que “no melhor dos casos, a história é uma estória sobre o poder, uma estória sobre os vencedores.” (TROUILLOT, 2016, p. 25)

Em vista da relação entre a história e poder, qualquer narrativa dita histórica tem como objetivo oferecer uma “pretensão de verdade”, sendo cada narração, cada estória, um simulacro da verdade. Um autor ao escrever que as mulheres cis são “fracas”, em relação à homens cis, pelo aspecto de “terem sua capacidade de trabalho reduzida por conta da gestação de filhos”, ignora a vertente da necessidade dessa habilidade para a continuidade biológica da espécie. Segundo Raewyn Connell (2012) “a construção de conceitos nas ciências sociais sempre envolve uma reificação da experiência social”, de maneira que para revelar situações é necessário buscar outras experiências, além daquelas conceituadas por uma historiografia tradicional.

Connell (2012) ainda propõe algumas possíveis estratégias de resistência à hegemonia histórica. Dentre elas, o autor apresenta a ideia de trazer uma crítica pós-colonial ao pensamento ocidental, especificamente de questionamento de estruturas de gênero, classe e raça.

Dentro dessa perspectiva o trabalho é guiado com o intuito de reforçar uma pesquisa antropológica urbana descentralizada e democrática, que valorize vozes que foram historicamente ignoradas e relegadas a um lugar de marginalidade.

Imagem 4: Escrivencia, por Conceição Evaristo (com alteração de saturação da autora).  
Fonte: Itau Cultural, 2017

Imagem 5: Obra “Salão de Mulheres” ou “1º Salão de Artes Latino Americana e Caribeño”.  
Óleo acrílica e spray sobre tela. 200 x 300cm, 2022. Nesta obra a artista critica as representações tradicionais que privilegiam o eixo Norte-Sul que desconsideram a perspectiva do Sul e o papel essencial das mulheres latino-americanas. Fonte: Cantuária, 2022.

MINHA ESCRE .vivência vem do quoti-  
diano dessa cidade que me acolhe  
há mais de vinte anos e das  
lembranças que ainda guardo DE  
MINAS. VEM dessa pele. memória -  
histórica passada PRESENTE e FUTURA  
que existe EM MIM. VEM de uma  
teimosia, quase INSANA, de uma insistên-  
cia que nos MARCA e que não nos  
deixa esquecer, apesar de. Pois entre a  
dor, a dor e a dor, é ali que reside  
a esperança



## O OUTRO CORPO

Para entender a experiência da mulher dentro da cidade é necessário um estudo sobre os contornos das relações históricas sociais que levaram às mulheres a este papel delegado de “*outro*” no qual elas se encontram atualmente. Este capítulo tem o objetivo de discorrer sobre as origens da sujeição sob as quais as mulheres vivem e compreender os meios pelos quais homens reivindicam o domínio de seus corpos.

A sociedade contemporânea ocidental é pautada em um modelo de dominação político-sexual patriarcal que é responsável pela reprodução da ideia de inferioridade do feminino perante o masculino. Segundo Simone de Beauvoir (2019) a construção do ser-mulher foi edificada sobre a ideia de um destino pré-estabelecido a ser cumprido por homens e mulheres que justificaria a separação do público/privado, confinando as mulheres no âmbito privado do lar.

Para a autora a diferenciação de papéis sociais relegados aos homens e as mulheres foram instituídos em decorrência de diferenças biológicas. A autora afirma que a capacidade de gestação da mulher fez com que esses indivíduos tivessem seu “potencial de trabalho” diminuído em razão da gravidez, partos e da menstruação. E este atributo, aliado à aptidão física masculina, relegou às mulheres os trabalhos agrícolas sedentários e regulares ao passo que os homens ficaram com as funções relacionadas à caça, conflitos e guerras.

Nessa etapa já é possível perceber uma divisão clara entre trabalhos produtivos e trabalhos reprodutivos, as atividades associadas ao cuidado da família e ao pastoreio eram vistas como inferiores em relação àquelas exercidas pelos homens na esfera social pública.

Beauvoir afirma que, por não poder controlar as condições naturais que as caracterizavam como “fracas”, as mulheres passaram a ser vistas como sujeitos passivos às forças da natureza<sup>4</sup>. Os homens, num extremo oposto, eram os indivíduos que dominavam as condições naturais e não eram reféns de características pré-atribuídas. Nessa perspectiva os homens podiam subjugar toda a natureza, aí incluído as mulheres.

---

<sup>4</sup> Hoje consoante com essa teoria temos os debates dos Ecofeminismos, em que há uma comparação entre a exploração e a opressão de mulheres e da natureza. Para esta discussão, a presença da natureza e das mulheres foi evidente nos discursos das estratégias de dominação política do pensamento moderno ocidental desde o surgimento do capitalismo. E, nessa perspectiva, para combater o patriarcado é necessário assumir uma postura crítica ao desenvolvimento e buscar alternativas que levem em consideração uma consciência ecológica. (BARRAGÁN, LANG, CHÁVEZ E SANTILLANA, 2020)

Assim, o triunfo do patriarcado não foi nem um acaso nem o resultado de uma revolução violenta. Desde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos. [...] Condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher também estava condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino. (BEAUVOIR, 2019, p. 112)

Segundo Philip Yang (2020) o surgimento das cidades resultou da necessidade de aglomerações humanas em torno da produção de bens e serviços, que substituiu o sistema nômade de coleta e caça. Há, posteriormente, uma especialização do trabalho quanto ao pastoreio e a plantação de alimentos e os excedentes dessas produções se transformam em material de troca e venda. Surgem nesse momento os dois grandes pilares da sociedade ocidental contemporânea: o mercado e o estado.

O surgimento desses dois conceitos prevê a ideia da propriedade privada: os indivíduos que detêm a posse de terras e meios de produção possuem também poder sobre a produção e, portanto, controlam o mercado. Para Beauvoir (2019) esse é um momento de grande impacto na história das mulheres: os homens passaram a reivindicar também os corpos dessas como propriedades.

E num sistema social em que os bens passam de pais para filhos era imprescindível para os homens garantir que os seus herdeiros fossem legítimos, e essa convicção se dava pela castidade e controle da sexualidade feminina. Nesta lógica as mulheres são providas somente de adjetivos necessários à produção de bens (neste caso, herdeiros), são somente receptáculos, propriedades. O homem é dono de suas terras e de sua mulher, assim nasce o fundamento da sociedade patriarcal.

Destronada pelo advento da propriedade privada, é a ela que o destino da mulher permanece ligado durante os séculos: em grande parte, sua história confunde-se com a história da herança. (BEAUVOIR, 2019, p. 117)

Carole Pateman (1993), produz teorias acerca da formação da sociedade civil patriarcal através de outro meio: um contrato sexual. Ela parte da prerrogativa do contrato social defendido por Jean-Jacques Rousseau, Thomas Hobbes e John Locke. Para esses filósofos o contrato social possibilitou que o homem saísse do “estado de natureza” — um estado original no qual todos os homens são regidos apenas pelas leis da natureza — e adentrasse de forma racional na ordem política e social do Estado Civil. Os indivíduos, ao concordarem com o contrato, trocaram a insegurança e caos da liberdade natural pela liberdade civil equitativa estatal.

Porém, para a autora, essa nova ordem instaurada é uma ordem social patriarcal e, que além de aspectos sociais, implantou uma nova ordem sexual. As cláusulas sociais do contrato garantiriam a liberdade dos homens, enquanto os aspectos sexuais subjugariam as mulheres. Esse contrato, portanto, garante aos homens liberdade sobre as mulheres e elas se tornam então a primeira propriedade instituída nesta nova ordem:

Com exceção de Hobbes, os teóricos clássicos argumentam que as mulheres naturalmente não têm os atributos e as capacidades dos "indivíduos". A diferença sexual é uma diferença política; a diferença sexual é a diferença entre liberdade e sujeição. As mulheres não participam do contrato original através do qual os homens transformam sua liberdade natural na segurança da liberdade civil. As mulheres são o objeto do contrato. (PATEMAN, 1993, p.21)

Nota-se então que na dicotomia apresentada pelo contrato de um lado se mantém o público (universal e soberano) e de outro o privado (espaço particular intrinsecamente ligado às necessidades e desejos naturais). As mulheres, mantidas como propriedades, são agregadas em um espaço que é e, e ao mesmo tempo, não é parte da sociedade civil. A elas é relegada à esfera privada e os homens puderam escolher ficar na esfera pública, social.

A esfera privada, feminina (natural) e a esfera pública masculina (civil) são contrárias, mas uma adquire significado a partir da outra, e o sentido de liberdade civil da vida pública é ressaltado quando ele é contraposto à sujeição natural que caracteriza o domínio privado. (PATEMAN, 1993, p.28)

Dessa maneira o contrato social, que também é sexual, produz um binarismo que coloca mulheres em posição desigual em relação aos homens ao mesmo tempo que se fundamenta em um discurso libertário. A realidade é que as mulheres não gozavam de liberdade para ativamente acordar com o contrato social, este foi-lhe imposto. Nessa sociedade o homem detém as posses de terras, animais, escravos e filhos e esposa, é o agente que produz; e a mulher é relegada a atividades privadas, domésticas e de reprodução subvalorizadas.

A fim de garantir o direito sobre a mulher, os homens passaram a utilizar as instituições como a religião e o estado para validar seu domínio. A manutenção da propriedade humana é feita pela fé e pela lei que denominam as mulheres como seres facilmente corrompidos e de natureza rebelde que devem ser domadas e controladas por seus pais e posteriormente seus maridos.

Ao longo de grande parte da história ocidental houve mulheres que lutavam contra essa conjuntura que-lhes foi imposta. A partir do século XIX, porém, começam a aparecer críticas mais fortes a essas teorias hegemônicas patriarcais. Nesse momento crescem movimentos de luta por liberdade civil.

O feminismo como conceito surge então para caracterizar a ocasião em que as mulheres começavam a se organizar para lutar por seus direitos básicos. Houve, desde então, "ondas" do movimento feminista, esses diferentes momentos são separados em relação às pautas pertinentes a cada período histórico nos quais elas ocorreram.

---

### **o feminismo negro**

É inegável a relevância de Simone de Beauvoir e Carole Pateman para a teoria feminista, mas ambas autoras falharam em abranger a história de *grande parte* das mulheres. Bell Hooks (2016) afirma que por muito tempo a teoria feminista foi escrita e reverberada apenas pelas vozes de mulheres brancas e abastadas, de maneira que o movimento feminista carregou uma narrativa centrada em uma realidade de privilégios. Para Hooks as mulheres não eram todas igualmente oprimidas, pois isso desconsiderava a experiência real de mulheres negras, desafortunadas e trabalhadoras em prol da história de mulheres brancas de classe média e ricas.

A história das mulheres negras na sociedade ocidental foi, por muito tempo, atrelada à constituição de uma sociedade escravocrata e a essas mulheres nunca coube *apenas* os trabalhos domésticos, e o sexismo da sociedade não era a única força coercitiva que era exercida sobre essas. Hooks (2016) defende então que a única maneira de desvincular o feminismo de uma ideologia burguesa é produzir uma teoria que aborde a questão racial como um mal a ser combatido assim como o machismo. Visto que as mulheres só poderiam se considerar livres quando *todas* o pudessem ser.

Ainda de acordo com Hooks (2016) por conta da supressão do racismo como pauta que por muito tempo ocorreu dentro do movimento feminista, as mulheres negras se viam tendo que escolher entre o movimento libertário do racismo, no qual os homens ainda exerciam dominação sobre seus corpos, ou o movimento libertário feminista, em que as mulheres brancas não reconheciam o racismo como pauta relevante. Por fim, essas mulheres negras, em sua maioria, possuíam maior identificação com homens do mesmo grupo racial e classe, pois mulheres negras e pobres vivenciavam suas vidas e resistências ao lado dos homens negros da mesma classe que eram oprimidos por homens e mulheres brancas.

Portanto, para Hooks, a perspectiva que devemos focalizar para entender a dominação do homem sobre a mulher é a da força coercitiva do capitalismo. De maneira que não é através da inversão de relações binárias que a revolução feminista deve se dar, e sim da luta contra a existência da binaridade em si, coagida pelo capitalismo.

Hooks, assim como muitas autoras posteriores, se alimentou das contribuições de um processo que se iniciou em torno do século XIX que tinha como preocupação marcadores sociais – de racismo, heterossexualidade e exploração por classe social - dentro do movimento feminista. (HENNING, 2015)

Um fato memorável na formação da interseccionade com o movimento de raça dentro do movimento feminista foi o discurso de Sojourner Truth, uma mulher afro-americana que sofreu o processo de escravidão, proferido em 1851:

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? (TRUTH, apud HOOKS, 2016)

O discurso se apresenta no princípio da primeira onda do feminismo norte-americano, mas a abertura real do movimento para essa pauta só foi efetivada na segunda onda.

---

### as “ondas” do feminismo

A primeira onda do feminismo tinha como prerrogativa principal o sufrágio universal<sup>5</sup>. No Brasil, teoricamente, o movimento iniciou em meados do século XIX e foi até 1932, quando, sob o governo de Getúlio Vargas, as mulheres conquistaram o direito ao voto. Segundo Biroli e Miguel (2014) essa foi uma vitória fundamentalmente simbólica uma vez que ainda hoje a representação feminina no pleito não espelha quantitativamente a população brasileira.

---

<sup>5</sup> Processo democrático de escolha no qual todos os indivíduos, independente de gênero, cor e classe, têm direito a voto.

A segunda onda do feminismo tinha caráter principalmente libertário, buscava uma relação social em que as mulheres pudessem ter mais autonomia e liberdade para decidir sobre seu corpo e a condução de sua vida. Neste momento, as mulheres negras respondiam, de forma crítica, às publicações de feministas brancas que desconsideravam o racismo como força coercitiva relevante. A partir disso essas mulheres, frustradas com o descaso das feministas brancas em relação ao racismo e com os homens de cor com o sexismo, passaram a se organizar e entoar suas demandas e questões, que não eram ligadas à superação de preconceito de gênero ou raça, e sim de gênero e raça. Neste ponto Ângela Davis pública *Mulheres, Raça e Classe* (1981) e Bell Hooks pública o supracitado *E Eu Não Sou Uma Mulher?* (1981), as duas publicações são consideradas de grande relevância dentro da teoria feminista interseccional. (HENNING, 2015)

Há também, nesse momento, o questionamento férreo sobre questões que perduraram durante toda a história das sociedades civis ocidentais como os papéis de gênero e a divisão sexual do trabalho, que designam, respectivamente, o âmbito social e o trabalho produtivo para os homens e o âmbito privado e o trabalho reprodutivo para mulheres. São debatidos os motivos pelos quais as atividades consideradas femininas são subvalorizadas, levando a carência de autonomia financeira e ideológica das mulheres. (BIROLI, MIGUEL, 2014)

A esfera pública, nessa discussão, abarca questões de voz e representação política, justiça e razão, é o espaço dos frutos advindos do trabalho produtivo e da subjetividade. Já a esfera privada abarca questões referentes ao espaço doméstico e à maternidade, e quando esses são relegados as mulheres acabam por reproduzir estereótipos de gênero. Ainda segundo os autores Biroli e Miguel (2014) a contínua

[...] garantia da privacidade para o domínio familiar e doméstico foi visto como uma das ferramentas para a manutenção da dominação masculina. A compreensão do que o que se passa na esfera doméstica compete apenas aos indivíduos que dela fazem parte serviu para bloquear a proteção aqueles mais vulneráveis nas relações de poder. (BIROLI E MIGUEL, 2014, p.32)

Ou seja, a discussão presente nesta fase do movimento feminista traz à luz relações que ocorrem na esfera privada. A segunda onda, portanto, põe em vista as relações desequilibradas que precisam de atenção para que os direitos civis sejam plenamente usufruídos.

No Brasil a segunda onda se deu em um momento de grande instabilidade política, em meio ao golpe civil-militar de 1964, o que levou a uma investida de censura

em movimentos relacionados à direitos civis, o movimento feminista aí incluído. Por conta dessa repressão, os movimentos que sobreviveram tiveram que se articular na surdina, nesse momento floresceram aqueles movimentos que se “organizaram em bases locais, enraizando-se na experiência cotidiana dos moradores das periferias pobres, dirigindo suas demandas ao Estado como promotor de bem-estar social.” (BATISTA, 2018, p. 33)

Somente no final dos anos 1970 as questões relativas ao feminismo eclodiram novamente, nesse momento as principais pautas estavam em torno de luta contra a violência contra a mulher, pesquisas sobre papéis de gênero e aborto. Depois, durante a redemocratização, também entrou em destaque dentro das discussões feministas questões relativas à representação pública feminina no raio da nova democracia. (BATISTA, 2018)

Em relação à interseccionalidade que nesse momento latejava em outros locais, no Brasil ainda era um tema relegado. Isso porque reinava a ideia de que o país existia sobre a égide de uma “democracia racial”, um mito político que prescrevia a ideia de um lugar onde não existe preconceito de raça, de modo que a cor não interferiria na possibilidade de ascensão ou declínio social de um indivíduo (AZEVEDO, 1994).

Desta maneira foi a referência negra norte-americana que por muito tempo auxiliou e influenciou a teoria feminista interseccional no Brasil, muitas dessas referências foram trazidas com o retorno das anistiadas políticas, que haviam sido exiladas do país no período da ditadura militar, que experienciaram a vida no exterior e tiveram contato com o cenário feminista de outros países. (BATISTA, 2018)

Apesar de todo o cenário apresentado, é importante ressaltar que esse é um panorama geral que não olha, intrinsecamente, a realidade goianiense. Goiânia foi fundada em um local com histórico conservador tradicional, no qual a autoridade patriarcal tinha um rígido controle sobre todas as esferas da vida cívica:

Suas bases, que ela identifica como “de mando e obediência”, ultrapassariam os limites políticos e institucionais, refletindo-se nas relações sociais nas quais as mulheres goianas estavam inseridas. Nessas relações, a autoridade masculina direcionaria todas as dinâmicas de suas vidas. Não por acaso, será o questionamento dessas diversas violências contra as mulheres que dará um sentido organizador às manifestações locais. (BATISTA, 2018, p. 38)

A terceira onda do feminismo ocorre a partir da década de 1980 e debate, principalmente, questões referentes à ideia de feminilidade, à luta por terra, mais atenta ao recorte de raça e orientação sexual. É também a onda que caracteriza, mais

profundamente, o conceito de objetificação das mulheres. Neste momento elas já tinham conseguido se desvencilhar de muitas das amarras do sistema patriarcal que as colocava como propriedade e, portanto, disponível ao consumo dos homens. Ocorre que o machismo objetificador transformou-se e vem à tona de outras maneiras: o corpo da mulher passa a ser um meio e produto de venda utilizado pelas novas mídias. E, mais uma vez, a mulher é utilizada como bem privado, alvo de desejo, pelo mercado. (BIROLI E MIGUEL, 2014)

Há também teóricos que defendem a existência de uma quarta onda do feminismo que se firma profundamente no uso das novas mídias sociais para organização e propagação de ideais de cunho feministas. Como muitos movimentos contemporâneos, ele se tornou fragmentado, o que trouxe maior diversidade para a discussão. Os focos principais dessa onda seriam pautas mais estruturais como a cultura do estupro, micro agressões, representatividade e mais do que nunca: interseccionalidade com outros movimentos sociais.

Segundo Pierre Bourdieu (2002) um dos grandes males que afligem as mulheres atualmente é a dominação simbólica. Esse conceito trata de uma violência inconsciente que acontece entre homens e mulheres, determinada por hábitos e atos sutis, que surgem em decorrência de relações de poder arraigadas em toda a estrutura social. O autor afirma que mesmo com as conquistas que foram alcançadas em todos os anos de luta feminista, alguns conceitos persistem no imaginário e no subconsciente de homens e mulheres.

Judith Butler (2016) defende, ainda, o conceito de “pós-feminismo”, uma conjuntura que permite que o movimento feminista seja pensado sem necessariamente a construção de um sujeito-mulher, uma ideia que liberta a teoria feminista do conceito de identidade única e permanente do feminino.

---

### **os feminismos pós-coloniais**

Os chamados feminismos pós-coloniais emergiram nos anos 1980 e representam uma crítica ao feminismo hegemônico que, segundo suas teóricas, é pautado em um existencialismo que pressupõe alguma superioridade inata das mulheres, e que continuamente ignora diferenças de classe, cor, etnia e história. Influenciado pela desconstrução e pelas vozes das feministas negras e lésbicas dos EUA dos anos 1980, esse movimento destaca a importância de reconhecer e respeitar as

diversidades culturais e individuais das mulheres, especialmente aquelas do Sul global. (BARRAGÁN, LANG, CHÁVEZ E SANTILLANA, 2020)

Conforme Barragán et al. (2020) os ditos feminismos pós-coloniais partem do princípio de que o feminismo ocidental é eurocentrado e se pautam em uma visão simplista em que as mulheres do Sul global são colocadas como vítimas passivas do desenvolvimento, enquanto as de países ditos de "Primeiro Mundo" são vistas como agentes históricas e detentoras de determinado poderio de desenvolvimento. Além disso o movimento denuncia o neoliberalismo global, que através da égide do desenvolvimento e do progresso deixa um rastro de exploração de recursos naturais em países em desenvolvimento.

Lélia Gonzalez (2020) se insere na perspectiva de um feminismo pós-colonial de maneira que ela ressalta as falhas do movimento feminista ocidental, do norte global, em abordar adequadamente questões raciais, não só em relação à movimentos negros, mas também de movimentos indígenas, que são fundamentais para se compreender as desigualdades de gênero presentes em sociedades na América Latina.

E, de maneira mais abrangente, os movimentos feministas pós-coloniais criticam a heterossexualidade reprodutiva, afirmando que este é um pilar do patriarcado e do colonialismo. De forma que seria necessário repensar não apenas os modelos econômicos, mas também as relações sociais e culturais que sustentam as estruturas de poder dominantes.

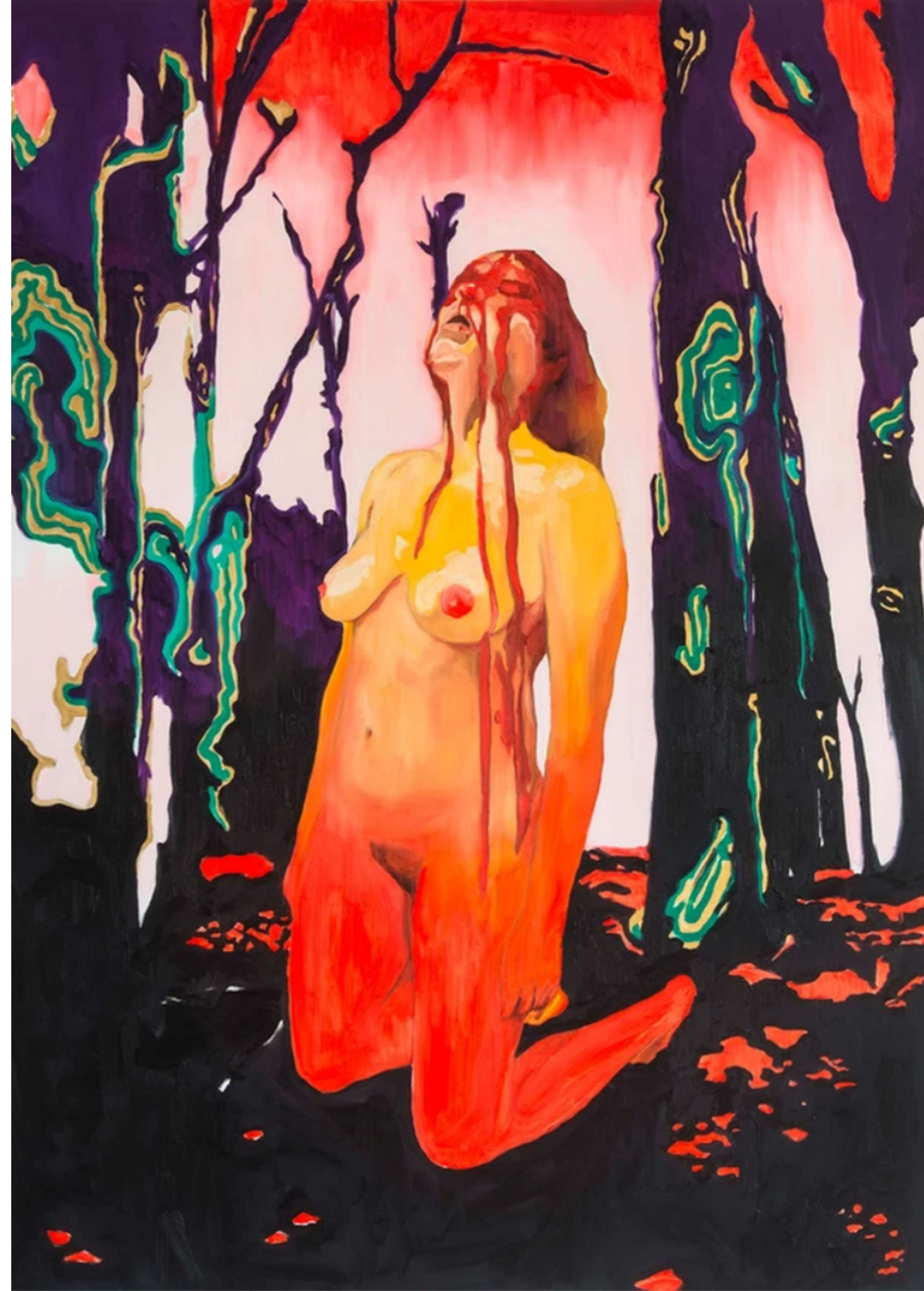
Durante as últimas décadas, os países latino-americanos foram palco de reformas neoliberais que fortaleceram o extrativismo, e no final, as maiores consequências recaem sobre as mulheres destes países, principalmente as indígenas, negras e de renda baixa, que suportaram uma carga desproporcional de trabalho doméstico e produtivo, enquanto suas demandas e identidades foram fragmentadas pela lógica neoliberal de mercantilização. (BARRAGÁN, LANG, CHÁVEZ E SANTILLANA, 2020)

Contudo, para Barragan et al. (2020), essas décadas também testemunharam resistência organizada, especialmente por parte de povos e organizações indígenas, que se tornaram protagonistas na luta contra o neoliberalismo e na busca pela recuperação de um Estado redistributivo e anti-imperialista. Surgiu um feminismo "comunitário e popular", especialmente no Equador e na Bolívia, que se posicionou como parte integrante de resistências e mobilizações históricas na América Latina, rompendo com a visão de que o feminismo é uma importação do Norte global cujas protagonistas seriam exclusivamente mulheres brancas de países desenvolvidos.

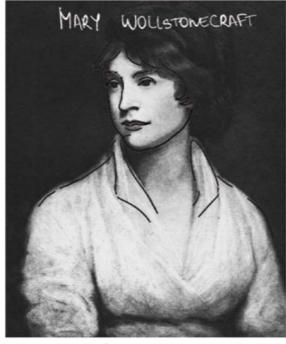
Esses feminismos pós-coloniais articulam a luta pela despatriarcalização aliado à uma descolonização, superação do capitalismo e construção de uma nova relação com a Natureza. Propondo uma nova perspectiva feminista que reconheça as diversidades sexuais, raciais e de classe, enquanto buscam construir caminhos coletivos de transformação.

Imagem 6: Obra "Banho de Sangue", da série "Mátria Livre", de autoria da artista Marcela Cantuária. Óleo e acrílica s/ tela. 200 x 150 cm, 2018. Fonte: Cantuária, 2020.

Imagem 7: Conquistas femininas ao longo do tempo. Fonte: produção da autora a partir das referências teóricas indicadas em texto e de imagens indicadas nas referencias de imagens.



1792



**TEORIA**  
Publicação do livro "Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher" (1792) de Mary Wollstonecraft, considerada uma das fundadoras da filosofia feminista inglesa e da realidade ocidental.

1792

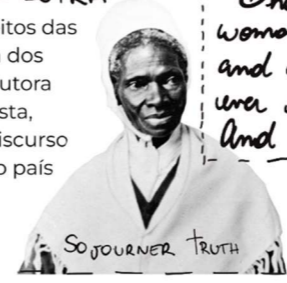
TEÓRICO INÍCIO 1ª ONDA FEMINISMO NO BRASIL

SÉCULO XIX

1827 1832

**TEORIA BRASILEIRA**

Publicação de "Direitos das mulheres e injustiça dos homens" (1832) da autora brasileira Nísia Floresta, que reverberava o discurso de Wollstonecraft no país



Discurso de Sojourner Truth nos EUA.  
"What man over there says that woman need to be helped into carriages, and lifted over ditches [...]. Nobody ever helps me into carriages [...]. And ain't I a woman?"

1851

**JORNAL FEMININO**

O primeiro jornal feminino brasileiro "Jornal das Senhoras" é criado.



1852

1888

**REPÚBLICA!**

É eleita a primeira prefeita do Brasil e de toda a América Latina, Luíza Alzira Soriano Teixeira, logo em seguida essa conquista foi anulada.

**DIREITO AO VOTO!**

Conquistado o sufrágio de mulheres no Brasil, eleita a primeira deputada do país.



É assinada a Lei Áurea, que teoricamente garantiria o fim da escravidão no Brasil.

1888

1889

1918

1928

1932

É proclamada a república no Brasil.

Maria Lacerda de Moura publica "Em Torno da Educação" (1918).

Teórico final da 1ª onda feminismo no Brasil.

As mulheres brasileiras conquistam o direito ao aborto seguro em situações de perigo de vida para a gestante e quando a gravidez é resultante de estupro.



É lançada carta da ONU que reconhece igualdade entre homens e mulheres.

SIMONE DE BEAUVOIR LANÇA "O SEXO E O OUTRO" (1949)

TEÓRICO INÍCIO DA 2ª ONDA DO FEMINISMO NO BRASIL

É criada a primeira pílula anticoncepcional feminina via oral.

1960

1874 1879

Criação do "Partido Republicano Feminino", o primeiro partido político feminino brasileiro, teve papel fundamental na luta sufragista no país.

**DIREITO AO ENSINO**

As mulheres brasileiras conquistam o direito de acesso ao ensino superior.

1874 1879



No Brasil, o futebol, e outros esportes regulamentados por entidades internacionais, é liberado para prática feminina.

**LEI DO DIVÓRCIO!**  
Sancionada a chamada Lei do divórcio, que abria a possibilidade jurídica formal de dissolução de matrimônio no Brasil.

**GOLPE!**

É instaurada a Ditadura Militar no Brasil

1964 1977

1962

Neste ano, a Lei nº 4.212/1962 permitiu que mulheres casadas não precisassem mais da autorização do marido para trabalhar, elas também passariam a ter direito à herança e a chance de pedir a guarda dos filhos em casos de separação.

Nos Estados Unidos da América (EUA) Bell Hooks publica sua primeira obra "E eu não sou uma mulher?" (1981) e Ângela Davis publica "Mulheres, Raça e Classe" (1981).



Teórico início dos chamados Feminismos Pós-Coloniais, inspirados pela desconstrução e pelas vozes das feministas negras e lésbicas.

Teórico final da 2ª onda do feminismo no Brasil.

1979 1980

1980's 1981

1984

1985 1988

1992

1996

1998

**1ª DELEGACIA DA MULHER**  
Criação da primeira delegacia da mulher do Brasil.

Lélia Gonzales publica "Racismo e sexismo na cultura brasileira" (1984), no Brasil, e Bell Hooks publica "Teoria feminista: Da margem ao centro" (1984), nos EUA.

A constituição brasileira garante a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres.

No Brasil, ocorre o "1º Encontro Nacional de Mulheres Negras"

Carole Pateman publica "O Contrato sexual" (1988), na Inglaterra.

Nos EUA Judith Butler publica "Corpos que importam: os limites discursivos do 'sexo'" (1992).

O Congresso Nacional Brasileiro cria um sistema de cotas que obriga os partidos a inscrever pelo menos 20% de mulheres nas chapas eleitorais.

**SISTEMA DE COTAS**

Pierre Bourdieu publica "A dominação Masculina" (1998), na França.

No Brasil é criada a Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres, órgão federal que tem como trabalho o ligue 180, um canal de denúncia de violência contra as mulheres.

**LUTA CONTRA VIOLÊNCIA DE GÊNERO**

É sancionada a Lei Maria da Penha no Brasil.



2003

2006 2010

Eleita a primeira mulher Presidente do Brasil, **DILMA ROUSSEFF.**



A 1ª Marcha das Vadias acontece no Brasil.

2011

2015 2018

**NO BRASIL É APROVADA A LEI DO FEMINICÍDIO**

A importunação sexual passa a ser considerada crime no Brasil.

Violência psicológica é criminalizada no Brasil.

2021 2023

Entra em vigor no Brasil lei que facilita a laqueadura para maiores de 21 anos, sem a necessidade de consentimento do conjugue ou a existência de filhos.  
\*\*\*  
Aprovada a lei de Equiparação Salarial no Brasil.  
\*\*\*  
Ministérios dos Povos Indígenas e da Igualdade Racial são criados no Brasil. A frente deles, duas grandes mulheres: Sonia Guajajara e Anielle Franco.

APESAR DA LEI AS MULHERES AINDA ENCONTRAM DIFICULDADES

**HOJE**

## O IMPACTO DA CIDADE ANDROCÊNTRADA

Para David Harvey (2005) as cidades surgiram a partir de uma acumulação geográfica e social de excedentes de produção, ocorrendo assim uma mercantilização de bens e espaços urbanos. A urbanização é então o resultado da compra e venda desse excedente que se encontrava sob o poder de alguns. Nessa concepção, a desigualdade sempre esteve atrelada ao surgimento e crescimento das cidades, fazendo parte de sua formação como conceito.

A cidade como fruto de dinâmicas históricas, políticas e sociais espelha todas as relações que ali acontecem. Dessa maneira, as opressões sobrepostas sobre as mulheres refletem-se nesse local. É necessário, então, mudar o cenário que historicamente existe entre o espaço e quem possui poder sobre ele. A ideia de *direito à cidade*<sup>6</sup> insere-se nessa lógica e objetiva reformular os pilares urbanos que atendem somente a este nicho que tradicionalmente detém poder sobre os espaços.

A construção cultural e social histórica dos gêneros é a grande base onde se desenvolvem as relações patriarcais contemporâneas. A mensagem que é reverberada ainda é a mesma: à mulher cabe o privado, o escasso, ao homem o público, o mundo. O patriarcado apresenta-se no urbanismo nesse momento reiterando os papéis de gênero através da espacialidade:

A construção dos gêneros articula-se de acordo com as hierarquias que a estrutura patriarcal traz consigo, e os papéis de gênero são uma definição sociocultural sobre aquilo que é apropriado para cada sexo. (MONTANER; MUXÍ, 2014, p. 197)<sup>7</sup>

Apesar de, na atualidade, as mulheres estarem nos espaços públicos, no mercado de trabalho e fazerem parte do colegiado eleitoral que escolhe os representantes responsáveis pela produção e manutenção das cidades, grande parte dos espaços urbanos que existem hoje no mundo ocidental foram produzidos em um momento em que somente os homens (brancos, heteros, cis, jovens com renda média) tinham voz nas decisões. A cidade foi produzida para o modelo universal<sup>8</sup> de *homem*

<sup>6</sup> Segundo David Harvey (2020) é "o direito de mudar a nós mesmos, mudando a cidade. Aliás, com frequência, não se trata de um direito individual uma vez que esta transformação depende, inevitavelmente, do exercício de um poder coletivo para remodelar os processos de urbanização."

<sup>7</sup> Aqui é importante ressaltar, mais uma vez, que a autora apresenta uma perspectiva feminista branca, representando uma figura feminina resguardada ao lar, proibida do direito ao trabalho, responsável pelos cuidados dos filhos e da casa.

<sup>8</sup> Universal é o homem, a mulher é o não-marcado (MUXI, 2018).

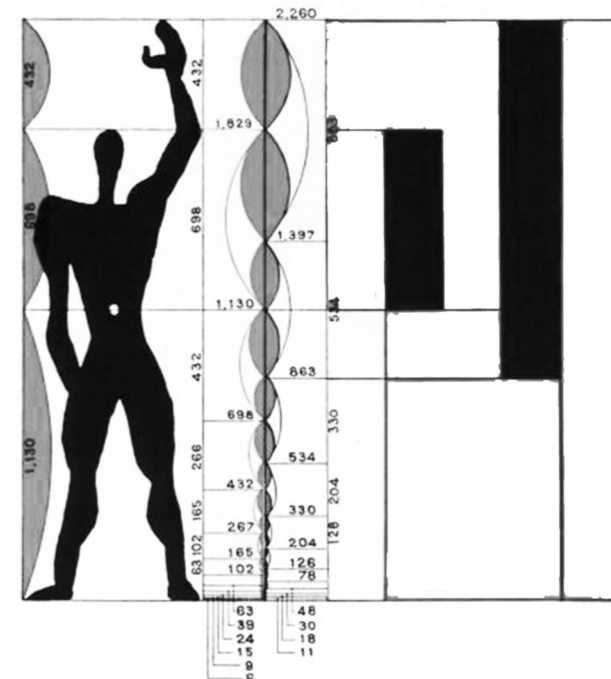
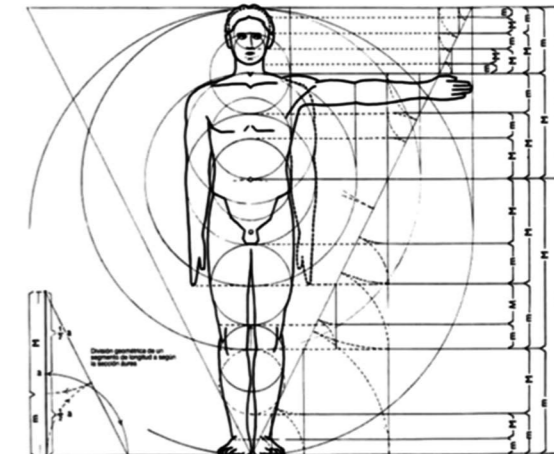
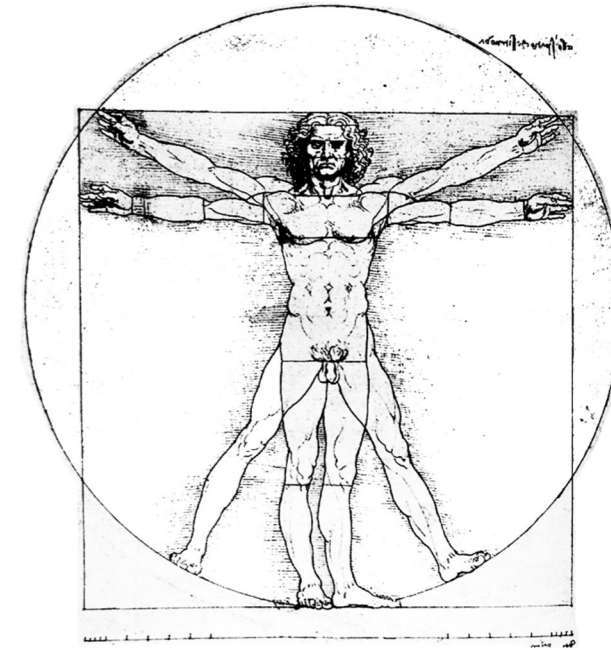
*vitruviano* apresentado por Leonardo Da Vinci, que modernamente, se inscreve no "*Modulor*", de Le Corbusier e no sistema de medidas de Ernst Neufert, de maneira que a dominação exercida sobre as mulheres é outorgada também por uma teorização, aliada a um discurso cultural e social que reserva às mulheres o espaço do "outro". Resultado disso é que hoje a realidade urbana reflete essas práticas de produção e valores. (MUXI, 2018)

[...] no processo convencional de planejamento urbano e construção, mal se levavam em conta suas necessidades e problemas específicos. Grande parte dessas necessidades específicas deriva da imposição de papéis e responsabilidades de gênero: o cuidado do lar e da família. (MONTANER; MUXÍ, 2014, p. 205)

Os valores que construíram as cidades e a sociedade geram impedimentos, materiais ou não, que são eficientes na demonstração de falta de acolhimento desses corpos no meio urbano. As possibilidades de mobilidade urbana dos indivíduos variam de acordo com o gênero, raça, classe social, idade e orientação sexual.

Conforme Montaner e Muxí (2014) é imperativo apontar as assimetrias que existem entre a experiência de homens e mulheres na cidade para que seja possível reivindicar mudanças. A pós-modernidade permite assumir essas heterogeneidades e o estado democrático de direito prevê a demanda de apontar as diferenças entre o "ser" mulher e o "ser" homem, sem que isso signifique desigualdade.

Imagem 8, 9 e 10: Homem Vitruviano, de Leonardo da Vinci; sistema de medidas de Ernst Neufert; e o Modulor, de Le Corbusier. Fonte: ArchDaily, 2021.



Atualmente, após várias conquistas sociais relevantes, as mulheres conseguiram o direito de desenvolver outro papel além daquele imposto culturalmente ao seu gênero. Já é imprescindível a participação feminina na produção econômica para gerar renda e manter famílias, empresas e países. É possível afirmar ainda que elas estiveram presentes em todos os momentos decisivos da história ocidental, mas foram invisibilizadas e, ainda hoje, são silenciadas e seu movimento deslegitimado. (MONTANER; MUXÍ, 2014)

E as mulheres, que hoje já realizam tarefas produtivas continuam com a mesma carga de atividades reprodutivas. Ou seja, ainda desenvolvem trabalhos reprodutivos ligados ao cuidado da casa e da família; sendo na maior parte das vezes as principais, se não as únicas responsáveis por deslocamentos relacionados a compras, educação dos filhos, consultas e emergências médicas, lazer etc; além de se tornarem responsáveis por trabalhos produtivos com vínculos empregatícios.

[...] A “mulher ideal” de hoje já não é a dona de casa recatada de antigamente, mas aquela que trabalha e, ao mesmo tempo, cuida eficazmente da casa. (MONTANER; MUXÍ, 2014, p. 205)

No Brasil, segundo dados do IBGE (2019), a diferença de horas semanais dedicadas a afazeres domésticos entre homens e mulheres é de 8,1 horas a mais para mulheres, e essa diferença chega a 11,9 horas quando se analisa pessoas sem emprego formal. Esses dados são importantes pois reforçam o quanto a divisão sexual do trabalho ainda interfere na vida e produção das mulheres.

Também é importante ressaltar o quanto o trabalho não remunerado que é dispendido no lar produz de valor econômico, uma vez que ele é a base da força de trabalho das pessoas que residem no lar, de maneira que “a economia moderna se baseia na inequidade de gênero”. (BARRAGÁN, LANG, CHÁVEZ E SANTILLANA, 2020)

Hoje, por conta da divisão desigual de tarefas, a mulher é ao mesmo tempo o sujeito mais vulnerável e que mais circula na cidade. É ela, na maioria das vezes, quem faz as compras, quem cuida dos filhos, a responsável pela saúde dos mais velhos e, em muitos casos, ainda é a principal fonte de renda do núcleo familiar<sup>9</sup>.

Por essa razão, em uma cidade na qual as distâncias entre serviços e residência são longas, os problemas que as mulheres enfrentam são agravados. Os percursos entre

<sup>9</sup> As mulheres são as principais responsáveis pela renda da família em 37,7% dos lares brasileiros, segundo censo demográfico de 2010 do IBGE (2020).

escolas, supermercados, hospitais, emprego e residência interferem profundamente no rendimento desses sujeitos. A desigualdade expressa-se também no espaço público degradado, nas condições precárias do transporte público, dos locais de trabalho e da moradia.

As cidades em geral são produzidas para homens que possuem poder aquisitivo o suficiente para possuir um carro – aqui, é importante levar em consideração que, segundo Junior (2023), 70% dos adultos sem carro são mulheres –, indícios que comprovam essa afirmação podem ser encontrados em ruas com calçadas menores, as garagens como as únicas entradas para os edifícios e todas as construções com muros e grades (SOLNIT, 2016).

Tudo isso, aliado a crise do capitalismo em escala global, conseqüente crescimento urbano mercantilizado e desregulado, e seu impacto na produção do espaço urbano contribui para uma gestão urbana baseada em um urbanismo neoliberal e “militar”, que impõe vigilância e repressão como resposta à insegurança e conflitos sociais. (GRAHAM, 2017)

O medo e o receio conceberam toda uma prática arquitetônica que gera mais insegurança e temor. Cria-se então um ciclo de medo que transforma as cidades em locais cada vez mais estranhos e assustadores para seus habitantes. Por consequência essa prática arquitetônica e urbanística produz cidades menos igualitárias e acessíveis.

Os mecanismos de (re)produção socioespacial urbana, dentre os quais os instrumentos de planejamento e gestão urbana e os investimentos em infraestruturas, resultaram em cidades segregadas e fragmentadas, cuja dinâmica reflete um conjunto de dicotomias que expõe as mazelas asfíxias do sistema de reprodução do Capital e suas artimanhas de valorização e captura da renda da terra. Essa cidade, desenhada para a necessidade constante de maximização da mais-valia, não foi planejada para incluir as mulheres e sua diversidade como sujeitos de direito. (HORA, PELÁ, PRADO, MELO, 2022, p. 218)

Segundo HORA, PELÁ, PRADO, MELO (2022) a cidade é um objeto androcêntrico, no qual todos os diferentes marcadores sociais são ignorados em vista de uma universalidade que exclui mulheres, jovens, comunidade queer, negras(os), indígenas, quilombolas, migrantes, população de rua etc.

Além disso, segundo Montaner e Muxí (2014) o caminhar feminino é por diversas vezes transformado em uma invasão íntima por olhares, falas e gestos. É possível encontrar a sexualização do caminhar feminino através de expressões como “mulher da rua”, “mulher do mundo”, “mulher pública” etc.; em contraste com os mesmos termos

em sujeitos masculinos (homem das ruas, homem do mundo, homem público) que adquirem significâncias muito diferentes.

As mulheres eram costumeiramente castigadas e intimidadas por experimentar a mais simples das liberdades, a de sair para caminhar, pois seu caminhar e, de fato, sua própria existência fora inevitável e continuamente sexualizada nas sociedades que se preocupam em controlar a sexualidade feminina. Por toda a história do caminhar [...] as personagens principais — sejam filósofos peripatéticos, flanadores ou montanhistas — foram homens. (SOLNIT, 2016, p. 387)

Segundo Rebecca Solnit (2016) o caminhar é embutido de muitos significados, é espiritual, é rotineiro, é revolucionário ou simplesmente artístico. Ao caminhar o indivíduo se expõe em um espaço público e esse ato é especialmente complexo quando se é mulher. A invasão que as mulheres sofrem diariamente ao percorrer o espaço público é muitas vezes justificada pelo argumento de que as mulheres caminham por performance, não por necessidade, mas para serem vistas por uma plateia masculina.

Hoje, todas as cidadãs e cidadãos têm medo de ser assaltados, a arquitetura do medo atinge a todos. Mas as mulheres temem também a violência sexual, isso torna todos os homens uma ameaça iminente. Esta eminência está presente em palavras, em gestos e em olhares que nos violam e nos cercam a permanecer em um lugar patriarcal tradicional: no íntimo da casa, longe da rua, do público e do perigo, e longe do espaço público, do lazer e da representação política. (SOLNIT, 2016).

Esse enclausuramento da figura da mulher à certos espaços e horários nos mostra o limite da cidadania feminina. Certeau (2014) define cidadania como o movimento de corpo que insere significados nos espaços urbanos e *territorializa* a cidade, que transforma o lugar em espaço através de experiências corporais individuais em seus caminhos diários. Ou seja, é através do corpo e da experiência que se faz a formação do cidadão. Por sua vez, como já foi discutido, diferentes corpos preveem diferentes experiências. O problema é que “Somente os cidadãos familiarizados com sua cidade enquanto território prático e simbólico, capazes de se reunir a pé e acostumados a caminhar pela cidade, conseguem se rebelar.” (SOLNIT, 2016, p. 362). E o medo faz com que as mulheres deixem de vivenciar, conhecer e reconhecer sua própria cidade e esse temor se faz mais presente de noite, quando a cidade murada se torna deserta, morta.

As desigualdades que a luta da feminista busca superar é a invisibilidade das mulheres na cidade; a falta de simetria da força desses indivíduos durante a história

resultou em ruas, becos e bairros sem qualquer consideração as particularidades referentes a sua presença nesses espaços.

[...] a cidade, como produto social e representação prático-sensível das ações, relações e significações humanas, foi, e ainda é concebida e (re)produzida conforme os contextos econômicos e culturais que a situam no tempo e no espaço: no caso específico da cidade moderna, como é o caso de Goiânia, o modo de produção capitalista e a cultura patriarcal. (HORA, PELÁ, PRADO, MELO, 2022, p. 225)

Ainda de acordo com HORA, PELÁ, PRADO, MELO (2022) esse processo de sexualização da cidade é uma estratégia do sistema capitalista para garantir a reprodução do capital ao mesmo tempo que coloca em embate grupos dominantes e subjugados, de forma que o sistema binário dissemina ódio e violência na sociedade, que por sua vez dá suporte para o medo que sustenta a opressão, que gera subordinação e, por fim, confinamento.

Aqui é importante retornarmos a ideia de que além de sexualizadas, as cidades também são racializadas. Apesar de sempre terem sido presentes na produção econômica, os corpos de mulheres negras sempre foram relegados à uma categoria última:

As condições de existência material da comunidade negra remetem a condicionamentos psicológicos que têm que ser atacados e desmascarados. [...] Desde a época colonial aos dias de hoje, percebe-se uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias saudáveis, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes formas de policiamento [...]. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” [...] dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço [...]. Além disso, aqui também se tem presença policial; só que não é para proteger, mas para reprimir, violentar e amedrontar. É por aí que se entende por que o outro lugar natural do negro sejam as prisões. A sistemática repressão policial, dado o seu caráter racista, tem por objetivo próximo a instauração da submissão psicológica através do medo. A longo prazo, o que se visa é o impedimento de qualquer forma de unidade do grupo dominado, mediante à utilização de todos os meios que perpetuem a sua divisão interna. Enquanto isso, o discurso dominante justifica a atuação desse aparelho repressivo, falando de ordem e segurança sociais (GONZALEZ, 1980, p. 232)

A autora afirma, dessa maneira que os condicionamentos psicológicos que permeiam a existência material da comunidade negra revelam uma clara segregação espacial até hoje. O espaço privilegiado é reservado aos brancos, com moradias em locais apazíveis e protegidos por policiamento, enquanto os negros são relegados a favelas, cortiços e outros locais precários, sob constante vigilância policial repressiva. Essa divisão racial do espaço, além da exclusão de gênero, sobrepõe sobre mulheres negras não apenas uma submissão psicológica através do medo, mas também tem como objetivo fragmentar internamente o grupo dominado, dificultando qualquer forma de unidade.

Apesar disso, segundo Bauman (2009) esses corpos inauguram novos afetos a partir de novos e ousados lugares e identidades políticas. O autor afirma que a instabilidade das relações sociais e a fluidez das identidades contribuem para a criação de novas identidades e campos políticos e emocionais. Esses corpos, por serem divergentes, precisam procurar novas formas de conexão, solidariedade e resistência. Esses processos, ainda segundo o autor, são complexos e detêm desafios que apenas indivíduos em processos sociais específicos são capazes de superar.

É necessário, então, prever que o direito à cidade é um desejo que perpassa uma cidade sexualizada, racista e que continuamente ignora outros marcadores sociais como o de idade e sexualidade. Todos os indivíduos inseridos nessas realidades divergentes, por sua vez, desafiam a metrópole androcêntrica através de sua existência e resistência nesses espaços.

Imagem 11: Obra "Um Útero é do tamanho de um punho", da série "Oráculo Urutu", da artista Marcela Cantuária. Óleo e acrílica s/ tela. 90 x 77 cm, 2020. Fonte: Cantuária, 2020.



## CAPÍTULO 2

---

Neste momento parto para uma análise da pesquisa a partir de seus métodos e posteriormente uma investigação sobre a presença e influência das mulheres na cidade de Goiânia, focando na intersecção entre prática e teoria na investigação.

O estudo sobre o espaço começa revisitando a historiografia de Goiânia que tem sido predominantemente masculina, perspectiva essa que marginaliza as contribuições femininas, destacando figuras como Getúlio Vargas e Pedro Ludovico Teixeira, que moldaram a cidade em um discurso de viés progressista e patriarcal.

A pesquisa também analisa a presença feminina na cidade através dos nomes dos edifícios e das representações urbanas. O estudo ainda explora a influência das mulheres nas apropriações urbanas, destacando como algumas, especialmente no contexto feminista, têm ocupado e transformado espaços na cidade. Apesar das conquistas, como a participação em eventos culturais e manifestações, o medo e a violência ainda limitam a plena utilização e presença das mulheres nos espaços públicos.

Assim, a pesquisa ressalta a necessidade de reavaliar e reconhecer a contribuição das mulheres na formação e vivência urbana de Goiânia, desafiando as narrativas dominantes e promovendo uma maior inclusão e representação feminina na cidade. É isso que se propõe na última parte do capítulo, reconhecer algumas das mulheres que compõem essa cidade.

## CONSTRUINDO A PESQUISA

O processo de investigação aplicado neste trabalho opera com atravessamentos entre campo prático e campo teórico, assumindo a *práxis* como ação concreta. Trajetória na qual, eu, Beatriz, **mulher pesquisadora** e vivente do centro de Goiânia, parto da experiência do meu corpo em interação constante com os espaços urbanos, fazendo-os e refazendo-os. Busco, para além de mim, compreender como outros corpos femininos afetam e são afetados por esses espaços.

É imprescindível, neste momento, anunciar a indissociabilidade da pesquisa e da intervenção para este trabalho, na medida em que toda pesquisa é uma intervenção, como pontua Passos, Kastrup e Escóssia (2015). Sobre a arte do "fazer" e "pensar", ou seja, a *práxis*, Certeau pondera que "se a própria arte de dizer é uma arte de fazer e uma arte de pensar, pode ser ao mesmo tempo a prática e a teoria dessa arte." (CERTEAU, 2014, p. 140)

Dessa forma, em determinados momentos foi necessário reunir leituras que fornecessem suporte teórico para a problematização das questões aqui levantadas. Tais leituras – pesquisa bibliográfica - foram desencadeadas a partir de observações acerca daquelas que protagonizam e motivam este trabalho: as mulheres que vivem os espaços do Setor Central em Goiânia. Isso por ter-se como um dos pilares acessar experiências e vivências. É uma tentativa de se levar a teoria para prática evitando-se uma mera reificação dessas teorias ou a descrição de discursos e de práticas teóricas por si só.

Para Montaner e Muxí (2014), é indo contra a verdade única, a autoridade e métodos tradicionais — que continuamente reproduzem desigualdades de gênero — que se faz a teoria feminista. Nesse contexto, a participação das mulheres, suas vozes, é imprescindível, na medida em que contribui para a compreensão não direcionada da realidade. Mais do que isso a subjetividade é importante na metodologia feminista, visto que os dados técnicos homogeneizam a experiência cotidiana das cidadãs. A pesquisa direta integra saberes locais e experiências em dados, que ajudam a compreensão da complexidade urbana sem simplificações:

No urbanismo tradicional, assim como em outras disciplinas, os dados quantitativos de fontes secundárias são privilegiados [...]. A tendência predominante de quantificar e basear argumentos em cifras leva a uma simplificação da realidade. (MONTANER; MUXÍ, 2014, p. 71)

Minhas experiências prévias e contínuas foram, portanto, o porto de partida. A partir delas, tecei as primeiras questões que permitiram o reconhecimento de outras mulheres que dialogaram comigo durante a construção da pesquisa, bem como, direcionaram às leituras que consubstanciam as situações encontradas. Sem me ater a um recurso metodológico específico e pré-determinado utilizei de movimentos etnográficos, cartográficos e pesquisa-participante, que envolveram conversas informais, entrevistas e relatos, como processos norteadores. Essas abordagens atuaram como referências que foram sendo ajustadas, conforme o desenvolvimento do trabalho.

O que poderíamos chamar de fontes primárias, de vital importância para o tema em questão, foram acessadas através da observação participante, num movimento etnográfico e autoetnográfico. Esse modo de fazer consiste em uma imersão na área de estudo com o objetivo de se situar na realidade que se busca analisar. Esse tipo de análise permite a captura de dados referentes à vida cotidiana no lugar em foco. (MONTANER; MUXÍ, 2014)

Já dentro do campo de estudo, a cartografia como método de pesquisa-intervenção guiou os passos e a interação com as mulheres que compõem esta pesquisa. Segundo Passos, Kastrup e Escóssia (2015) trata-se de uma experimentação do pensamento que se apresenta de diversas formas. O relato é um instrumento fundamental nesse processo. Esses relatos, porém, não partem somente de informações objetivas e dados técnicos. Eles "buscam, sobretudo, captar e descrever aquilo que se dá no plano intensivo das forças e dos afetos" (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 70)

Gostaríamos de falar aquilo que ainda não se encontrava na esfera do já sabido, acessar a experiência de cada um, fazer conexões, descobrir a leitura, a brincadeira, os elos e tudo que vive no cruzamento e nas franjas desses territórios existenciais. Precisariamos estar no mesmo plano intensivo. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 61)

Conforme Certeau (2014, p.35) Os relatos que constituem esse texto têm como fim narrar "experiências particulares, as frequentações, as solidariedades e as lutas que organizam o espaço onde essas narrações vão abrindo um caminho". Esses relatos, segundo o autor, são mistos de ciência e subjetividades; são a "realização espacial do lugar" através da oralidade e de produções visuais; são representações residuais que formam uma unidade. Neste trabalho, **busco trazer autorrelatos entremeados no texto, mas a intenção é que o foco principal fique em outras mulheres.**

Para Certeau (2014), todo relato narra viagens e práticas espaciais. Pode ser apresentado como uma instrução de localização a um estranho, um jornal televisionado, conversas informais ou entrevistas semiestruturadas. São aventuras que apresentam geografias de ações. De acordo com o autor o mapa demarca, o relato atravessa, entrega o lugar para estranhos, de maneira que só os limites de quadras, ruas e lotes não são capazes; o relato é a mais delinquente das metodologias.

[...] somos transportados por afetos. Afetos próprios de um território, de um projeto, de um modo de fazer. Assim, os relatos são exemplos de como a escrita, ancorada na experiência, performatizando os acontecimentos, pode contribuir para a produção de dados numa pesquisa. Ao escrever detalhes do campo com expressões, paisagens e sensações, o coletivo se faz presente no processo de produção de um texto. [...] Cada palavra, em conexão com o calor do que é experimentado, nasce dos elos na rede e em nós pesquisadoras. Cada palavra se faz viva e inventiva. Carrega uma vida. Podemos dizer que assim a pesquisa se faz em movimento, no acompanhamento de processos, que nos tocam, nos transformam e produzem mundos. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 73)

As entrevistas e relatos criam aberturas para que outras vozes componham a pesquisa, fornecendo experiências individuais que enriquecem a compreensão do tema. Para isso, foi utilizada uma amostragem intencional para selecionar participantes representativos na região de análise, com enfoque em mulheres notáveis por sua visibilidade local em diferentes categorias, conforme identificado em campo. Essas categorias são inerentes à condição feminina urbana e servem como roteiro para a análise posterior.

A pesquisa foi desenvolvida com conversas semiestruturadas e observações como métodos de coleta de dados. Já a discussão posterior foi guiada por meio da transcrição e disponibilização de trechos das entrevistas. Este estudo busca revelar questões relevantes focando em uma análise qualitativa das experiências urbanas de mulheres no centro da cidade.

Além disso, a pesquisa-intervenção prevê a experiência, o que impede a neutralidade absoluta. Todo discurso cartográfico é incumbido de política, pois relatar é conhecer e acompanhar processos de constituição de objetos. Porém, é importante ressaltar que o cartógrafo-relator tem o dever de estar em “suspensão” de sua atitude natural.

Informações, saberes e expectativas precisam ser deixados na porta de entrada, e o cartógrafo deve pautar-se sobretudo numa menção sensível, para que possa, enfim, encontrar o que não conhecia, embora já estivesse ali, como virtualidade. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA 2015, p. 48).

A atenção deve estar aberta a experiência, com uma concentração sem focalização, com uma atitude que abraça o inesperado e o desconhecido. E é através do caminhar urbano que o relato se apresenta.

Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio. A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social da privação de lugar — uma experiência, é verdade, esfarelada em deportações inumeráveis e ínfimas (deslocamentos e caminhadas), compensada pelas relações e os cruzamentos desses êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano, e posta sob o signo do que deveria ser, enfim, o lugar, mas é apenas um nome, a Cidade. (CERTEAU, 2014, p. 170)

Porém, é importante pontuar a diferença entre a ideia tradicional de pesquisa etnográfica em que a pesquisa era validada apenas quando a identidade do pesquisador e do interlocutor precisava se contrastar, aqui, essa percepção não é relevante. A pesquisa observação participante prevê afetações:

Como se vê, quando um etnógrafo aceita ser afetado, isso não implica identificar-se com o ponto de vista nativo, nem aproveitar-se da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. (FAVRET-SAADA, 2005, p. 160)

Além disso, no contato urbano o método precisa ser ajustado a partir da experiência teórica e de perambulações. O caminhar da mulher na urbe é parte do tema do trabalho e para discuti-lo é imprescindível colocar este corpo na cidade. Contudo, não se dispensa rigor nesta metodologia proposta, ele é apenas resignificado, “sua precisão não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse, como implicação na realidade, como intervenção” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p.11).

Utilizo também a experiência corporal na cidade como método/tática de micro resistência proposta por Jacques (2008). Sua teoria parte da ideia da utilização de errâncias urbanas que produzem o que a autora conceituou como corpografias:

Uma corpografia urbana é um tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, ou seja, a memória urbana inscrita no corpo, o registro de sua experiência da cidade, uma espécie de grafia urbana, da própria cidade vivida, que fica inscrita mas também configura o corpo de quem a experimenta. (JACQUES, 2008, n.a.)

Jacques (2008) afirma que as relações do nosso corpo com a cidade podem produzir caminhos alternativos de resistência. Ela parte da ideia de que a experiência urbana fica gravada no corpo de quem experimenta de maneira que as errâncias podem produzir experiências espaciais registradas, corpografias, no errante. Essas corpografias podem ser mapeadas, ilustradas e representadas em diversas grafias. E é através dos gestos e movimentos de um corpo que a sua leitura se faz possível.

Por essa razão eles demonstram informações que fogem ao gesto reducionista da vista planejada da cidade. “A corpografia urbana seria uma forma específica, corporal, de psicogeografia, e à deriva uma das formas possíveis, um exercício entre outros, de errância urbana.” (JACQUES, 2008, n.a.)

A errância proposta por Jacques pode ser experimentada por qualquer um, não é apenas um método ou um meio para a produção de um diagnóstico tradicional. Assim como Walter Benjamin, a autora preconiza a necessidade de se perder na cidade, mas ainda adiciona mais duas características à sua errância, a lentidão e a corporeidade.

Enquanto o urbanismo busca a orientação através de mapas e planos, a preocupação do errante estaria mais na desorientação, sobretudo em deixar seus condicionamentos urbanos, uma vez que toda a educação do urbanismo está voltada para a questão do se orientar. Em seguida, pode-se notar a lentidão dos errantes, o tipo de movimento qualificado dos homens lentos, que negam o ritmo veloz imposto pela contemporaneidade. E por fim, a própria corporeidade destes, e, sobretudo, a relação, ou contaminação, entre seu próprio corpo físico e o corpo da cidade que se dá através da ação de errar pela cidade. A contaminação corporal leva a uma incorporação, ou seja, uma ação imanente ligada à materialidade física, corporal, que contrasta com uma pretensa busca contemporânea do virtual, imaterial, incorporal. Esta incorporação acontece na maior parte das vezes quando se está perdido e em movimento lento. (JACQUES, 2008, n.a.)

A autora ainda pontua a indissolubilidade da corpografia com a experiência que a cidade permite a este corpo. Aqui entram aspectos referentes a gênero, cor, idade e sexualidade. Diferentes corpos terão diferentes corpografias, de modo que nenhuma leitura será da mesma maneira que a outra. Logo, situar-me como mulher pesquisadora, como um corpo mulher pesquisante, tem sua importância para alertá-los que o sexismo e as relações de gênero, infelizmente, condicionam também a busca pelo conhecimento. Andar e interagir com as pessoas no centro da cidade são práticas e percepções que se diferem quando pensamos em condicionantes como segurança, por exemplo.

Qual percurso escolher, onde parar, onde entrar, com quem dialogar? Todas essas situações são afetadas pelo gênero e outros diversos marcadores que foram sendo estruturados historicamente e socialmente dentro de relações que pesquisadoras e teóricas feministas definem como patriarcado.

Num estudo sobre invisibilidade e sexismo na produção socioespacial de Goiânia, Pelá e Chaveiro (2021) consideram as cidades como inscrições no espaço das normas e relações sociais que a constroem trazendo o significativo pensamento da inglesa Jane Darke: “Nossas cidades são o patriarcado escrito em pedra, tijolo, vidro e concreto” (Darke, 1996, p. 88 *apud* Pelá; Chaveiro, 2021, p. 204). Condição que nos faz retroceder no tempo para mapear na história de Goiânia algumas permanências que indicam as escrituras do patriarcado e do sexismo na socioespacialidade que viria a materializar a nova capital dita moderna.

## GOIÂNIA \_ UMA MODERNIDADE ANDROCÊNTRICA?

Goiânia  
A Babel das balbúrdias  
E das harmonias urbanísticas!  
Brinquedo gigante de meninos grandes!  
Improvisação de gênios...  
Sonho ousado de homens que não recuam...  
Cidade improvisada para Glória!  
Marco da Civilização nas fronteiras do Futuro!  
(MORBACH, 1993, p.17)  
1º lugar no concurso de poesia da Revista Oeste (1944)

Getúlio Vargas e Pedro Ludovico Teixeira. Attilio Correa Lima, Armando Augusto de Godoy e os Coimbra Bueno. Na passagem pela história oficial de Goiânia são esses os principais nomes que aparecem como os protagonistas da mudança e da construção de uma nova capital para o estado de Goiás. Uma história cuja narrativa masculinista se atém aos personagens do gênero masculino tidos como principais articulistas por trás do grande feito.

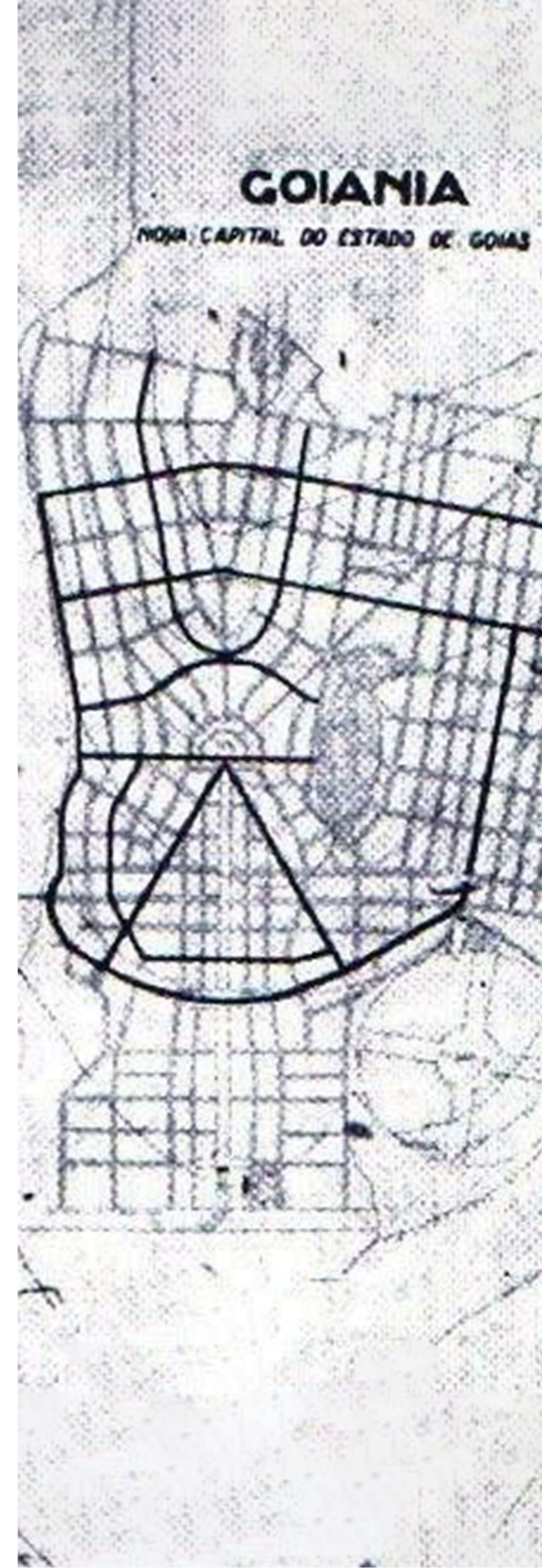
É importante ressaltar que não pretendo reproduzir aqui a história oficial. No entanto, é fundamental lembrar alguns fatos para ampliar as abordagens já feitas e para considerar outras perspectivas e narrativas que têm sido historicamente marginalizadas ou silenciadas. Ainda que hoje, a parte central da cidade seja composta por lugares, memórias, histórias, construções, reconstruções, conflitos, gentes e vidas retratadas em seus prédios, ruas, calçadas e becos, sua história, como a de tantas outras cidades brasileiras, insiste em ser reproduzida pelos perspectiva dos vencedores.

Na grande narrativa, Goiânia emerge como uma das capitais brasileiras articulada politicamente e projetada como símbolo de modernidade e do progresso empreitados como parte de um processo mudancista (OLIVEIRA, 2005), idealizado num momento de valorização do urbanismo e do planejamento, em sua abordagem mais tecnicista, como solução para os problemas das grandes cidades que se formavam e se transformavam em vários lugares do mundo.

A exemplo de outras experiências anteriores em contexto brasileiro, como a construção da capital mineira, Belo Horizonte, exalta a ordem de um planejamento urbano ditada pelo Estado que monumentaliza sobremaneira as sedes de seus governos e demais usos subordinados à governança política, ao almejado desenvolvimento econômico e ao bem viver de uma elite vinculada às instancias de poder.

Tendo como referência o urbanismo francês, Attilio Corrêa Lima produz, em 1938, os planos para a nova capital. O arquiteto estabelece o centro cívico administrativo como o elemento principal da composição. Como assim instrui o projeto, a Praça Cívica com seu emblemático Palácio das Esmeraldas é posta no ponto de convergência das três principais avenidas estruturadoras do Setor Central – avenidas Goiás, Araguaia e Tocantins – numa clara intenção de tornar grandiosa a sede do poder de Estado, sendo este projetado para direcionar as grandes perspectivas criadas (MANSO, 2001). Condição que nos permite ponderar sobre representações outras que se impõe por meio desse modelo de estrutura espacial e as relações entre política e patriarcado no Brasil.

Imagem 12: Projeto de Goiania.  
Fonte: Manso, 2001.



Para Matos e Paradis (2014, p.60), embora exista em curso, entre tensões e contradições, uma nova estratégia política que sinalize lutas pela despatriarcalização do Estado brasileiro, pode-se afirmar a presença de inclinações patriarcais estruturadas em suas instâncias políticas como uma herança vinda ainda da organização do Estados Modernos.

Deve-se levar em conta que teóricas feministas têm insistentemente observado que o exercício do poder estatal apresenta uma forte inclinação e/ou pré-julgamento sobre as relações de gênero que o estruturam sendo ela, quase sempre, disfarçada sob o manto da neutralidade de gênero no âmbito das instituições estatais (no Executivo, no Legislativo e no Judiciário). Mas essa neutralidade simplesmente não existe e pode-se sim afirmar a presença de inclinações patriarcais estruturadas no Estado brasileiro.

A falta de representatividade feminina no cenário político brasileiro é alarmante e, apesar de representarem mais de 52% do eleitorado do país, de acordo com o Censo da Democracia de 2020<sup>10</sup> (e mais de 54%<sup>11</sup> no caso de Goiânia), a participação política de mulheres em todos os cargos eleitos não chega a 15% e cai ainda mais no Estado de Goiás, chegando à 12,81%<sup>12</sup>. E em 2020 17%<sup>13</sup> das cidades brasileiras não elegeram vereadoras.

Porém uma entrevista levantada pelo senado demonstra que 79% das entrevistadas afirmam já ter votado em alguma mulher para um cargo eletivo<sup>14</sup>. Vê-se então que não falta vontade das eleitoras de mudarem essa realidade, mas ao mesmo tempo falta investimento e apoio a essas candidaturas. Os estudos mostram que as maiores dificuldades enfrentadas pelas mulheres nos processos eleitorais são os investimentos de recursos, prova disso é que desde 2006, em Goiás, nenhum recurso foi destinado a candidaturas de mulheres para cargos de governadora ou senadora<sup>15</sup>.

Seguindo pelas vias de maior destaque no Setor Central chegamos ao cruzamento da Avenida Goiás com a Avenida Anhanguera. Nele, sobre um pedestal em bronze, está o monumento ao bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva. Um homem que nasceu herdeiro, morreu herói, virou lenda. Esse monumento, assim como a construção

<sup>10</sup> Disponível em: [www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/arquivos/tse-eleicoes-2020-perfil-do-eleitorado/rybena\\_pdf?file=http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/arquivos/tse-eleicoes-2020-perfil-do-eleitorado/at\\_download/file](http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/arquivos/tse-eleicoes-2020-perfil-do-eleitorado/rybena_pdf?file=http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/arquivos/tse-eleicoes-2020-perfil-do-eleitorado/at_download/file). Acesso em 21/09/2020.

<sup>11</sup> Disponível em: [apps.tre-go.jus.br/internet/eleicoes/2016/spelho-2016/12173.html](https://apps.tre-go.jus.br/internet/eleicoes/2016/spelho-2016/12173.html). Acesso em 21/09/2020.

<sup>12</sup> Disponível em: [www12.senado.leg.br/institucional/procuradoria/proc-publicacoes/mais-mulheres-na-politica-retrato-da-subrepresentacao-feminina-no-poder](http://www12.senado.leg.br/institucional/procuradoria/proc-publicacoes/mais-mulheres-na-politica-retrato-da-subrepresentacao-feminina-no-poder). Acesso em 21/09/2020.

<sup>13</sup> Disponível em: [politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,no-pais-17-das-cidades-nao-terao-vereadora,70003533544](http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,no-pais-17-das-cidades-nao-terao-vereadora,70003533544). Acesso em 21/09/2020.

<sup>14</sup> Disponível em: [www12.senado.leg.br/institucional/procuradoria/proc-publicacoes/mais-mulheres-na-politica-retrato-da-subrepresentacao-feminina-no-poder](http://www12.senado.leg.br/institucional/procuradoria/proc-publicacoes/mais-mulheres-na-politica-retrato-da-subrepresentacao-feminina-no-poder). Acesso em 21/09/2020.

<sup>15</sup> Além disso, em 2020, nove partidos foram eleitos sem atingir o mínimo exigido de 30% de candidatas mulheres. Se comprovado que os partidos não cumpriram as cotas, os candidatos eleitos pelas siglas não poderiam ser diplomados (XIMENES, 2020).

da cidade que o abriga, nasceu da tentativa de reprodução de um discurso, o da interiorização do país para dentro de suas fronteiras e o da conquista e salvação do sertão do Brasil Central por homens gloriosos. (SILVA, 2020)

No espaço público o monumento possui uma dimensão simbólica (LEFEBVRE, 2016) de maneira que eles não apenas demarcam a presença do Estado em sua materialidade, mas também por meio de sua representação. Aqui remonto o símbolo do bandeirante pois este representa todo o movimento que transferiu a capital para a nova cidade: uma figura masculina, que domina o espaço de maneira unilateral sob a narrativa do progresso.

Por trás dessa “homenagem”, o bandeirante como monumento, assim como os senhores fundadores da cidade, não tinha a pretensão de representar um herói tradicional colonial. Eram “descobridores”. Ele deveria estampar valores ligados a uma pretensa modernidade e do desenvolvimentismo:

[...] um herói moderno, do século XX, dos trilhos de ferro, da ciência, dos minérios para o desenvolvimento capitalista e industrial, para o trabalho assalariado, para postos no governo e na burocracia estatal, do bacharelismo tecnocrático. (SILVA, 2020, p.175)

A campanha da nova cidade usava um embasamento moderno de projetos de capitais europeias, ao mesmo tempo que utilizava um patriotismo evocado pela tomada da terra para o “futuro da pátria”.

[...] este símbolo maior da Marcha para Oeste, possibilitou o avanço capitalista para o interior do país, consolidando os planos político-econômicos de Vargas e Pedro Ludovico, legando-nos uma herança de agrário e urbano que permeia todo o processo sociocultural da capital e fundamentou a criação de símbolos capazes de traduzir sua heterogeneidade, capazes de construir, juntamente com a nova capital, a representação de sua face mais dinâmica, de sua existência mais justificada: a modernidade. (CHAUL, 2009, p. 101)

Todavia, ao se buscar nos meandros das histórias, tanto da construção de Goiânia quanto das ações dos bandeirantes, outras narrativas podem ser identificadas. Para Silva (2020) quando a bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva chegou a Goiás, encontrou um território ocupado por povos indígenas da região. Tais bandeiras tinham como objetivos a exploração mineral, escravização e extermínio de grupos indígenas, destruição de quilombos, entre outras “gloriosas” conquistas. Diante das ameaças feitas pelo

bandeirante, os indígenas o nominarem de *Anhanguera*, que na linguagem Tupi remete a “ser maligno” ou “diabo velho”.

Para a autora, ainda assim:

[...] nos nomes das avenidas, ruas, praças, monumentos, se inscrevem fragmentos da história local, geralmente representada em figuras políticas consideradas importantes, como é o caso da estátua localizada no cruzamento de duas grandes avenidas: Anhanguera e Goiás, na praça dos Bandeirantes [...] (Silva, 2020, p. 343)

Concebida pelo artista italiano Armando Zago, a estátua representa um homem branco, com cerca de 3,5m de altura. Silva (2020) chama a atenção para o fato de as vestimentas se assemelharem com as fardas usadas pelo exército, o olhar remeter a uma atitude de liderança e de chefia e o destaque das armas e alusão ao garimpo exploratório: um bacamarte, uma espada e a bateia para o garimpo.

Na pesquisa documental feita por Silva (2020), há indicações que o monumento foi idealizado pelas elites locais e já no projeto desenvolvido por Attilio Corrêa Lima existe uma menção a um monumento comemorativo das bandeiras em homenagem à figura do Anhanguera por suas descobertas e riquezas levantadas no estado.

Quadros (2005), ressalta que a figura do bandeirante está presente em diversos espaços da cidade, como monumentos, praças, escolas, murais, ruas, até na bandeira da moderna cidade de Goiânia. Por trás dela, a história oficial associa o homem herói fundador de uma sociedade tida como civilizada, como uma retórica de convencimento.

Imagem 13: Obra da artista Beatriz Gonçalves. Colagem digital, 2024. A representação da parte do pressuposto de que, em algumas culturas, tirar uma fotografia de uma imagem de uma representação (estátuas ou fotos) cortando a cabeça de um representante público é considerado um ato de desrespeito. Nesta obra, a cabeça é removida deliberadamente para expressar repúdio. Fonte: Acervo pessoal.



Continuando as andanças pelo centro de Goiânia, a via de maior destaque é a Avenida Goiás que converge para a Praça Cívica como um extenso *boulevard*<sup>16</sup>. E, junto com as Avenidas Paranaíba, Araguaia, Tocantins e Anhanguera, definem o núcleo principal do centro histórico de Goiânia. Nele estão diferentes tipos de habitações, hotéis, clubes, teatros, comércios e serviços.

Se por um lado, todo esse aparato espelha a moderna vida urbana chegando ao centro-oeste brasileiro, por outro vemos uma condição de continuidade em determinados valores e práticas. Para Bourdieu (1999), instituições como a igreja, o estado, a família, as escolas tendem a se tornar estruturas limitadoras e perpetuadoras do patriarcado, legitimando a opressão sobre as mulheres. O autor apresenta como exemplo a conveniência ao se criar uma aura mítica em torno da maternidade e da predefinição dos papéis santificados de esposa e de mãe, tidas como guardiãs da família. E como tal, caberia às mulheres uma série de deveres ligados à família, a casa e à vida doméstica.

Essa condição imposta às mulheres foi investigada também por Pinsky (2014) numa extensa pesquisa em revistas que circularam entre os anos de 1940 e 1960 e que, de certa forma influenciavam e direcionavam o comportamento identitário e as representações culturais em torno do ser homem e do ser mulher. A autora lamenta que em meados do século XX, informações sobre a vida, o cotidiano, as relações e as ideias como construções sociais e ideológica, perpetuavam valores do início do século, mesmo com a muitas mudanças que ocorreram até então.

No repertório das revistas femininas dos Anos Dourados os assuntos que mais interessam às mulheres são aqueles ligados aos valores tradicionais da família, à beleza e virtudes da maternidade e, principalmente, à valorização da dedicação das mulheres ao lar. Do casamento aos conselhos de como agradar os maridos, da maternidade à educação dos filhos, da decoração à limpeza da casa, assim como etiqueta, moda, culinária, o universo dos assuntos vai se compondo de modo a valorizar a estabilidade da família brasileira e os bons costumes. (Pinsky, 2014, p. 396)

Sobre o comportamento social e a vida nos espaços das cidades além da casa, Pinsky (2014) relata que as mudanças globais no mercado de trabalho proporcionaram uma pequena abertura para o labor das mulheres no setor terciário e em demandas consideradas femininas, ainda que fossem imbuídos de preconceitos e subsidiário ao

trabalho do chefe da família. O nível de escolaridade também cresce, mas assim como no trabalho, mantém-se subordinado ao do homem e aos cuidados da família.

As transformações urbanas trouxeram novas formas de lazer e novos pontos e encontros nas cidades, modificando as regras e práticas sociais que vão do convívio nas ruas ao relacionamento familiar. Ainda que tais transformações sejam visíveis nos contextos urbanos, Pinsky (2014) esclarece que os aspectos tradicionais prevalecem a espelho das tradicionais relações de gênero, como a distinção de papéis entre homens e mulheres, a castidade valorizada para a mulher e a moral sexual diferenciada para homens e mulheres. Comportamentos veiculados nas revistas nacionais, bem como, na influência norte-americana que chega através da música e do cinema Hollywoodiano, seguiam valorizando antigas tradições e formalismos. O discurso imperativo, até o início dos anos 70, era sempre de que as jovens devem buscar adotar um comportamento que encante os homens, que lhes ofereça segurança e lhes impulsionem ao casamento.

A contextualização histórica trazida por Pinsky (2014) nos faz refletir sobre o novo e moderno centro de Goiânia, com seus boulevards, praças, cinemas, teatro, bares e restaurante. Ainda que não tenhamos dados precisos que nos permitam afirmar o lugar e as práticas das mulheres nesses espaços, é bastante provável que reproduziam os hábitos e valores apontados pela pesquisadora. Do tradicional *footing* na Avenida Goiás às idas aos cinemas, apresentações e festas há de se pensar que havia severas limitações e restrições morais às mulheres quanto aos horários, companhias, maneiras de vestir e de se comportar. É importante salientar que tais restrições e constructos sociais eram forjados por uma pequena elite e pela classe média e eram reproduzidos não somente em Goiânia.

A família conjugal é o modelo dominante. Nas casas de classe média, as famílias são de fato tipicamente compostas por pai, mãe e filhos, e a prole é reduzida, se comparada com o passado. Os padrões tradicionais de casamento, entretanto, mantem-se com toda sua força até 1965. A autoridade máxima ainda é conferida ao pai, 'o chefe da casa', e garantida pela legislação que reconhece o trabalho masculino como a principal fonte de recursos da unidade doméstica. As leis também enfatizam a imagem da mulher exclusiva ou prioritariamente dedicada ao lar e à procriação (Pinsky, 2014, p. 18)

Apontamentos que criam uma abertura para outro aspecto observado no Setor Central de Goiânia: o nome dos edifícios residenciais mais antigos.

<sup>16</sup> Uma via urbana ampla e arborizada.

### Mas onde nós mulheres estamos nessa cidade?

O herói moderno recriado a partir da estória de Bartolomeu Bueno da Silva, O Bandeirante, foi tão sistematicamente repetida que seu apelido nomeia uma das principais vias da cidade e do centro de Goiânia. Um outro grande herói prescrito na história de Goiás é Pedro Ludovico Teixeira que nomeia a Praça Cívica da cidade. Já o urbanista Atílio Correia Lima dá nome à uma praça em outro importante cruzamento de vias do Setor Central, da Avenida Goiás com a Avenida Paranaíba. As representações dos homens tidos como heróis pela história oficial permeiam espaços do centro de Goiânia. Cabe indagar: onde as mulheres estão presentes nas histórias sobre Goiânia?

Talvez, uma primeira representação de um imaginário feminino venha na referência popular que associa a forma de seu traçado com o manto da santa católica Nossa Senhora Aparecida. Por mais que seja sabida a clara referência utilizada por Atílio Correia Lima, uma adaptação do traçado radial-concêntrico presente em Versailles e Karlsruhe, o imaginário popular é livre para criar suas representações a partir das referências culturais e simbólicas que é próprio:

Surpreendentemente, o imaginário popular estabelece relação dessa forma radial (Praça Cívica, Avenida Tocantins, Araguaia e Paranaíba) à imagem ou manto de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil. Observa-se que a imagem de Nossa Senhora pode representar o simbolismo do imaginário feminino que estamos por descobrir, reprodução da mãe-santa ou cidade-mãe que protege seus filhos [...] Desse modo, as fisiologias urbanas tecem a seu modo a fantasmagoria da vida urbana onde era preciso dar as pessoas uma imagem amistosa das outras. É esse objeto intencional da imaginação (fantasias, devaneios, evocação de pessoas ausentes, romances etc.) que formam o imaginário. (Sousa e Silva, 2024, p. 141)

Sousa e Silva, atestam o privilégio do masculino e os apagamentos das figuras femininas no Setor Central de Goiânia ao constatarem ter sido uma mulher a esculpir os monumentos das Três Raças e a estátua situada na Praça Cívica de Goiânia, que homenageia Pedro Ludovico: “a monumentalização feita por Neusa eterniza o patriarcado burguês e exalta o discurso dos vencedores e invisibiliza a história dos vencidos.” (Sousa e Silva, 2024, p. 141)

Porém, apesar dos questionamentos apresentados, seria incorreto dizer que as mulheres não têm espaço representativo no ambiente urbano de Goiânia. A imagem feminina aparece objetificada. Seus corpos estão presentes em propagandas e cartazes com o intuito de vender um produto: "Só assim, como objeto sexual, a mulher tem seu pleno espaço na cidade. Um grande paradoxo." (GONZAGA, 2011, p. 176).

Imagem 14, 15, 16 e 17: Representação de mulheres no centro de Goiânia. Fonte: acervo pessoal, 2020.





É importante ressaltar a diferença da maneira como esses corpos estão neste espaço. O corpo da mulher sempre intende vender um produto e as personagens são apresentadas de forma sensual, frágil e com muitas partes despidas, muitas vezes parecendo distraídas. Já a figura masculina, que em grande parte apresentam-se em monumentos, são representados de maneira vigorosa, forte e gloriosa.

[...] a mulher não se sente à vontade em sentar numa praça sozinha para ler, pensar na vida e relaxar, porque logo algum homem, passando por ali que vê uma mulher sozinha, sente-se no direito de importuná-la, afinal, uma mulher sozinha, em um parque ou uma praça, está querendo alguma coisa [...] Com a mesma mulher na praça, porém rodeada de crianças, o homem pensará 'essa mulher está trazendo seus filhos para passear no parque, cumprindo como manda a sociedade, seu papel protetor de mãe, e, portanto nada deve importuná-la, ela está segura, no seu papel exemplar de mãe, conseqüentemente, é esposa de alguém. (GONZAGA, 2011. p. 175)

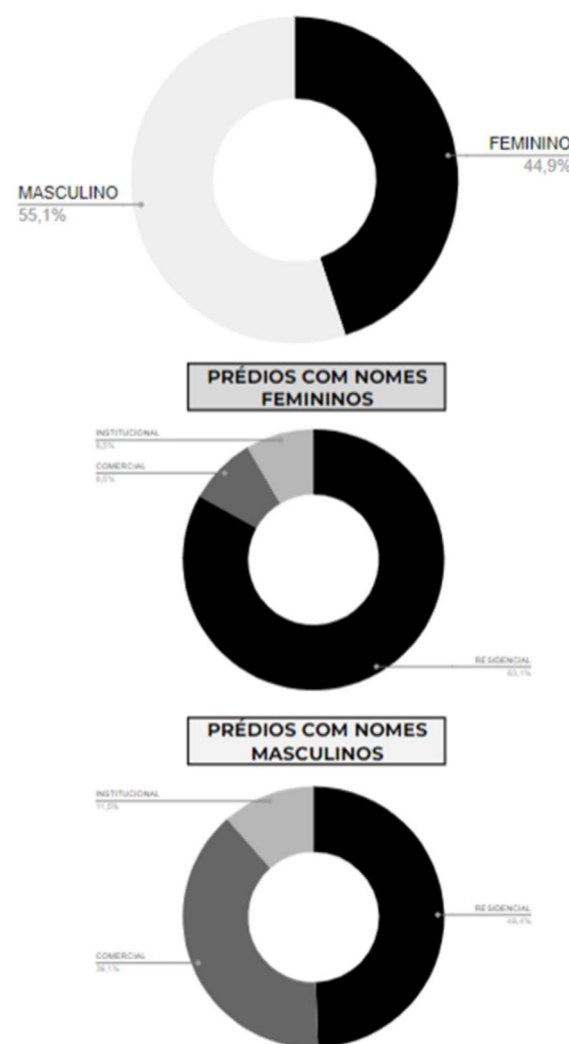
Outra forte representação feminina está nos nomes de edifícios. Um número significativo dos edifícios mais antigos do Setor Central que possuem nomes pessoais, cerca de 44%, são nomeados a partir de mulheres. Dessa amostra, a grande maioria são de uso residencial (83%). Alguns com nomes de homenagem a mulheres notórias, com história amplamente conhecida, o que indica uma falta de reconhecimento das contribuições das mulheres para a história e cultura da região.

Imagem 18 e 19: Colagem de fotos de edifícios com nomes de homens e mulheres. Fonte: produção da autora a partir de imagens de acervo pessoal, 2024

Já os edifícios de usos mistos possuem, em sua maioria, nomes que homenageiam homens com suas histórias reconhecidas. Seria uma associação do espaço doméstico e da vida privada ao universo feminino? A falta de representação de mulheres na esfera pública sugere não apenas uma desigualdade na valorização das contribuições femininas, mas também a persistência de papéis de gênero e a necessidade de uma maior valorização e representação das mulheres na paisagem urbana.

Gráfico 1: Gráfico de edifícios com nomes de mulheres e homens em 2024, pesquisa completa no Anexo 2. Fonte: produção da autora a partir de dados coletados em campo, 2024.

DADOS BÁSICOS	QUANTIDADE
TOTAL DE QUADRAS ANALISADAS	144
TOTAL DE PREDIOS ANALISADOS	384
TOTAL DE PRÉDIOS COM NOMES PRÓPRIOS	158



Essas ponderações acerca dos nomes dos edifícios podem também refletir predefinições dos papéis profundamente enraizada, onde as mulheres são valorizadas principalmente por seu trabalho não remunerado e invisível dentro do lar, enquanto os homens são valorizados por suas conquistas e visibilidade na esfera pública. Essa dicotomia não apenas subestima as contribuições das mulheres para a sociedade, mas também perpetua estereótipos de gênero e limita as oportunidades de reconhecimento e avanço para as mulheres em áreas além do domínio privado.

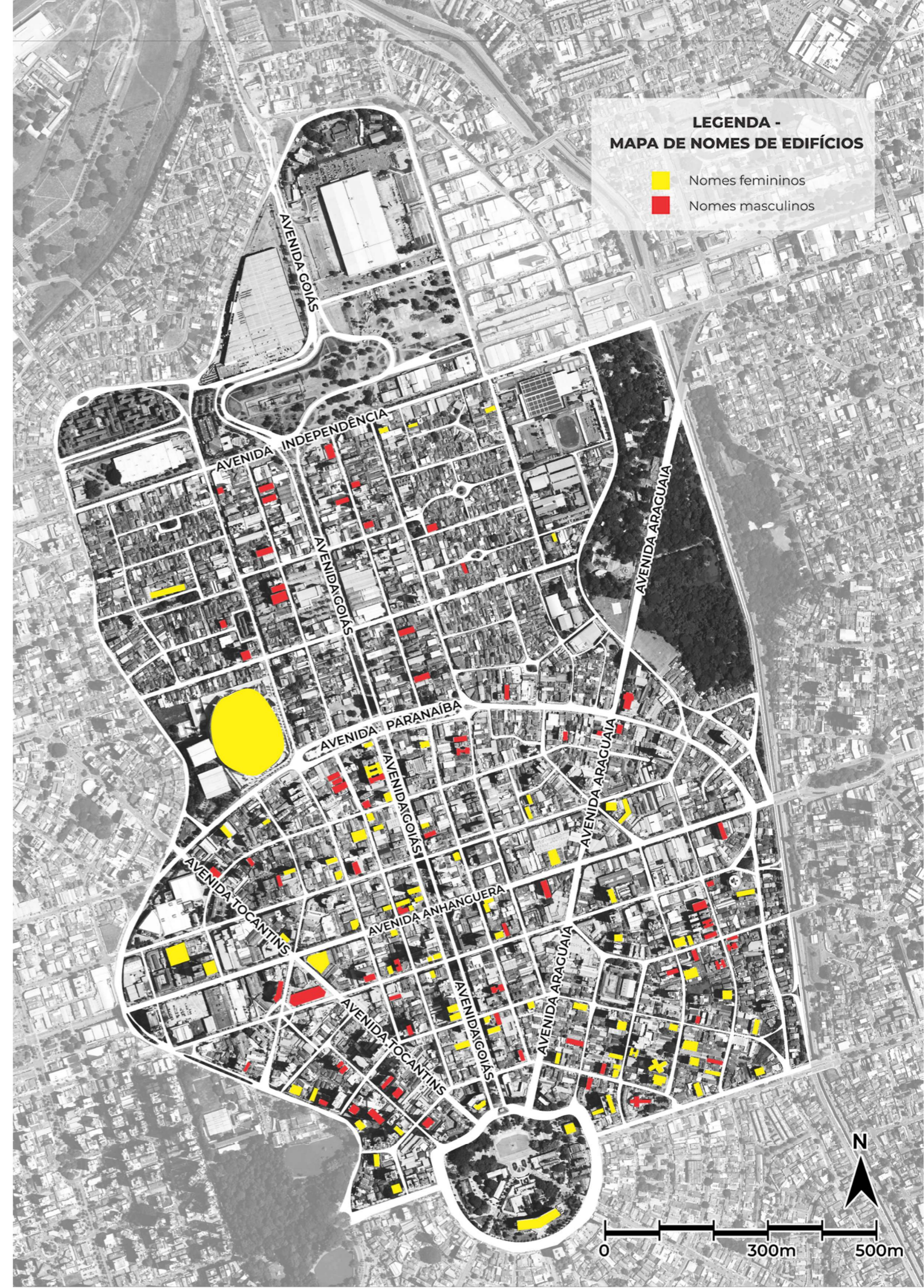
Para Matos e Paradis (2014), tal condição está atrelada ao modelo liberal de cidadania e de representação, no qual as dicotomias entre público e privado, razão e emoção, igualdade e diferença remetem à hierarquização do masculino sobre o feminino e na dominação dos homens sobre as mulheres.

Com isso, a esfera doméstica se transforma em um terreno privado, apartado da produção social. O trabalho produtivo realizado pelo homem é o único que possui relevância, ao passo que o trabalho doméstico se resume a uma insignificante contribuição àquele.

Mesmo que a permanência de uma sociedade enraizada em valores patriarcais e na desigualdade de gênero tenha feito parte da constituição de Goiânia, assim como, da grande maioria de cidades brasileiras, configurando uma realidade ainda presente, militantes, teóricas e pesquisadoras alinhadas com as frentes feministas se posicionaram, organizando movimentos e elaborando estudos que, pouco a pouco, vão alterando os rumos do mundo.

Como já apresentado anteriormente, os estudos sobre as conquistas das mulheres ao longo do século XX tende a ser periodizado historicamente de acordo com o contexto da época e de suas principais pautas. No arco temporal criado, sobressaem-se lutas pelos direitos das mulheres ao voto e à participação política, contra a ditadura e por políticas públicas. Nesse sentido, os anos de 1960 e 1970 foi um período marcado pelo questionamento acerca do objetivo de ser mulher e sobre sua subordinação no cotidiano, buscando liberdade e igualdade.

Imagem 20: Localização de prédios com nomes próprios.  
Fonte: Google Earth, com intervenções da autora.



A chamada Segunda Onda, tenciona o modelo patriarcal, sobretudo o exílio doméstico, e reivindica cada vez mais o acesso à carreira, ao trabalho remunerado e o acesso aos estudos e às universidades. Diferente de momentos anteriores, o movimento se amplia e se diversifica envolvendo mulheres de diferentes classes sociais, bem como, se alinha com movimentos antirracistas.

A partir daí, cada vez mais se ampliam as lutas e conquistas no combate aos preconceitos de classes, impulsionando o movimento negro e a discriminação sexista em diversos lugares. Hoje, com os avanços na mídia, através da Internet e das redes sociais, outras formas de organização vêm aparecendo e, com isso, os movimentos feministas alcançam diferentes situações que ampliam a participação das mulheres de distintas regiões, culturas, gêneros, etnias e culturas, em diferentes instâncias, como a política, a social, a econômica e a religiosidade. Porosidades, atravessamentos e tensionamentos são diariamente divulgados e postos em discussão ampliada, criando rebatimentos não mais isolados, mas transnacionais. Tais aberturas e meios têm permitido a formação de grupos e de coletivos interseccionais. Outra característica mencionada por pesquisadoras do campo, é um retorno às ruas, às manifestações públicas, que fazem ecoar novas demandas expostas, muitas das vezes, nas redes sociais.

Se o contexto pós década de 1960 desencadeou transformações nas lutas feministas, outras frentes de lutas por direitos e igualdade também ganharam corpo. Estamos falando de um período revisionista quando vários campos do saber questionaram paradigmas vigentes, destruindo-os ou reelaborando-os.

Momento em que o entendimento sobre arquitetura e cidade também passava por revisões, assim como, as dinâmicas e as práticas que condicionam os ambientes urbanos. Centros e periferias das cidades brasileiras, que durante todo o século XX, acumularam problemas e estigmas passaram a ser enfrentados sob outras perspectivas, especialmente acerca da de leituras pautadas na dimensão cultural e histórica desses lugares. Para além do funcionalismo generalizante e de sua constituição matéria inanimada, tais partes das cidades passaram a ser consideradas como lugares, habitados por pessoas e por grupos sociais, com suas particularidades culturais e históricas.

Claramente, o Setor Central de Goiânia, agora numa condição metropolitana, não ficaria alheio a essas transformações. Muito do pensado e construído a partir de seu projeto original foi aos poucos se adaptando às novas realidades.

A partir de um breve olhar pela cidade, é possível afirmar que o centro perdeu grande parte do seu *status*, propagandeado na época em que estava em construção. Já não é visto da mesma forma como no primor dos *footings* enquanto acontecimento

social da Avenida Goiás e os bailes noturnos no Grande Hotel foram substituídos pelos populares chorinhos<sup>17</sup> em sua calçada frontal.

Machado e Ratts (2017), ao investigarem a relação entre as mulheres e as ruas em Goiânia, mencionam que a Rua 8 e o Projeto Grande Hotel Vive o Choro foram apontados como importantes lugares apropriados por mulheres feministas no centro de Goiânia.

As ruas da região central da cidade foram trazidas pelas mulheres como importantes para as apropriações feministas e algumas delas, já foram espaço de vivências feministas, como a Rua 8 e o Projeto Grande Hotel Vive o Choro (conhecido como o Chorinho), da Secretaria Municipal de Cultura de Goiânia, que acontecia na Avenida Goiás, ambas, no Setor Central. A Rua 8, conhecida também como Rua do Lazer, apareceu nas falas das feministas que tinham entre 44 - 67 anos de idade. Este local foi intensamente ocupado por elas, principalmente na década de 1980, 1990 e 2000 [...] as mulheres dizem que o Chorinho que acontecia gratuitamente toda sexta-feira na Avenida Goiás, em frente ao Grande Hotel, onde ocorriam apresentações de bandas locais com estilos diversificados, era um momento de encontro entre as feministas nos anos de 2011 e 2012. (Machado e Ratts, 2017, p. 205)

Hoje, numa retomada do espaço do setor central, uma nova geração de mulheres e homens voltaram a ocupar a rua 8. Esse renascimento começou após o fim da pandemia de COVID-19, em um esforço para reanimar e revalorizar um espaço que há muito estava em declínio, uma situação que se agravou pelo distanciamento social imposto pela pandemia.

Ainda que as apropriações tenham sido mencionadas, o medo e a violência também aparecem no mesmo estudo. Os eventos, seja por iniciativa pública, seja por grupos organizados, promovem a ocupação dos espaços públicos, sobretudo das ruas. Mas o medo é amplamente mencionado pelas entrevistadas. Os autores argumentam que as mulheres, em geral, receiam as ruas, os espaços isolados, a visibilidade limitada, locais ou situações desconhecidas e pessoas estranhas. Isso pelo medo da violação de natureza sexual por sua ameaça constante que significa uma limitação para uma apropriação mais extensiva por parte das mulheres.

As entrevistadas dizem da liberdade que as mulheres sentem ao estar nas ruas durante a Marcha das Vadias, vestidas da forma que querem ou parcialmente despidas e ao mesmo tempo, sentirem-se seguras naquele local. Elas se veem empoderadas. O direito de manifestar é uma conquista do espaço da rua. (MACHADO e RATTTS, 2017, p. 204)

---

<sup>17</sup> Festa popular na qual tocavam bandas de choro.

Com o contínuo crescimento da cidade, o Setor Central como tantos outros bairros adquiriu novas funções. Surgiram na cidade outras centralidades, enfraquecendo essa região e tornando-a por muitas vezes uma região marginalizada com outdoors cobrindo as fachadas de vários prédios históricos, tomada pelo comércio de rua de dia e um esvaziamento parcial noturno, com exceção de pontos comerciais e prostituição. O centro, porém, nunca deixou de pulsar, a vida acontece ali entremeada por todas essas novas e antigas relações.

Segundo Milton Santos (1959) os bairros demonstram, através de sua estrutura, a estrutura e a condição de seus próprios moradores, de maneira que o público revela aspectos particulares da própria vida urbana daqueles que o experimentam. O autor ainda anuncia que:

O centro da cidade, entretanto, é [...] uma síntese dos outros elementos e se as suas subáreas representam aspectos particulares da funcionalidade urbana, estas mantêm entre si relações muito íntimas, de tal modo que terminam por formar um verdadeiro conjunto coerente. O centro da cidade reflete, ao mesmo tempo, as formas atuais da vida da região e da cidade e o passado, seja pela evolução histórica da cidade e da região, seja pelo sítio inicialmente escolhido para instalar o organismo urbano [...]. Por isso, o estudo isolado só centro urbano não parecerá um desvirtuamento dos compromissos científicos e metodológicos da geografia, mas um seu enriquecimento [...] (SANTOS, 1959, p. 20)

Assim como tantos outros bairros, o centro, tem meandres próprios e particulares, como um microcosmo da cidade, esse espaço tem histórias e características próprias que refletem as características de seus próprios moradores e passantes. A popularização e a diversificação trouxeram para o Setor Central de Goiânia diferentes composições de grupos familiares como residentes. Comércio e serviços atraem e empregam diferentes pessoas, sobretudo, mulheres. É o lugar de chegada para migrantes e para grupos de imigrantes. Recebe mostras culturais e uma efervescente movimentação noturna em alguns pontos. O que nos induz a reconhecer perfis de mulheres que habitam o centro hoje.

Imagem 21: Lambe-lambe no centro de Goiânia.  
Fonte: acervo pessoal, 2020.



## RECONHECENDO ALGUMAS MULHERES

E nesse ponto, volto a me colocar como pesquisadora e indivíduo no espaço. Conheço o centro primeiramente como nativa, depois como pesquisadora, e mais recentemente como trabalhadora. Nenhuma dessas categorias me fornece todo o necessário para falar sobre um espaço tão múltiplo como o centro de Goiânia, mas facilita o contato.

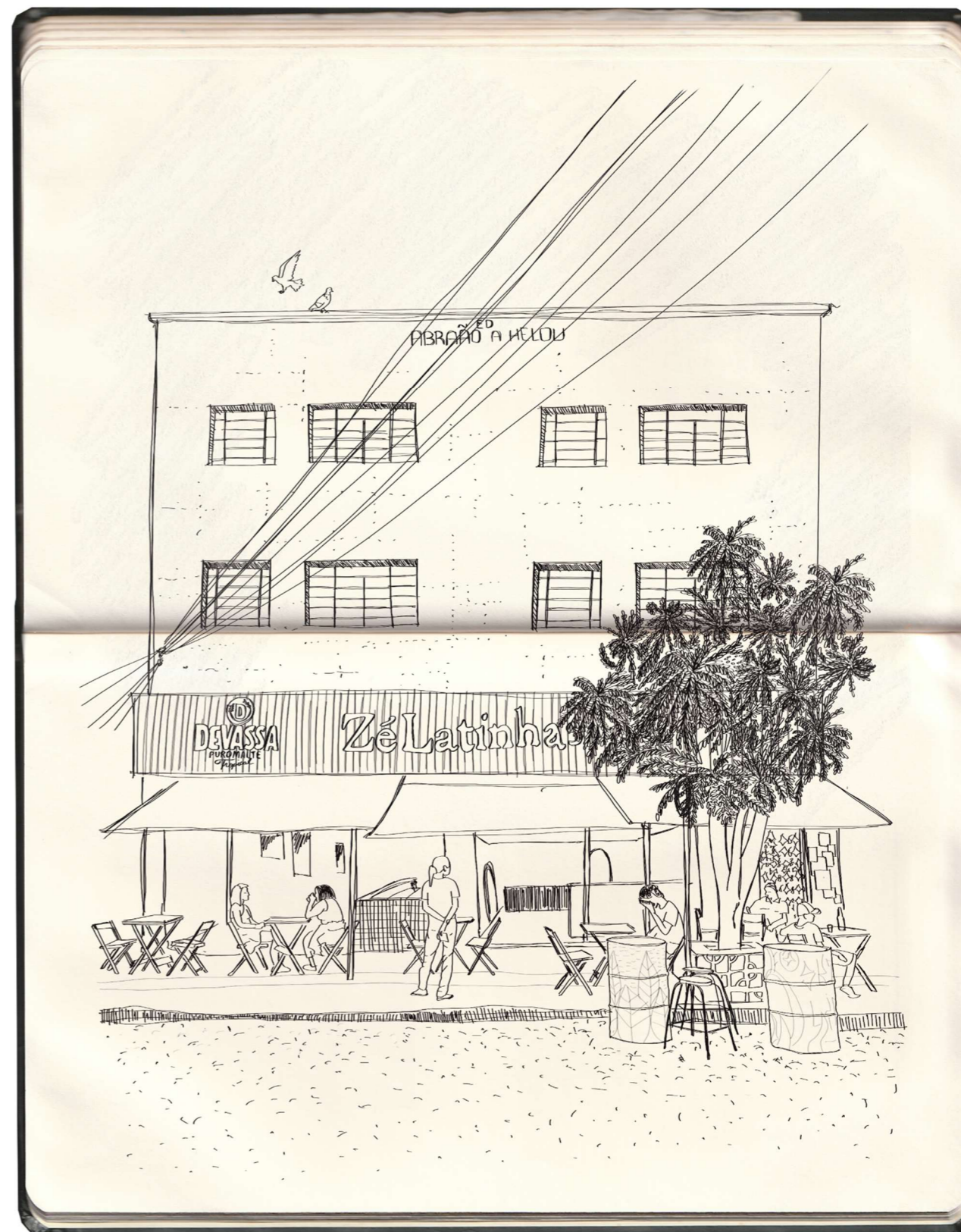
Antes de começar o trabalho de conclusão de curso, me surgiu uma oportunidade inesperada. Havia um restaurante com certa tradição no Setor Central, chamado Zé Latinhas, que estava lutando para se manter aberto em meio à pandemia. Seu dono, pai de um amigo, havia perdido a esposa no ano anterior e queria que seu filho tomasse conta do que restava. O filho, por sua vez, fez uma proposta para mim e outro amigo, para que entrássemos no negócio com ele e usássemos isso para dar vazão à muitas das ideias que tínhamos alimentado durante anos de faculdade de arquitetura e urbanismo.

Com muita relutância eu aceitei. Hoje acho que me empolguei muito mais com a ideia de reestruturar e reformar, do que necessariamente com a ideia de gerenciar um lugar. Nunca achei que trabalharia no ramo, e mesmo depois disso ainda me mantive trabalhando com arquitetura em um escritório. Com o tempo, a rotina se tornou insustentável. Trabalhava de manhã e ia direto para o bar e lá ficava até tantas da noite, houve momentos em que eu nem fui para casa, emendando um no outro. Resolvi então sair do escritório, depois de um tempo ficou claro que trabalhar ali, no centro, fazia muito mais sentido para mim do que trabalhar em um escritório.

Quando de fato me coloquei na posição de administradora, atendente, estoquista, bartender, caixa e tantas outras coisas que precisei ser ali naquele lugar, que eu me vi parte daquele lugar. Hoje, afastada há dois anos dessas tantas posições vejo o quão diferente são as várias de mim que precisei ser para me adequar a diferentes espaços.

Imagem 22 e 23: Diário de campo de 2022.

Fonte: acervo pessoal.



JÁ SÃO 5h E AINDA NÃO CONSEGUI DORMIR...

MINHA MÃE FICARIA BEM BRAVA SE Soubesse QUE ISSO ACONTECEU... ~~ALGUMAS~~ ME SENTI TÃO INDEFESA E AINDA NÃO ENTENDO BEM O QUE ACONTECEU, GERALMENTE ESCREVER AJUDA (~~ALGUMAS VEZES NÃO AJUDA~~)

O BAR ENCERROU OS ATENDIMENTOS POR VOLTA DAS 1h30, AS 2h AS PORTAS JÁ ESTAVAM FECHADAS. ACHO QUE POUCO ANTES DAS 3h PEDI UM UBER.

EU MORO RELATIVAMENTE PERTO DO BAR, DE DIA GERALMENTE VENHO À PÉ OU DE BIKE... MAS TAMBÉM NÃO COSTUMO FECHAR O BAR, ALI TAVA CANSADA E SE EU FOSSE À PÉ EU PROVAVELMENTE TERIA QUE IR SOZINHA.

MARCÉLIO FEZ QUESTÃO DE ESPERAR O UBER, E O HENRIQUE, QUE IA COM ELE, FICOU TAMBÉM.

O UBER CHEGOU, ME DESPEDI DOS MENINOS NA PORTA DO BAR E FUI EM DIREÇÃO AO CARRO. ENTREI NO CARRO, FECHEI A PORTA, EU TENHO CERTEZA QUE NÃO BATI A PORTA. "SUA PUTA NÃO BATE A PORTA!"

NÃO ENTENDI O QUE TINHA ACONTECIDO. EU NÃO ENTENDI ATÉ AGORA, EU NUNCA VI ESSE HOMEM, EU NÃO BATI A PORTA. DEPOIS DE ALGUNS SEGUNDOS DE PURA CONFUSÃO ~~NA MINHA CABEÇA~~, EU TENHO VERGONHA DE NÃO TER REBATIDO.

DISSE APENAS "POSSO SAIR?" AGORA ME PARECE TÃO DOIDO TUDO QUE ACONTECEU. ELE ME RESPONDEU COM "SÓ LOGO VAGABUNDA". PUTA? VAGABUNDA? EU NÃO ENTENDO O QUE ACONTECEU.

EU SAÍ DO CARRO E O INDIVÍDUO SAIU ACELERANDO. "PIRANHA". POR SORTE MARCÉLIO E ENRIQUE AINDA ESTAVAM NA ESQUINA. ELAS NÃO ENTENDERAM TAMBÉM.

PUTA PIRANHA VAGABUNDA

SERÁ QUE ELE ACHOU QUE EU ERA UMA PROSTITUTA? SERÁ QUE EU REALMENTE BATI A PORTA? MAS ISSO JUSTIFICA FALAR DESSA FORMA COMIGO, NAQUELE LOCAL, NAQUELA HORA? EU SIMTO MUITA VERGONHA PORQUE DE ALGUMA MANEIRA PARECE SER REALMENTE MINHA CULPA. PODE SER QUE EU TENHA BATIDO A PORTA OU TALVES A ROUPA QUE EU ESTAVA VESTINDO DESSE A ENTENDER QUE EU ERA UMA PROSTITUTA E O MOTORISTA FICOU COM MEDO? PARECE TÃO IDIOTA A SITUAÇÃO INTEIRA.

DEPOIS DE TUDO EU AINDA TINHA QUE IR EMBORA PRA CASA, MAS TUDO QUE EU PENSAVA ERA QUE EU TERIA QUE ENFRENTAR UMA DAS ALTERNATIVAS

- 1 IR PARA CASA À PÉ SOZINHA, COM A NOÇÃO QUE EU ESTARIA EXPOSTA À SABER-SE LA O QUE
- 2 PEDIR PARA OS MENINOS ME ACOMPANHAREM À PÉ, O QUE APESAR DE TER SIDO SUGERIDO PELO MARCÉLIO FAZIA EU ME SENTIR TÃO PEQUENA, TÃO EXPOSTA.
- 3 PEDIR OUTRO UBER, COM A ESPERANÇA DE VIR UMA PESSOA QUE NÃO ~~SEJA MALUCA~~ FAÇA O MESMO OU PIOR.

NO FIM OS MENINOS ME "ESCOLTARAM" ATÉ A MINHA CASA.

SOU OBRADA À ELAS, MAS NO CAMINHO DE VOLTA NÃO PUDE DEIXAR DE SENTIR RAIVA DELES... ELAS CAMINHAVAM TÃO TRANQUILAMENTE. NÃO QUE CAMINHAR AQUELA HORA DA NOITE NÃO SEJA PERIGOSO PRA ELAS TAMBÉM, MAS É OUTRA COISA. É BEM MENOS PESADO.

Nunca tive medo de estar no centro, minha mãe me diz que sou inconsequente, que sempre fui, mas prefiro o termo destemida. Eu nunca tive medo do centro, mas eu tenho motivos para ter.

O relato é de uma quarta-feira de fevereiro de 2022, mas poderia ser qualquer outro dia. A empresa de corridas nunca me deu uma resposta contundente sobre o ocorrido e o boletim de ocorrência nunca foi para a frente. No final me transformei em uma estatística.

A minha história aqui se confunde com a de muitas outras mulheres que percorreram ruas com nomes de homens, que passam, todos os dias, por estátuas em homenagem à homens e que trabalham em prédios com nomes de homens.

É sobre essas mulheres que busco falar.

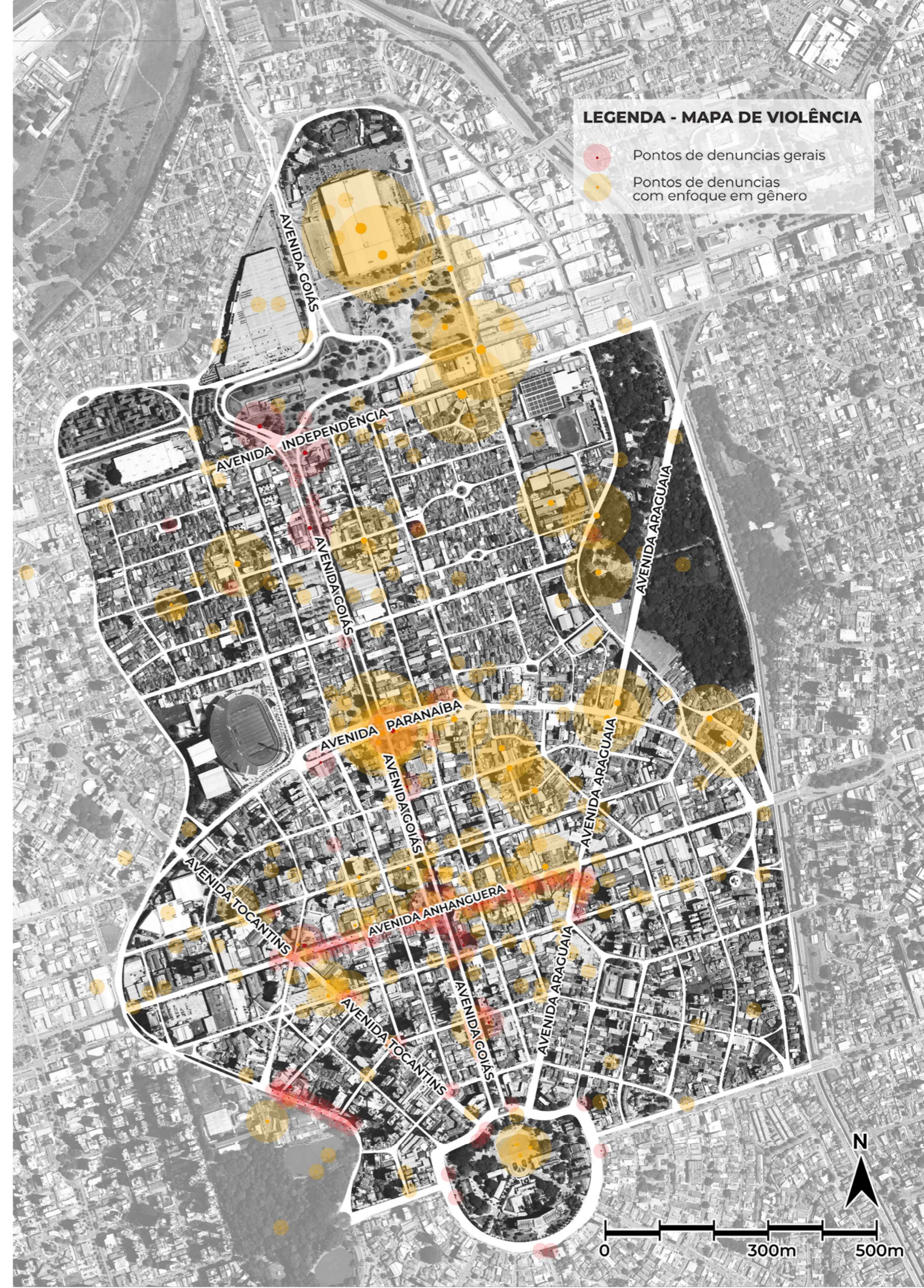
Antes de apresentá-las é preciso definir alguns conceitos pertinentes. Parte dos relatos são retratos corriqueiros e rotineiros. Partem de experiências individuais ordinárias que são compartilhadas em diferentes cenários. Outros relatos e narrativas, porém, apesar de, infelizmente, remeterem a fatos que ocorrem com certa frequência, expõem situações que podem constranger as interlocutoras que colaboraram com a pesquisa. Dessa forma, para garantir o direito à privacidade, decidi ocultar seus nomes reais e utilizar de codinomes e personagens arquétipos para identificar a participação de todas as entrevistadas.

Apesar de a ideia de arquétipo remeter a uma antiguidade longínqua e ter sido trabalhado por estudiosos de diferentes campos ao longo da história, como os filósofos Platão e Kant, os antropólogos Claude Lévi-Strauss, Franz Boas e James Frazer, pelo etnólogo alemão Adolf Bastian, interessa-nos para esse trabalho o entendimento desenvolvido pelo psicanalista suíço Carl Gustav Jung. (Anaz, 2020)

Personagens arquétipos são tipos de personagens que representam padrões universais e recorrentes na literatura, mitologia e cultura de diversas sociedades ao longo do tempo. Como formas vazias criadas no inconsciente humano, os arquétipos são preenchidos por imagens e representações de acordo com um contexto cultural específico. Eles encarnam características e traços de personalidade que são reconhecíveis e familiares dentro de um determinado recorte cultural: "isso significa que um mesmo arquétipo pode ser representado por diferentes imagens, em diferentes culturas e em diferentes momentos". (Anaz, 2020, p. 255)

Para Jung (2014), existem imagens primordiais e universais na psique humana, que ele denominou de "arquétipos". Esses arquétipos, em contraste com a natureza pessoal da psique consciente, compõem um sistema psíquico coletivo, herdado e composto por formas preexistentes, que moldam os conteúdos da consciência de maneira inerente.

Imagem 24: Mapa da violência. Fonte: Google Earth, com intervenções da autora feitas a partir de coleta de dados da Secretária de Segurança Pública e Controladoria-Geral do Estado.



O autor considera que, quando dentro desses “arquétipos” os indivíduos operam de forma inconsciente, influenciam padrões de comportamento que transcendem a experiência individual. Esses arquétipos seriam, portanto, dinâmicos, determinando comportamentos de maneira inconsciente e independente das experiências individuais, resultando em emoções que moldam a disposição e perspectivas do indivíduo.

Os arquétipos se manifestam simbolicamente em criações artísticas e narrativas, sendo preenchidos por imagens específicas que refletem características culturais e históricas. Embora, em si, sejam universais e atemporais, suas representações simbólicas variam conforme contextos culturais e históricos específicos.

Além de influenciar a compreensão do mundo e as narrativas culturais, os arquétipos desempenhariam um papel fundamental ajudando a compreender a psique dos indivíduos e dos fenômenos culturais e da imaginação humana, permeando campos como os estudos da narrativa e do imaginário.

Um exemplo de personagem arquetípico é o do herói, que aparece em diversas culturas e mitologias como um indivíduo corajoso, nobre e capaz de superar desafios para alcançar um objetivo. Esses personagens arquetípicos seriam exemplos de como certos padrões narrativos e simbólicos são recorrentes e reconhecíveis em diferentes contextos culturais, contribuindo para a compreensão da identidade e da experiência humana em um sentido mais amplo.

Usando os conceitos de arquétipos pretendo explorar as histórias de mulheres por meio da subversão dos próprios personagens arquetípicos. Ao entendê-los como padrões universais que moldam a compreensão humana e as narrativas culturais, busco mostrar que, em alguns casos, há uma quebra nas expectativas associadas a esses padrões. Através dessa abordagem, busco promover uma reflexão sobre as representações de gênero na cultura e desafiar preconceitos associados a alguns desses arquétipos, incentivando uma compreensão mais inclusiva e progressista do ser mulher.

---

## as mulheres

Trabalhadoras, moradoras, passantes, viventes. Teríamos uma infinidade de marcadores e de perfis quando percebemos o quão distintas e diversas são as mulheres que vivem no Setor Central de Goiânia.

Tentar revelar um número significativo de perfis que ilustrassem essa diversidade seria algo impossível. Nesse sentido, os arquétipos nos ajudam a ilustrar com certa subjetividade e abertura, existências e práticas que podem encontrar eco em experiências de qualquer outra de nós mulheres. Os arquétipos nos ajudam a trazer representações dessa diversidade.

Trago, portanto, histórias e percursos de vidas que percebo como significativos e representativos, sem o intuito de esgotá-los. Ouvi falar de todas as mulheres com as quais diálogo aqui, antes mesmo de conhecê-las de fato.

A primeira vez que fui ao Bar da **Dona do boteco** estava acompanhada de um amigo que me garantiu ser a cerveja mais gelada da cidade. Ao chegar lá, contei sobre o elogio feito para a dona do bar que me atendia e, prontamente, ela me disse que traria “a cerveja mais gelada do bar com a cerveja mais gelada da cidade”. De fato, a cerveja era bem gelada, e a comida quente e gostosa. A mulher que me atendeu era a **Dona do Boteco**: uma mulher branca, próxima de seus 60 anos de idade. Está sempre de cabelos presos, sem nenhum fio grisalho, com fisionomia austera, mas bastante receptiva.

Em uma das últimas vezes que fui visitar o estabelecimento percebi que na nota fiscal e no usuário da internet sem fio, o nome do bar ainda era outro, o mesmo que tinha da primeira vez que fui. Um nome que fazia referência a rua em que se localiza. Porém, já há algum tempo, a dona orgulhosamente mudou o nome do estabelecimento e agregou nele o seu próprio nome, uma questão simplesmente de ajuste de fachada, visto que nos 29 anos que antecederam a mudança, todos os seus frequentadores já conheciam o espaço como o Bar daquela mulher.

---

A primeira vez que ouvi falar da **Dona da rua** foi sentada num bar com um grupo de pessoas. Um dos homens então começou a falar sobre ela. De maneira geral o relato foi que voltando para casa ela o abordou e perguntou se ele queria ‘comer’<sup>18</sup> ela’ por 20 reais. Ao dizer que não estava interessado, ela retrucou com a proposta de dez reais. O narrador nos disse, então, que recusou novamente e saiu apressado, sem ouvir o resto do que ela tinha a dizer.

A Dona da rua não é conhecida por seu verdadeiro nome, que só fui conhecer recentemente, o qual ela me contou em um momento que conversávamos depois dela ter voltado de uma ida ao hospital. Seu apelido vem do fato de ela quase sempre usar perucas muito coloridas e chamativas.

Ela é uma mulher negra, de estatura baixa, magra, com olhos escuros. Por baixo de sua peruca possui cabelos curtos crespos e pretos. Ela se tornou uma figura conhecida na região onde vive, não apenas pelo uso de perucas extravagantes, mas também por sua personalidade forte: não leva desaforo de ninguém e muitas vezes se defende vigorosamente quando confrontada. Ela desenvolveu uma reputação de alguém que não se deixa intimidar facilmente. Sempre busca formas de ganhar dinheiro: pede roupas para quem conhece para vender para os brechós da região e varre fachadas de lojas.

---

<sup>18</sup> “Comer” aqui se refere ao ato sexual, ao coito. Segundo DaMatta (1986) a associação entre comida e sexualidade é explorada como uma metáfora que revela aspectos da concepção brasileira sobre a sexualidade. A ideia de que o ato sexual pode ser interpretado como um ato de “comer”, onde o comedor absorve totalmente o comido, simboliza uma concepção marcada pela absorção e hierarquização de papéis de gênero. Essa dinâmica reflete não apenas uma diferenciação de papéis de gênero, mas também questões sociais mais amplas, como as relações entre casa e rua, que se manifestam tanto nas esferas privadas quanto públicas da vida brasileira.

---

A **Dona da lanchonete** é proprietária de uma rede de estabelecimentos que começou no centro a mais de quatro décadas, onde ainda mantem a primeira loja. É mulher de estatura média, magra, tem olhos azuis claros, é branca e possui cabelos loiros e longos. Ela é conhecida principalmente como a matriarca do estabelecimento e, mais do que isso, como alguém de reputação ímpar na região. Hoje cuida dos seus estabelecimentos com seu filho.

---

A mais jovem entre as mulheres entrevistadas está a **Dona da noite**. Branca, paraense e de estatura média, ela é conhecida por se envolver em muitas coisas relacionadas à produção artística e cultural: é DJ<sup>19</sup>, designer, produtora e é do “rolê”. Com ela, não têm tempo ruim. Podemos dizer, ainda, que ela é uma das responsáveis pelo recente reavivamento da vida noturna no centro da cidade. É encarregada pela curadoria musical de dois grandes bares da região. A maior parte de seu trabalho diurno é feita em casa, que também está localizada no centro, e à noite ela toca em vários bares do bairro e da cidade.

---

<sup>19</sup> “DJ” vem da abreviação de “disc jockey”, é um profissional responsável por selecionar e reproduzir músicas em eventos, os DJs buscam criar uma experiência sonora única e manter o público envolvido e animado durante o evento.

## CAPÍTULO 3

### ENSAIOS POR OUTRAS POSSIBILIDADES

---

Quando falamos do centro de Goiânia na atualidade um fato ocorrido chama a atenção. Em julho de 2022, ocorreu o *LambesGoia*<sup>20</sup>, festival que reuniu artistas do Brasil e do mundo. Entre os nomes que o festival trouxe a capital está o da artista visual Bruna Alcântara que ofereceu às paredes da cidade uma obra crítica sobre a condição de mães serem mulheres equivocadamente santificadas. A obra consiste em um lambe-lambe<sup>21</sup> de um autorretrato em que alimenta seu filho e sobre o qual foram feitas intervenções através da técnica de bordado. Porém, menos de doze horas depois de finalizada, a obra foi vandalizada e violada.



Imagem 25 e 26: Lambe-lambe de Bruna Alcântara recém colocada e após ser vandalizada. Fonte: Alcântara, 2022.

<sup>20</sup> Festival Internacional de Lambe-Lambe que ocorreu em Goiânia, entre os dias 15 e 28 de julho de 2022, para a produção e difusão da técnica artística do lambe-lambe. O festival também promoveu um encontro e exposição coletiva com artistas de todo o Brasil.

<sup>21</sup> Lambe-lambe, ou cartaz urbano, consiste em cartazes, feitos digitalmente ou analogicamente, que inicialmente eram utilizados para propaganda em espaços públicos e hoje são utilizados, principalmente, como forma de arte ou crítica social, colados pela cidade.

## A DONA DO BOTEÇO

Esse fato, ilustra as aberturas e as permanências ainda tão presentes no Setor Central de Goiânia, sobretudo as ações e as reações perante o corpo feminino no contexto urbano. É neste bairro que buscamos ouvir as mulheres que vivem o espaço de maneiras diversas, cada uma com suas próprias histórias, contextos e valores. A apresentação de seus relatos será atravessada por estudos, leituras e questionamentos que surgem a partir das experiências relacionando-as com temas que perpassam as relações da mulher na cidade contemporânea, como domesticidade, trabalho, marginalidade e lazer.

Ao destacar essas mulheres e suas vivências, o capítulo busca compreender as complexidades e particularidades de suas vidas dentro do contexto em estudo. Suas histórias são fundamentais para a análise proposta, permitindo uma compreensão mais íntima das dinâmicas sociais, das interações e das identidades construídas nesse espaço específico.

Ao se colocar em debate a condição de vida dessas mulheres, o capítulo tem como objetivo estabelecer conexões, ampliar o entendimento dos temas abordados e criar aberturas para um debate necessário acerca das relações entre mulheres e o espaço urbano de Goiânia. As teorias fornecem um conjunto de conceitos que possibilitam uma análise crítica e aprofundada das experiências das mulheres, explorando questões como a construção das identidades de gênero, as relações de poder e as dinâmicas sociais que permeiam suas vidas.

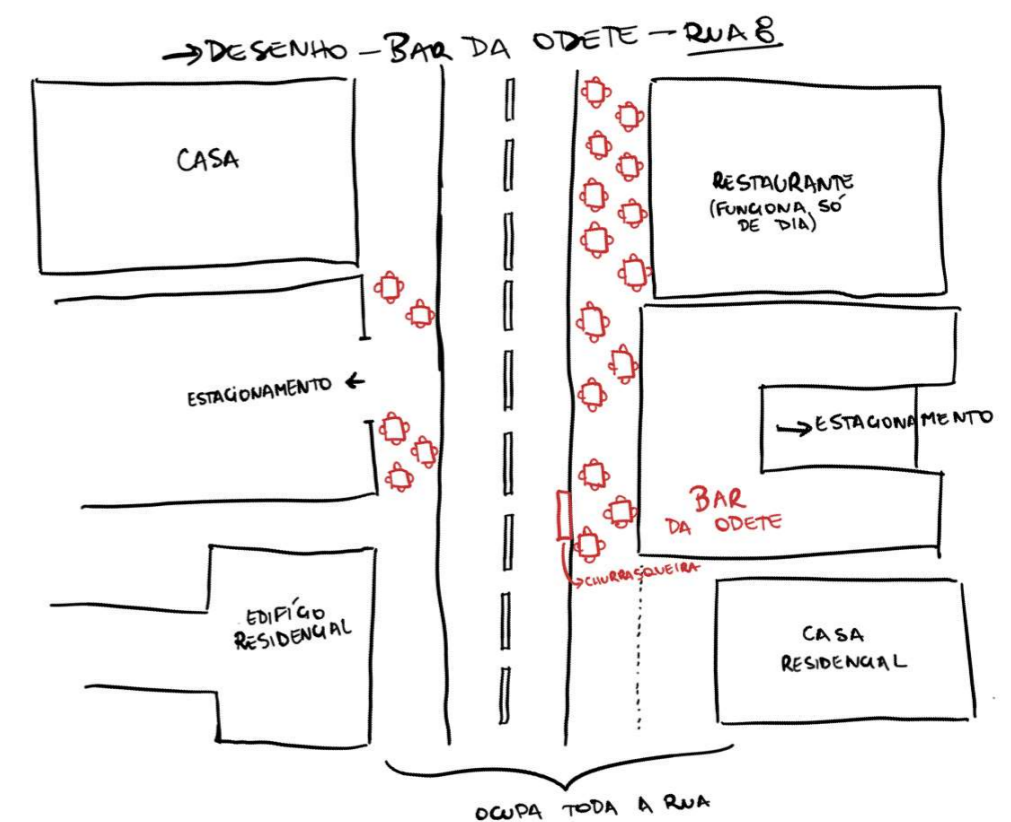
Através dessa abordagem, buscaremos compreender o cotidiano dessas mulheres em diferentes contextos, nas ruas, em suas casas e no ambiente de trabalho. Investigaremos também suas experiências de deslocamento e os limites impostos ao seu corpo. Pretendo ainda explorar as formas pelas quais essas mulheres encontram conforto e bem-estar em suas vidas. Além de abordar as dificuldades e desafios que enfrentam, é essencial compreender como elas buscam momentos de acalento e satisfação. Ao entrelaçar os relatos empíricos com as teorias pertinentes, é possível traçar um panorama da vida dessas mulheres.

Nossa incursão pelas espacialidades e pelas histórias das mulheres que habitam o centro de Goiânia começa com a “Odete”, dona de um bar situado na Rua 8. Odete é um nome fictício, assim como todos os demais que utilizaremos no trabalho, criados aqui para preservar a privacidade e o anonimato do que nos foi contado.

Odete é uma mulher, branca, casada em torno de seus 66 anos de idade. Apesar de seu olhar austero, a dona do boteco adora conversar. Ao me apresentar como pesquisadora, ela prontamente passou seu telefone e disse, orgulhosa, que a TV Anhanguera, canal local de televisão, a chama para entrevistas periodicamente.

O bar cuja ambiência pode ser caracterizada pela de um boteco popular, como outros que existem pelo centro, tem seu espaço principal definido por uma marquise e por um letreiro que ostenta o ano de inauguração: 1992. A parte de apoio, como o balcão e a cozinha, esconde os fundos do lote utilizado como estacionamento rotativo. O bar em si, acontece na calçada a sua frente, ocupada por mesas de plástico estampados com marcas de cerveja, e o outro lado da rua, também na frente de um estacionamento, em que ela usa a calçada para o mesmo fim. Condição que tensiona os limites entre o público e o privado, o formal e o informal, o estabelecido e o improvisado, mas que, em essência, promove a ocupação da rua enquanto espaço coletivo.

Imagem 27: Desenho esquemático da implantação do Bar da Odete, caderno de campo, 2024.  
Fonte: Acervo pessoal.



Odete demonstra ainda, respeito e agradecimento aos clientes. Afirma que se envaidece sempre que alguém elogia a *jantinha*<sup>22</sup> ou a *cerveja gelada*. O cardápio é tido como um ponto forte, ao que atribui ser o atrativo que garante o funcionamento do bar por três décadas. Há alguns anos, fez algumas modificações tanto no *menu*, como na fachada ilustrada por fotografias dos principais pratos. Durante a conversa, fez questão de mostrar as novidades que, para ela, agregaram valor ao estabelecimento. Citou, ainda, alguns itens que não estão mais no *menu*, mas que a pedido de clientes antigos, ela prepara com satisfação por considerar: “não um problema, e sim um elogio”.

Esse não é seu primeiro empreendimento. Anterior a ele, Odete teve outro bar localizado no Setor Universitário, bairro onde reside. E, afirma de maneira orgulhosa, que nunca tirou férias em 32 anos. Frisa que, para ela, trabalhar é saúde: “se eu parar de trabalhar eu morro”.

Com uma jornada dupla e contínua de trabalho, sua rotina divide-se entre a casa, no Setor Universitário, e o bar, no Setor Central. Além do trabalho no boteco, é ela quem cuida da rotina da casa: arruma, lava, passa, cozinha. Só depois de realizar as atividades domésticas vai para o bar que funciona de segunda à sábado, das 17h até 01h, e aos domingos, das 10h às 23h:

Odete: Menina, não adianta nada eu vir aqui e arrumar tudinho, fazer minhas coisas limpinhas, se lá em casa tá tudo uma bagunça... [...] O marido ajuda, mas quando é pra arrumar coisa né ... se tiver que pendurar alguma coisa ou arrumar alguma coisa que quebrou ele faz!

O bar leva seu nome e, nele, suas atividades vão além de gerenciamento. Menciona que “faz de tudo”, o que configura **contínuas e sobrepostas jornadas** de trabalho. Relata, ainda, que seu marido “a ajuda” em atividades de manutenção esporádicas, como “consertar objetos quebrados ou furar uma parede”. Percebe-se, no discurso de Odete, a nítida separação entre o que seriam as atividades do homem e quais seriam as atividades da mulher: aquelas ligadas ao universo doméstico, seja em casa, seja no bar, como limpar, arrumar, cozinhar. E diz: “não adiantaria nada o seu negócio estar bem se sua casa não estivesse”.



Imagem 28: Diário de campo, desenho do Bar da Odete, caderno de campo, 2023. Fonte: Acervo pessoal.

<sup>22</sup> Prato típico goiano que geralmente leva um espetinho de carne, arroz, feijão tropeiro, mandioca e vinagrete.

Em outro momento da entrevista retornei o tema da divisão de tarefas. Fiz uma pergunta que tinha o propósito de ser o início de uma discussão, questionando se em algum momento já tinha pensado em dividir, entre ela e o marido, as tarefas domésticas:

Pesquisadora: Odete, voltando um pouco... você me falou que é você quem cuida da casa, e que vocês dividem as atividades ligadas ao bar. Vocês já pensaram em dividir também as atividades em casa?

Odete: Olha, a gente é de outro tempo, meu marido é muito bom e ele faz tudo o que ele tem que fazer ... eu não vou pedir pra ele lavar uma louça, eu vou e lavo... E ele não vai me pedir pra fazer outras coisas também, e pra gente é assim que funciona... sabe?

O que mais me chamou atenção não foi necessariamente a resposta, mas o tom ríspido com Odete a respondeu, como se a pergunta fosse ofensiva e houvesse cruzado uma linha que separa sua vida pública da sua vida privada. Nas respostas seguintes a rispidez desaparece, mas sua atitude me fez refletir: por que aquela pergunta a afetou tanto? Será que essa afetação era sua? Por quê?

Outro aspecto acentuado por Odete diz respeito ao bar como um ambiente de socialização. Relatou que a clientela do bar é, em sua maioria, fixa e reconhecida, por ela, como “clientes fiéis”. Diz que raramente aparece algum desconhecido e que quem conhece o boteco, não deixa de frequentar. Por isso, a maioria dos clientes são considerados amigos e, sempre que possível, ela os recebe pessoalmente. Por vezes se senta, conversa um pouco. Afirma ter frequentadores assíduos desde o primeiro dia de abertura do bar:

Odete: Tem um senhor [...] que vem aqui todos os dias, ele só senta naquela mesa ali, perto da TV. Ele reclama de tudo... se tá chovendo tá ruim, se tá calor tá ruim também... Agora se a mesa dele não estiver vaga na hora que ele chega?! Ai ele nem senta, ele vem me pedir pra falar pra pessoa sair. E eu falo né... amigo meu já.

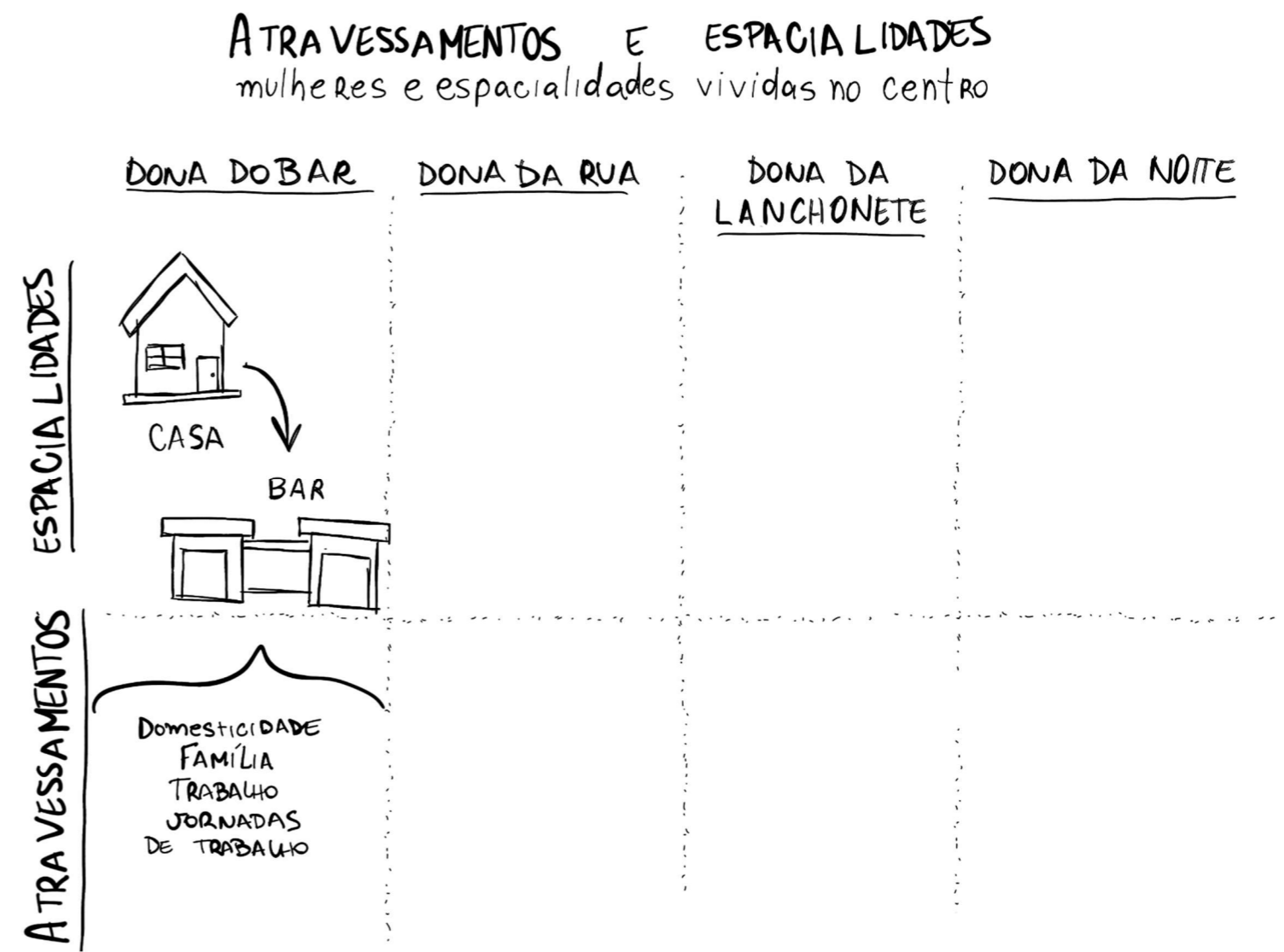
Numa conversa com um dos clientes, em um momento descontraído, ele me conta que frequenta o bar há pelo menos uma década, que sempre para ali depois do trabalho para tomar um *litirão* de cerveja e bater um papo com a dona: “Ah, é ela que faz isso aqui *rodar* né... é como se diz, a alma do bar [risos], só não pode pegar ela *num* dia ruim.... [risos]”.

Sobre a questão da violência no Setor Central, Odete diz não acreditar em tudo que é disseminada na mídia e é muito calorosa quando fala sobre o bairro que escolheu como lugar de trabalho:

Odete: Eu gosto que aqui todo mundo é amigo, tem gente que fala que tem assalto... logico todo lugar tem, mas aqui todo mundo me conhece, até o pessoal que mora na rua. Minha vida é aqui no centro, nessa cidadezinha...

Da conversa com a Dona do Bar, a primeira mulher a fazer parte desse trabalho, estruturou-se as primeiras pistas que servirão de base para nossas discussões. Percebe-se que dois espaços são articuladores da sua vida cotidiana: o bar e a casa. Seus relatos, aparentemente comuns e corriqueiros, trazem questões que perpassam por diferentes dimensões – atravessamentos – conformando uma complexa rede de relações que envolvem as urbanidades contidas nas cidades, alguns de seus espaços típicos e sua condição como mulher à frente de distintas práticas e representações cotidianas. A partir de Odete, começamos a mapear lugares e questões, apresentados na Imagem 26, que será acrescido conversa a conversa e debatido ao final deste capítulo.

Imagem 29: Diagrama de atravessamentos 1 - Odete. Fonte: Acervo pessoal.



## A DONA DA RUA

---

O nome da Dona da Rua faz referência a uma emblemática celebridade brasileira e pelo qual é conhecida. Aqui a chamaremos de Hebe, uma mulher preta, de meia idade, moradora das ruas do centro. Logo de início, Hebe me confidenciou que não gostava do apelido, atribuído a ela pelo fato de ter uma coleção de perucas. Mas, atualmente, prefere ser chamada por ele que pelo nome de batismo. Fui apelidada por ela de "baixinha" e, apesar de já ter me perguntado várias vezes qual o meu nome, nunca fez questão de memorizar.

Já conhecida em determinada região do Setor Central ela tem uma personalidade forte e intrigante. Num dia em que eu estava com amigos no Bar da Odete, ela parou na nossa mesa e pediu para beber conosco. Quando fomos servir a cerveja em seu copo, ela se recusou a tomar porque não era da marca *Heineken*, sua preferida. Situação que vi acontecer outras vezes e que dizem muito sobre seu posicionamento e suas convicções.

Hebe assume o papel da **Dona da rua** neste trabalho por não ter moradia fixa. Vive perambulando e dormindo nas ruas do centro de Goiânia há quase duas décadas. Sua casa é a rua. Em uma de suas falas, diz preferir a rua aos abrigos para onde é encaminhada. Os abrigos a recebem não no sentido de oferecer um lar, mas de interná-la sem que, na visão dela, tenham motivos para isso.

No início desse ano, passou um período desaparecida. O motivo relatado por ela foi ter sido agredida por "um doido" e levada de ambulância para algum tipo de atendimento e de internação. Experiência traumática para Hebe que diz: "lá eles me tratam mal demais". Tal episódio, explica sua reação quando, algum tempo depois, ao ver uma ambulância tombada na Avenida Goiás, começou a rir dizendo: "bem-feito".

As pessoas em situação de rua que vivem no centro, em geral, elegem um lugar específico onde passam a noite. Hebe prefere manter o dela em sigilo. Recentemente, durante um momento de perambulações, acabei encontrando um local com muitas perucas dela. Ao mencionar isso na entrevista, disse que era apenas o lugar onde permitiam que ela guardasse "sua valiosa coleção".

Imagem 30: perucas da Hebe, encontradas em um estabelecimento comercial, 2023. Fonte: acervo pessoal.



Hebe confidenciou que morava com sua família, mas “que isso era muito complicado porque ela usava<sup>23</sup> demais”. Escolheu, então, ficar nas ruas para que não tenha que responder a ninguém. A Dona da Rua faz parte de um panorama, assim como apresentado por Nunes e Souza (2020), ao demonstrar que a desigualdade de gênero, principalmente quando se pensa em mulheres negras, intensifica as dinâmicas da **feminização da pobreza**, tornando-as vulneráveis em vários sentidos.

Ao questioná-la sobre seu sustento, ela diz ganhar dinheiro vendendo coisas. Tem sempre algo para vender ou está à procura do que possa ser vendido. Em uma ocasião, depois de muita insistência por parte dela, uma colega lhe entregou um saco com roupas usadas em boas condições. Pouco tempo depois, já com tudo vendido, Hebe retornou demandando à esta colega que lhe trouxesse mais na semana seguinte.

Sobre prostituição ela relata:

Hebe: Baixinha, eu não mexo mais com isso não... Os homem é muito violento comigo e eles não tem dinheiro também... Até das 'meninas<sup>24</sup>' eu já apanhei, ai é melhor pra mim fazer meus trem de outro jeito, sem mexer com o trabalho delas né?! Mas tem hora que eu preciso também né... as vezes não tem outro trabalho pra mim... é melhor que roubar né?

Em outro momento de diálogo questiono sobre como ela se sente em relação à segurança, a que ela me responde que já aconteceu com ela “todo tipo de coisa”:

Pesquisadora: Como você se sente na cidade, no seu dia-a-dia? Em relação à segurança...

Hebe: Ai depende né... Tem dia que é de boa andar... mas eu não sinto medo não baixinha... de verdade... quando acontece alguma coisa, comigo ne, é quando... quando vem gente de fora. Dos outros que dá problema, sabe?

Pesquisadora: É, e já aconteceu alguma coisa com você?

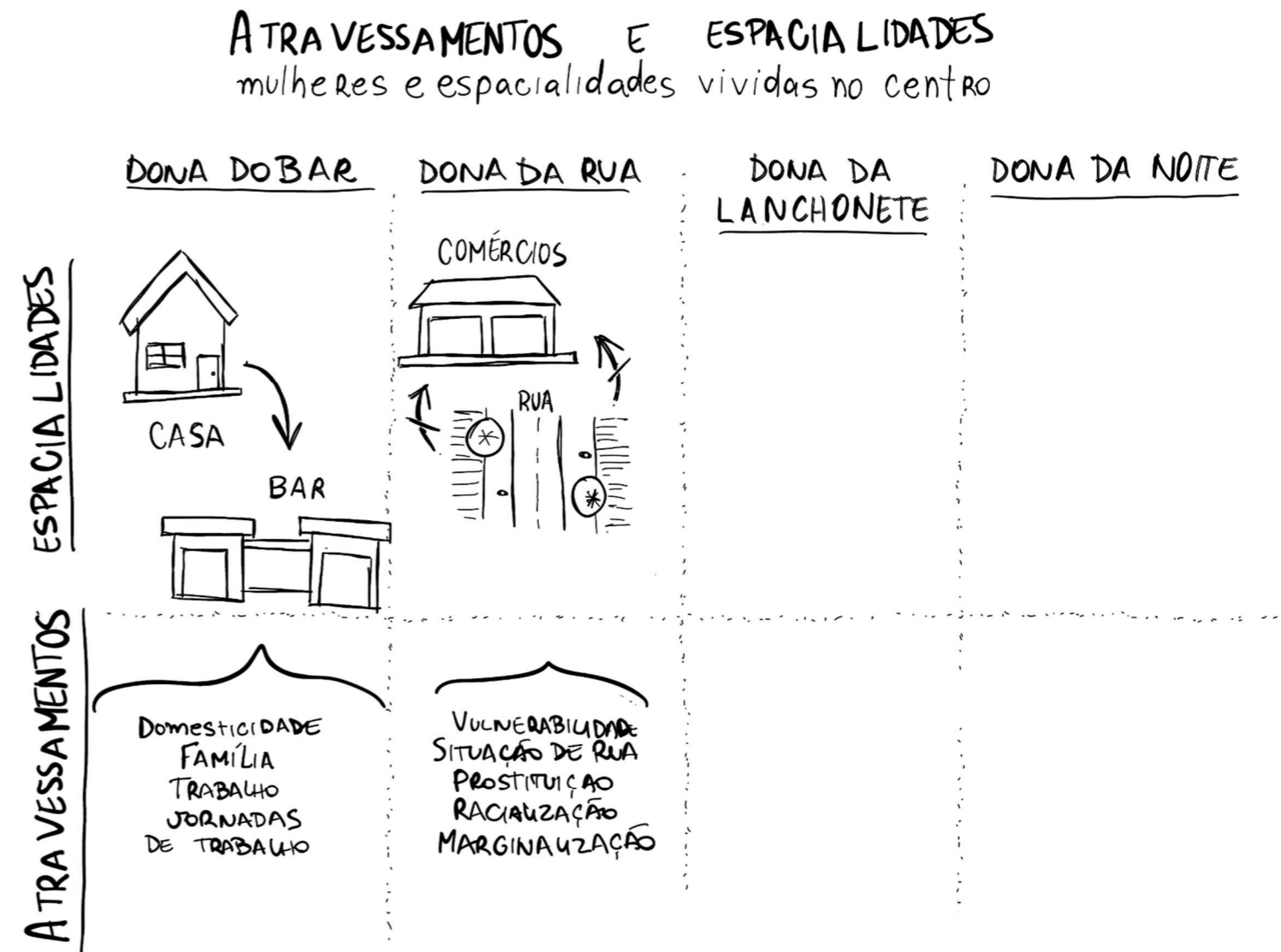
Hebe: [risos] uai baixinha, todo tipo de coisa... Nois que tá na rua é coisa normal, assim, já acostuma... eu nem fico mais com medo...

A condição de Hebe reforça que o cotidiano das mulheres em situação de rua é constantemente marcado por uma sucessão de violências. Ter um lugar seguro e desconhecido para dormir é apenas uma das táticas de sobrevivência.

<sup>23</sup> O verbo “usar” aqui se refere ao uso de drogas ilícitas.

<sup>24</sup> “Menina” é a forma que as próprias prostitutas e clientes utilizam para se referir à prostitutas.

Imagem 31: Diagrama de atravessamentos 2: Odete+ Hebe. Fonte: Acervo pessoal.



## A DONA DA LANCHONETE

Sempre fui uma assídua frequentadora da lanchonete. Desde que me mudei para o centro vou quase semanalmente. Mas só no final de 2023 que conversei pela primeira vez com a proprietária, a Dona Emília, apesar de sempre nos cumprimentarmos na hora do pagamento, quando ela estava à frente do caixa.

A mulher da lanchonete tem muito orgulho do legado que construiu com o marido:

Emília: [...] surgiu o espaço de lanches que é ali do outro lado da rua, na Goiás. E nós vimos e compramos... entramos com a cara e a coragem, sem saber nada. [...] [isso têm] 45 anos... Eu tinha 22, 21 pra 22, e meu marido tinha 23. Duas crianças... Nós começamos aqui, nesse pedaço [aponta para a rua] a gente passava com uma bicicleta cargueira... [risos] É menina... foi muita luta... Ai veio o primeiro filho...

Pesquisadora: Ai já não cabia mais na bicicleta? [risos]

Emília: Não, ai cê precisava de ver, nós nem temos foto, porque até a nossa bicicletinha roubaram... Ai eu grávida do segundo e com o primeiro no braço da bicicleta... [risos] É... na cargueira, na frente, e meu marido pedalando. Ai nós estamos aqui, graças a Deus todo mundo bem, vencemos muito diante do que nós já passamos...

O casal abriu o negócio e, na época, para garantir certa estabilidade, D. Emília manteve-se no emprego em um banco. Quando percebeu que a lanchonete se tornara mais lucrativa, demitiu-se do banco e passou a se dedicar exclusivamente a ela. Recentemente, seu marido que assim como ela já é uma pessoa idosa, teve problemas de saúde que requereram cuidados especiais. Por essa razão, os filhos passaram a auxiliar na administração da empresa:

Emília: Ai eu falei: Filho, fica meio período no consultório e meio período com a gente. Ai ele acabou que ele foi terminando os pacientes dele... [...] terminando os tratamentos e ficou comigo. Agora somos nós dois, porque o pai não quer trabalhar. [...] o mais velho não quis vir... [...] meu marido ainda vem, faz Seasa, ele faz os serviços mais esporádicos assim...

Apesar do início desafiador, dentre as entrevistadas D. Emília é a que tem mais recursos. Da primeira lanchonete, outras duas foram abertas e uma terceira está em fase de construção. Uma está situada no centro e outras duas em bairros considerados de alto padrão.

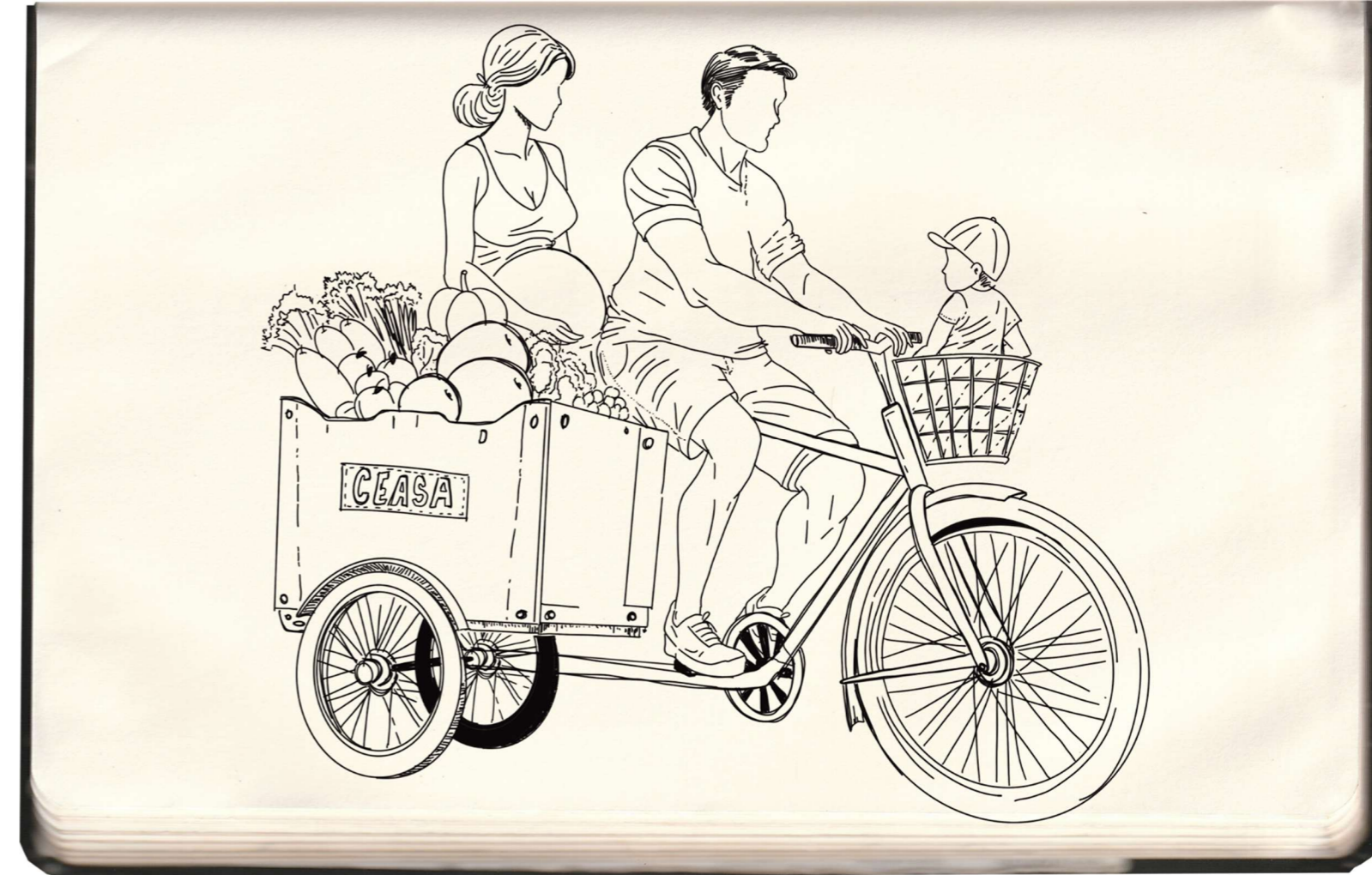


Imagem 32: Desenho feito a partir do relato. Fonte: Acervo pessoal.

Além de trabalhar na lanchonete, gerencia também o espaço doméstico que conta com empregados para cuidar da casa. O mesmo acontece com os cuidados com a mãe que, aos 89 anos, necessita de atenção em tempo integral feita por cuidadores. A partir dessas informações perguntei a ela se tinha outras pessoas na família que a ajudavam:

Emília: Não... Nós somos 5 irmãos, mas cê sabe que uma mãe cria dez filhos, dez filhos não cuida de uma mãe...

Pesquisadora: É só a senhora que fica [com ela]?

Emília: Eu que fico com a minha mãe, além de trabalhar aqui, tem a minha irmã mais velha que me ajuda no financeiro e meu irmão me ajuda as vezes. Mas os outros não ajudam [...]. É, mas é normal, é normal... Não é por isso que a gente vai ficar com raiva um do outro, né? Graças a Deus que ela me tem.

Segundo Braz e Ciosak (2009) as decisões sobre o papel de cuidador principal são influenciadas por diversos fatores, incluindo conformismo, medo, compromisso e imposição familiar, com a questão de gênero reforçando a expectativa cultural de que o cuidado é uma responsabilidade feminina.

Essas expectativas podem impactar a saúde e o bem-estar das mulheres, embora algumas possam encontrar sentido e competência social em seu papel como cuidadora. No entanto, o aumento das responsabilidades de cuidado pode levar à associação negativa, como a falta de tempo para atividades pessoais:

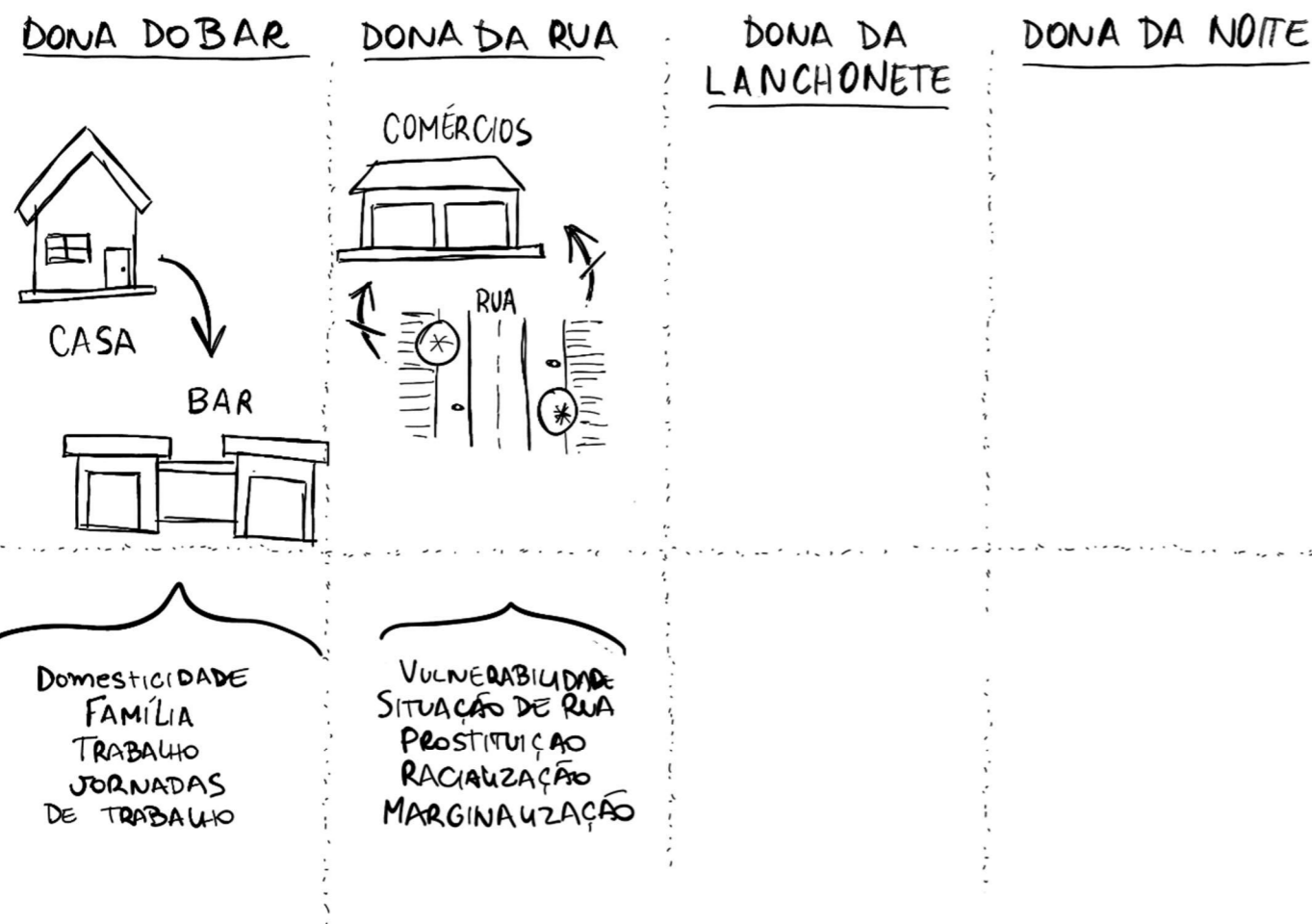
Pesquisadora: Mas porque vocês não saem de casa?

Emília: Ah, o Paulo e eu, a gente tem a minha mãe, que eu tomo conta dela, ela tem 89 anos, tenho cuidadoras na minha casa pra poder ajudar. Então fica muito difícil, meu marido e eu saímos, a gente sai mais assim: fazemos viagens. Mas aqui por exemplo: "vamos ali em tal lugar", nós não somos de boteco e essas coisas. A gente fica mais em casa. A gente trabalha a semana inteira também, o dia inteiro, aí final de semana a gente não quer nem sair, quer descansar.

Imagem 33: Diagrama de atravessamentos 3: Odete + Hebe + Emília. Fonte: Acervo pessoal.

## ATRAVESSAMENTOS E ESPACIALIDADES

mulheres e espacialidades vividas no centro



## A DONA DA NOITE

Entre as mulheres entrevistadas, a mais jovem é Ana, com seus 28 anos. Ela é conhecida como DJ na vida noturna, sobretudo, do centro de Goiânia. DJ Ana, a Dona da Noite, é uma mulher branca, natural do estado do Pará, que não passa despercebida pelas roupas extravagantes e com marcantes referências visuais e musicais do estado onde nasceu.

Ana: Minha pesquisa musical tem raízes profundas no Pará e nos gêneros da região. Embora eu tenha nascido em Belém e me mudado para Goiânia ainda criança, sempre mantive um vínculo estreito com Belém [...].

Criada em um ambiente predominantemente feminino, com sua mãe, tias e irmã, Ana desenvolveu uma forte consciência sobre o papel das mulheres e a necessidade de se destacar.

Ana: Em casa, discutíamos frequentemente as questões relacionadas ao ser mulher e a necessidade de trabalhar duro para provar nossa capacidade. Esse ambiente me fez valorizar o trabalho das mulheres e sempre me motivou a buscar formas de destacar essa perspectiva.

Ana é apaixonada pelo centro de Goiânia, um local que sempre admirou e onde decidiu estabelecer sua residência recentemente. Apesar da admiração a infraestrutura do centro de Goiânia é um ponto crítico para Ana, especialmente à noite. Para se proteger, ela utiliza seu carro para transportar equipamentos e se sente mais segura à noite com a companhia de sua cachorra. Ana também critica a manutenção do centro, citando a falta de limpeza e a descaracterização dos prédios históricos.

Ana: [...] minha relação com o centro de Goiânia sempre foi de admiração. Eu sempre gostei do centro de Goiânia desde que era adolescente, desde que comecei a entender um pouco melhor sobre a cidade. [...] Eu fui mudar para o centro recentemente para realizar esse meu sonho de estar mais perto, mas eu sempre tentei estar o mais presente possível no centro de Goiânia.



Imagem 34: Desenho feito em uma mesa de conversa no bar, 2023. Fonte: Acervo pessoal

[...] Não me sinto segura de sair à noite, mas saio mais por necessidade, porque tenho que sair com a minha cachorra, às vezes, à noite ou a trabalho. Mas de dia já é totalmente diferente. A caracterização do centro de dia é outra, é um lugar extremamente movimentado, é um lugar extremamente vivo mesmo. Tem muito comércio que funciona de dia e é uma pena que seja tão diferente à noite. Parece que o centro é meio que um 8 ou 80, não tem um meio termo.

Ligada aos recentes movimentos que buscam promover uma (re)ocupação do Setor Central, a rotina da DJ Ana é direcionada pelo seu envolvimento movimentos artísticos e culturais. A Dona da Noite também é organizadora e membro de um coletivo de DJs feministas que busca dar visibilidade a esse grupo. Ela descreve o coletivo como uma festa, uma bagunça, onde mulheres DJs se reúnem para criar algo singular. O coletivo tem como principal objetivo promover a união feminina, oferecer suporte, incentivar trocas entre as participantes e ter mais abrangência em casas que abrem para discotecagens.

Ana: Então, o coletivo nasceu da necessidade mesmo sabe? O rolê de DJ ainda é muito fechado... rolê de menino... A gente se junta pra conseguir levar nosso

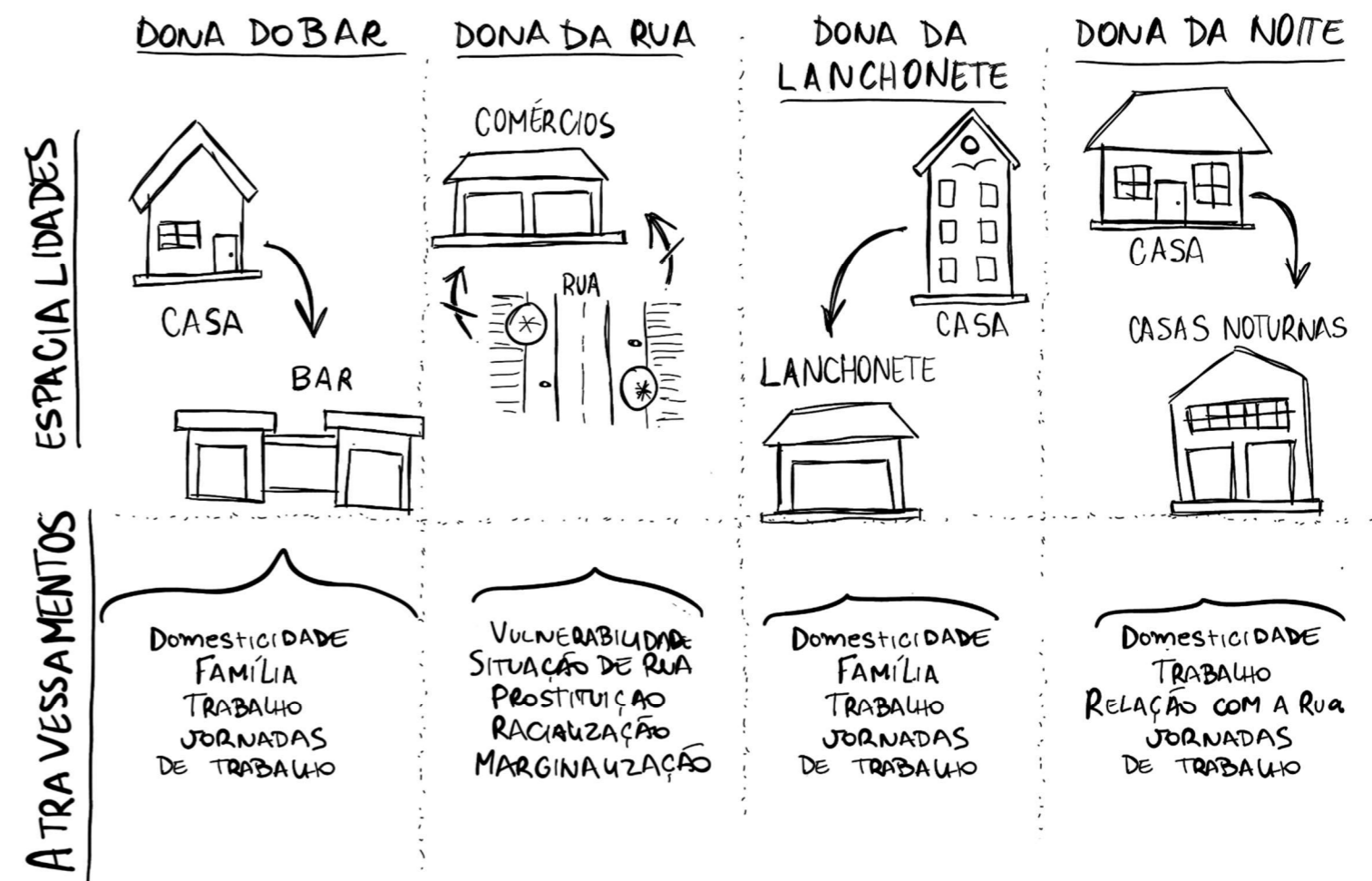
trabalho pra outros lugares... Porque no final se uma vai pra frente o coletivo todo vai junto. Eu acredito que a mudança social acontece quando há uma pressão de várias fontes querendo essa transformação. Hoje em dia, o público que frequenta eventos está mais consciente e exige mais diversidade nas programações, produções e em tudo relacionado. [...] Até que a igualdade seja alcançada, a gente vai fazendo a nossa parte. Por exemplo, se eu tenho um dinheiro para gastar em um evento no meu dia de folga, eu prefiro gastar em lugares que se preocupam com a diversidade no line-up. E se você tem a chance de contratar alguém, é importante considerar a equidade e representar bem.

Ela ressalta a importância da diversidade nas programações de eventos e como isso reflete a mudança social. Ana é um exemplo de como as mulheres DJs estão desafiando uma categoria de trabalho que por muito tempo privilegiou homens e continua lutando por um espaço mais justo e visível na cena musical de Goiânia. Apesar das dificuldades enfrentadas no centro decadente da cidade, ela continua a promover a música brasileira e a visibilidade feminina, fazendo sua parte para transformar o cenário musical e urbano.

Imagem 35: Diagrama de atravessamentos 4: Odete + Hebe + Emília + Ana. Fonte: Acervo pessoal.

## ATRAVESSAMENTOS E ESPACIALIDADES

mulheres e espacialidades vividas no centro



## **AS CASAS, OS BARES, AS RUAS: ESPACIALIDADES E SEUS ATRAVESSAMENTOS**

---

Depois de conhecermos parte da vida e do cotidiano das protagonistas desse trabalho - a Dona do Bar, a Dona da Rua, a Dona da Lanchonete e a Dona da Noite – é possível perceber diferentes formas de habitar o centro de Goiânia.

Habitar a cidade, o centro especificamente, significa apropriar-se dos espaços nele contidos. Nesse processo, espacialidades são moldadas, como um ato inerente à vida humana. Colucci e Souto (2011, p.117), definem espacialidade como formas de organização e de apropriação dos espaços, imprimindo valores que os diferem e os qualificam a partir de referências culturais e históricas que vão sendo assimiladas ao longo do nosso contínuo e interminável processo de formação. Em certa medida, as espacialidades tendem a revelar padrões culturais, tradições e todo complexo jogo relações que transpassam por dimensões econômicas, políticas, morais etc. Estão, portanto, em constante movimento e transformação.

As falas de Odete, de Hebe, de D. Emília e da DJ Ana fazem menção a espaços específicos como parte de suas práticas cotidianas. Elas estabelecem recortes e sugerem espacialidades específicas onde exercem influência nas suas formas organização. Odete e D. Emília ressaltam as atividades de trabalho que as vinculam ao Setor Central através do bar e da lanchonete. O trabalho abarca, também, as atividades domésticas e do cuidado com a família, trazendo a casa como outra importante espacialidade em suas vidas. Para a DJ Ana, trabalho, lazer e diversão caminham juntos. Novamente, os bares, ruas e casas noturnas são mencionados como espaços de trabalho, como também, de diversão. Já a Hebe tem a rua como seu lugar-habitar onde exerce atividades de trabalho não formais (venda de objetos ganhados). Ainda que não tenha sido revelado por ela, são nos espaços públicos que eleger seus espaços de refúgio, onde dorme e guarda seus pertences.

Bares, casas e ruas foram definidos, portanto, como os espaços de atravessamentos entre mulheres e cidade. A partir deles serão debatidas algumas questões interseccionais entre as relações de gênero com base nos relatos apresentados.

A interseccionalidade coloca em jogo diferentes marcadores sociais que interagem e se sobrepõem configurando sistemas múltiplos de subordinação e de discriminação a partir de ideias centrais, como: desigualdade social, relações de poder, contexto social, relacionalidade, justiça social e complexidade.

A associação de sistemas múltiplos de subordinação tem sido descrita de vários modos: discriminação composta, cargas múltiplas, ou como dupla ou tripla discriminação. A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p. 177)

Para Collins e Bilge (2021), os sistemas múltiplos de subordinação perpassam relações de poder que envolvem raça, classe, gênero e sexualidade, operando em quatro classes de domínio: estrutural, cultural, disciplinar e interpessoal. O domínio estrutural diz respeito à dimensão institucional, como mercado de trabalho, moradia, educação e saúde. O domínio cultural abarca a assimilação e reverberação das ideias e mensagens culturais difundidas. Tal domínio é responsável por fabricar e disseminar narrativas que influenciam as formas de representações identitárias pela sociedade. Sobre o domínio disciplinar incide a formulação de regras e regulamentos distintos, aplicados justa ou injustamente, a partir de determinados marcadores. Já o domínio interpessoal, diz respeito a maneira como os indivíduos vivenciam o entrelaçamento das outras três formas de poder. Ele molda as identidades interseccionais ao criar relações de percepção e de pertencimento a determinados grupos. É a partir do domínio interpessoal que se organizam interações sociais, como o preconceito. O fato de fazer parte de um grupo torna a pessoa vulnerável a diversas formas de preconceitos:

Como somos simultaneamente membros de muitos grupos, nossas identidades complexas podem moldar as maneiras específicas como vivenciamos esse preconceito. Por exemplo, homens e mulheres frequentemente sofrem o racismo de maneiras diferentes, assim como mulheres de diferentes raças podem vivenciar o sexismo de maneiras bastante distintas, e assim por diante. A interseccionalidade lança luz sobre esses aspectos da experiência individual que podemos não perceber. (COLLINS e BILGE, 2021, n.p.)

Crenshaw (2002) aponta que a compreensão e a identificação dos variados mecanismos que estruturam o sistema de subordinação são importantes para evitar a superinclusão ou a subinclusão em estudos sobre as mulheres, por exemplo. Para a autora, a superinclusão acontece quando associamos um grupo a um único marcador, generalizando-o. Num estudo sobre mulheres, há que se considerar as diferenças de classes, raças e etnias, sexualidade, e não só o gênero que a define como mulher. Já a subinclusão acontece quando um único marcador é ponto de partida do estudo, tornando-se um limitador, sem se considerar que o problema pode afetar, também, pessoas que são parte de outros marcadores: “Em resumo, nas abordagens subinclusivas da discriminação, a diferença torna invisível um conjunto de problemas; enquanto, em abordagens superinclusivas, a própria diferença é invisível.” (CRENSAHW, 2002, p. 175)

A partir dos estudos de Kimberlé Crenshaw, Patrícia Collins e Sirma Bilge é possível perceber a complexidade que demandaria a aplicação de uma análise da subordinação interseccional. É importante para este trabalho, no entanto, passar por esses conceitos e ferramentas de análises. Mas deve-se esclarecer, para não alimentar expectativas, que não é intenção utilizar a interseccionalidade como processo metodológico, justamente para não incorrer nos equívocos apresentados por Kimberlé Crenshaw – superinclusão ou subinclusão.

A compreensão da interseccionalidade chega aqui como um conceito orientador, como um alerta, que nos faz ver, ainda que superficialmente, algumas questões que perpassam a forma como Odete, Hebe, D. Emília e DJ Ana imprimem nos seus modos de apropriarem das casas, dos bares e das ruas.

## AS CASAS

---

A primeira associação entre as mulheres e os espaços domésticos remonta a história de ocupação do Setor Central quando nome de mulheres aparecem atribuídos a edifícios residenciais, como mostrado no capítulo 2.

Não obstante a essa coincidente (ou não) constatação, nos relatos de Odete e de D. Emília, as casas são descritas como espaços do trabalho, onde desenvolvem atividades relacionados com os afazeres domésticos. É importante esclarecer que ambas são mulheres brancas, casadas com homens e, dentre as entrevistadas, são as que possuem mais idade.

No caso de Odete, o trabalho doméstico, o cuidar da casa – limpar, lavar cozinhar – é desempenhado por ela sem a participação do marido. Já D. Emília conta o auxílio de uma empregada doméstica.

Pinheiro *et al* (2023), em pesquisa realizada junto ao Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), mostram dados e cenários onde o dobro das mulheres, comparada aos homens, realizam trabalhos domésticos não pagos. O tempo gasto por elas nas “tarefas do lar” gera uma jornada de trabalho duas vezes maior, também comparada com a dos homens. Segundo o relatório da pesquisa, condições como o casamento entre pessoas de sexos diferentes, contribui significativamente para o aumento do tempo destinado às atividades de cuidados com a casa.

Outro dado trazido da pesquisa, que encontra eco com a fala da Odete, diz respeito à divisão do trabalho não remunerado realizado para manutenção da casa. Os levantamentos mostram que a dedicação do homem-marido às atividades domésticas se atém a atividades de pequenos reparos realizados de forma esporádica.

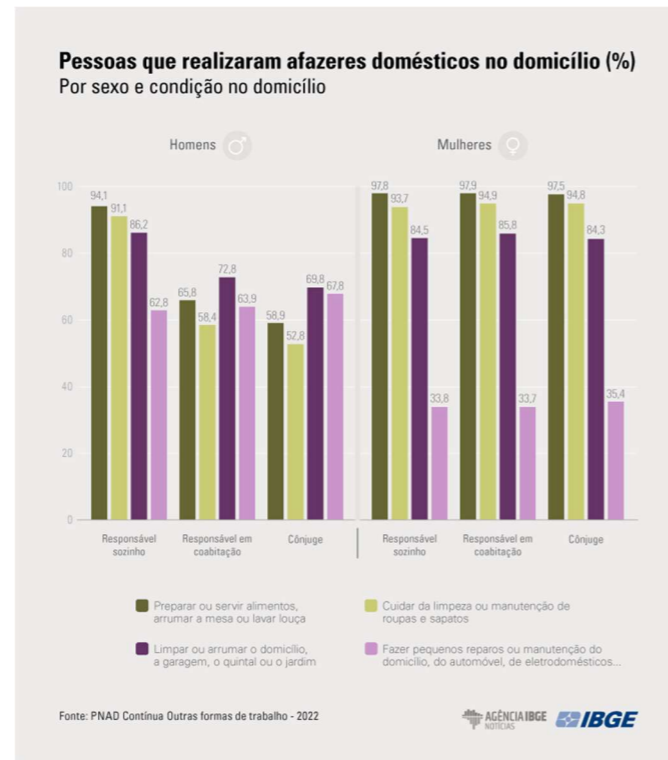
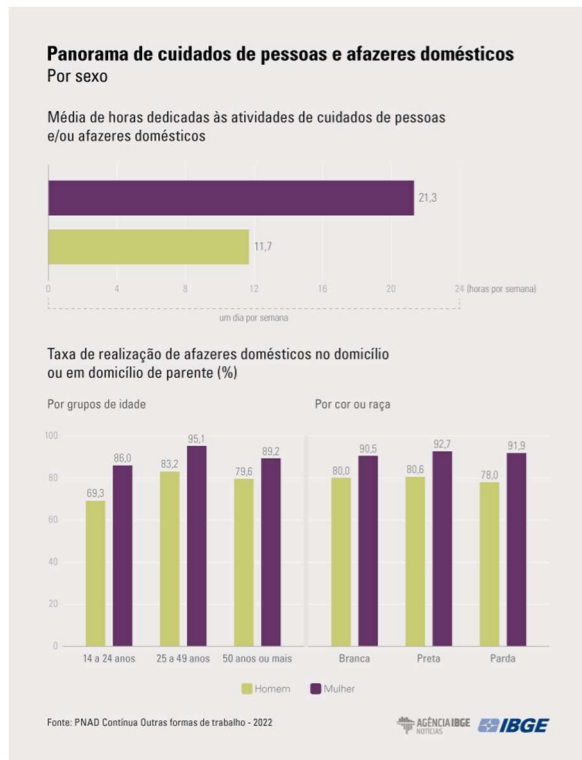


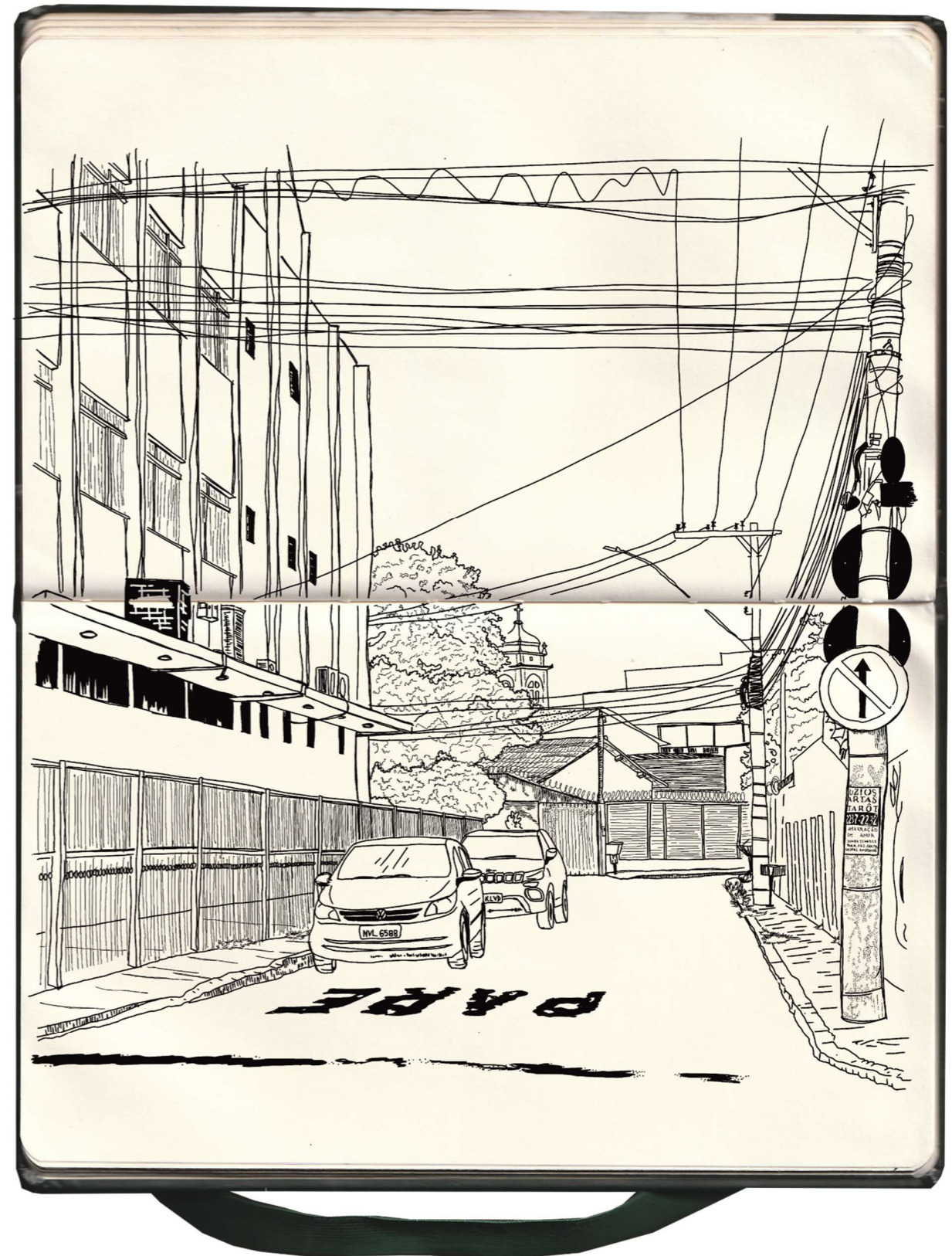
Imagem 36: Panorama de cuidados e afazeres domésticos por sexo; Imagem 37: Pessoas que realizaram afazeres domésticos no domicílio por sexo e condição. Fonte: pinheiro et al, 2023.

Tais dados tornam estatística e quantificam o sexismo por trás da divisão do trabalho doméstico. Percebe-se que, infelizmente, ainda permanece como uma espécie de herança cultural, a naturalização das tarefas domésticas como sendo femininas, com uma atribuição desproporcional do trabalho doméstico e de cuidado às mulheres. Os relatos de Odete e D. Emília trazem informações de suas histórias que não são incomuns. Mulheres são moldadas a partir de uma lógica patriarcal de reprodução de um papel de gênero ligado ao cuidado e a domesticidade.

Apesar de invisível até certo ponto para a Dona do Bar e Dona da Lanchonete, a atividade que ela exerce em casa faz parte de um trabalho não-remunerado que é realizado no lar e que, assim como o estabelecimento que lhes garante o sustento, a chamada **economia do cuidado**, “gera valor econômico na medida em que mantém a força de trabalho das pessoas desse lar.” (BARRAGÁN, LANG, CHÁVEZ E SANTILLANA, p. 229, 2020). É só de se imaginar o peso deste valor econômico quando se pensa em uma escala nacional, visto que é um trabalho, ainda, tão estranho nas convenções de

contabilização, como o indicador do Produto Interno Bruto (PIB)<sup>25</sup>, que não existe, de maneira formal, uma metodologia de cálculo para este valor.

Imagem 38: Desenho caderno de campo, 2024. Fonte: Acervo pessoal



<sup>25</sup> O PIB (Produto Interno Bruto) é a soma feita por cada país em sua respectiva moeda de todos os bens e serviços finais produzidos por um país, estado ou cidade, geralmente em um ano. Todos os países calculam o seu PIB nas suas respectivas moedas.

Para Bourdieu (1996), a sobreposição e a naturalizada divisão do trabalho podem ser atribuídas ao processo de dominação masculina, que seria uma forma específica e produto da violência simbólica. Sua teoria parte do pressuposto que a construção da identidade feminina em sociedades ocidentais é marcada, em seu âmago, por normas do discurso patriarcal, tal como a divisão sexual do trabalho.

Para o sociólogo, a presença da dominação masculina na formação das identidades implica que os valores e ideias patriarcais são internalizados pelos indivíduos como uma forma de autopreservação do próprio sistema patriarcal – *habitus determinado pelo patriarcado*. De maneira que quando os discursos e normas são questionados ou criticados por um agente externo, pode surgir uma resistência à mudança, pois há uma percepção de que desafiar esses padrões estabelecidos poderia resultar em desordem e instabilidade, mesmo que essa mudança seja potencialmente positiva para o indivíduo.

Em outras palavras, a tendência é defender a manutenção do *status quo* patriarcal como uma forma de garantir a continuidade e estabilidade da ordem social, mesmo que essa ordem perpetue desigualdades e injustiças de gênero. É importante salientar que isso não significa que a dominação masculina transformaria as mulheres em indivíduos passivos ou impotentes. Certeau (2014), apesar de não falar especificamente sobre as mulheres, considera que os dominados têm o poder de reagir a opressão em manifestações cotidianas.

Um interessante atravessamento entre as condições do trabalho doméstico recente com os processos de urbanização é apresentado por Monticelli (2017). Como contexto para entendimento do raciocínio da autora é preciso retomarmos alguns episódios iniciados no final do século XIX. No Brasil republicano e pós-abolicionista as premissas do progresso e da modernização trouxeram consigo as ideias sanitarista e higienistas, nos campos material e social. Coube ao poder público limpar as ruas do lixo, do esgoto, como também, das pessoas pobres que habitavam esses espaços, impondo uma nova realidade de controle. A população negra recém liberta foi o primeiro alvo dessas reformulações, com as demolições dos cortiços para a “limpeza” dos bairros nobres, intensificando o processo de segregação através da formação de favelas. E da cidade “higienizada”, Monticelli chega às casas:

O que muitas vezes se perde na compreensão desse momento é pensar que a casa, ou seja o doméstico, fazia uma contraposição à rua. O que na verdade se mostra, é que a lógica da rua e das políticas públicas instauradas no período republicano se instituiu igualmente nos lares das famílias brasileiras que pertenciam às elites, fazendo que as noções de limpeza, organização espacial doméstica e intimidade fossem construídas também pelos parâmetros sanitaristas e segregacionistas. Se a arquitetura e organização espacial doméstica passa por essa regulamentação, as práticas internas de como limpar, lavar, arrumar e se posicionar na casa também são alvos desse modelo instaurado. (MONTICELLI, 2017, p. 88)

Com isso, nos primeiros anos da República, o papel da dona de casa foi amplificado e ocupado, sobretudo, por mulheres negras e mulheres brancas pobres, com baixa remuneração, entendida como uma “gratificação” pelo serviço prestado. Mulheres que passaram a cuidar das casas das patroas e de suas próprias casas, pois as habitações modestas deveriam seguir os mesmos padrões de higiene determinados pela e para as elites. O que gerou a reprodução de padrões de desigualdades entre gêneros, raças e etnias e dentro de um próprio gênero, com a definição dos papéis de patroa e empregada no espaço doméstico.

Nos dados recentes levantados pelo IPEA, parte dessa realidade ainda permanece. Podemos considerar que, na verdade, ela tornou-se mais complexa com a inclusão cada vez maior na mulher no mercado de trabalho. Tal condição, não eliminou ou substituiu um trabalho por outro. Segundo França (2024), um dos desafios quando falamos do direito da mulher à cidade está nos diferentes papéis, atribuições e responsabilidades que recaem sobre as mulheres, decorrentes dos modos de vida na cidade contemporânea. Quando falamos de trabalho, remunerado e não remunerado, observa-se que a mulher tem que desdobrar-se para cumprir suas atividades diárias. Dentre elas a autora cita, por exemplo, serem filhas, mães, esposas, chefes de família, profissionais, líderes, empresárias, cientistas, professoras etc. Condição que, no mínimo, triplica a jornada - trabalhar, cuidar da família e de si – colocando-as em situações como assédios, desigualdade de cargos e salários e de garantia de seus direitos.

A casa, afetivamente chamada de lar, chega nesse trabalho com um espaço privado que abriga histórias de vidas de algumas de nossas protagonistas. Não obstante, nela estão engendrados os rastros do patriarcado, do sexismo e de uma distribuição desigual de trabalho não pago. Condições que externalizam relações desiguais de poder, de submissão e de controle relacionados à gênero, raça e etnia.

## OS BARES

---

Os bares surgem na pesquisa como outro espaço de trabalho apontado por Odete, D. Emília, DJ Ana e por Hebe. Entretanto, a forma como esse trabalho é exercido e se especializa no centro denotam, novamente, uma distinção gerada por marcadores etários de gênero, de raça e etnia que claramente perpassam as dimensões econômicas e culturais.

Odete e Dona Emília fazem parte das 10,3 milhões de mulheres que estão à frente de empreendimentos no Brasil, cerca de 34,4% do montante de donos de negócios do país (PNADC-IBGE, 2023). O bar e lanchonete são empresas que garantem o sustento da família. Coloca-as na condição de empresárias, o que representa ter uma atividade reconhecida, já que as atribuições domésticas são invisibilizado como trabalho. Percebe-se uma sistematização ou subdivisão do trabalho: um no domínio privado, outro de domínio público.

Segundo Rocha (2006), o empresariado feminino é ainda baixo. Segundo o autor, isso se dá pelo fenômeno do "Teto de Vidro", que representa um modelo de discriminação no qual a capacidade de chefia das mulheres é considerada inferior à capacidade de produção dos homens. O que, por sua vez, reflete na dificuldade enfrentada pelas mulheres na inserção e manutenção no mercado de trabalho, especialmente em cargos de liderança, devido a aspectos socioculturais ligados ao gênero, que subestimam sua qualidade e competência. As barreiras enfrentadas pelas mulheres, nesse contexto, são muitas vezes invisíveis, decorrentes das normas culturais e sociais que perpetuam a desigualdade de gênero.

Ainda que a desigualdade nas relações de trabalho traga elementos importantes para se debater relações entre mulher e cidade, interessa a esta pesquisa as espacialidades criadas e a maneira como as mulheres se apropriam desses espaços.

Nesse sentido, o bar da Odete é um dos equipamentos que contribui para ocupação, sobretudo noturna, das ruas do centro. As mesas são dispostas na calçada, de um lado e outro da via pública, o que contraria a ordem vigente de a calçada ser somente um espaço de passagem. Entretanto, ao atribuir ali um outro uso, promove condições de habitabilidade e de apropriação do espaço público. A alteração da função cria um espaço de permanência que contribui para aumentar a sensação de segurança.

Pelos relatos da Dona do Bar, uma vez que o boteco entra em funcionamento ela se torna a "comandante" daquele espaço, imprimindo formas de organização sobre as quais passa a exercer relações de poder, como um tipo de territorialização. Nesse processo, percebemos uma aproximação entre os vínculos *Odete-Casa-Bar*, como se a domesticidade praticada em casa, como espaço privado, se expandisse para o bar, um espaço de uso público. Condição que carrega em si um paradoxo: ao mesmo tempo em que o fato de ser dona de um boteco tensiona a condição da mulher reclusa ao espaço da casa, no bar são reproduzidas relações domésticas semelhante às de casa. O que pode ser explicado, como discute Monticelli, pelas condições de privacidade e de intimidade, moldadas e impostas de acordo com padrões sociais:

A privacidade e a intimidade foram moldadas por estruturas políticas e econômicas, enquanto as classes populares formavam sua noção de privacidade muito mais ligada à sobrevivência do que à domesticidade [...]. No outro lado, as classes mais abastadas e a elite tinham suas privacidades e intimidades incentivadas, desde que estivessem de acordo com as políticas da esfera pública. Assim, enquanto a privacidade e intimidade para os grupos populares se fazia nas ruas, a das elites era formada através das estruturas estipuladas pelas políticas destinadas à esfera pública. A dicotomia entre público e privado então só aparece como uma criação imaginária social para separar e segregar grupos, especialmente mulheres pertencentes à elite, dos domínios fora das residências. (MONTICELLI, 2017, p. 89)

Para Monticelli (2017), o doméstico se apresenta, ainda, como um espaço de poder. Nele, as mulheres ocupam diferentes papéis, sobretudo, o de gerenciadoras do lar:

Assim, além do doméstico ser um espaço de poder, no qual as mulheres assumem posições e constroem suas subjetividades enquanto esposas, mães e donas de casa, é também o lugar onde elas precisam nutrir o seu papel de gerenciadoras do lar – isso inclui saber "mandar". (MONTICELLI, 2017, p. 90)

Torna-se possível, então, ponderar sobre uma possível territorialização do bar a se espelhar na territorialidade estabelecida por Odete na casa, no espaço doméstico. Saquet (2009) considera a territorialidade como o conjunto do que se vive no dia a dia e que envolvem relações de trabalho, do não trabalho e com a família. Há, portanto uma

dimensão subjetiva na territorialidade que corresponde ao modo como orientamos nossas relações sociais cotidianas, seja no trabalho, na família, na igreja etc.

Guattari e Rolnik (1996) consideram que o território tanto pode ser relativo a espaço vivido, quanto a um sistema no qual o sujeito se identifique e se sinta acolhido por ele:

O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p.323)

O bar como território que reproduz valores domésticos transparece não somente nas relações de trabalho, mas na maneira como Odete se relaciona com os clientes. o que demonstra a reprodução de a hospitalidade de quem recebe uma pessoa em sua casa.

Os bares e demais estabelecimentos, que atraem grupos de pessoas, são também os espaços de trabalho de Hebe. Através da venda de objetos ganhos, ela expõe a informalidade, a instabilidade e o imprevisto de quem tem que sobreviver, sem apoio do Estado. Como mulher negra em situação de rua,

Para a DJ Ana os bares do centro são lugares de trabalho e de lazer. Como um tipo de *freelancer*, toca em alguns deles, o que para ela é trabalho tanto quanto diversão. DJ Ana se aproxima da Odete no sentido que ambas são mulheres atuantes e promotoras da ocupação do centro, no período noturno.

A presença de uma mulher à frente de movimentados estabelecimentos noturnos do centro de Goiânia acentua alguns pontos em transformação e porosidades criadas nas apropriações urbanas, Para Machado e Ratts (2017), reguladores sociais limitam ou intimidam a utilização de determinados espaços das cidades pelas mulheres. Soma-se a isso, o medo da violência física, do assédio e da violação, como bem descreve Hooks:

Esquinas sempre foram espaços que pertenciam aos homens – um território patriarcal. O movimento feminista não alterou isto. Assim como não era poderoso o suficiente para ter de volta a noite e fazer o escuro um lugar seguro para que as mulheres se escondessem, passeassem, e caminhassem à vontade [...] a esquina da rua transforma cada mulher que ousa se esconder em um corpo para vender a si mesma, um corpo procurando drogas, um corpo caindo. O feminino à espreita, persistente, descansando em um canto da rua é vista por

todos, olhado, observado. Quer ela queira ou não, ela está presa para o predador, para o homem, seja ele cafetão, a polícia, ou apenas um transeunte. Nas cidades as mulheres não têm território ao ar livre para ocupar. Elas devem estar infinitamente em movimento ou em locais fechados. Elas devem ter um destino. (HOOKS, 2009 *apud* MACHADO e RATTIS, 2017, p. 143).

O termo “mulher da noite”, assim como de “mulher da rua” ou ainda de “mulher pública” carregam uma carga pejorativa e sexista, que associam as mulheres que frequentam espaços noturnos e públicos a uma imagem negativa de promiscuidade e falta de moralidade. (MONTANER e MUXÍ, 2014)

A relação da **mulher com a noite, boemia e lazer** tem sido marcada por uma evolução ao longo do tempo, mas também por desafios persistentes. Historicamente, as normas sociais impuseram restrições às mulheres em relação ao seu envolvimento em atividades noturnas e de lazer, associando-as a comportamentos inadequados ou promíscuos. No entanto, ao longo dos anos, as mulheres têm desafiado essas normas e buscado participar ativamente da vida noturna e das atividades de lazer.

A boemia, em particular, representa um espaço de expressão artística, sociabilidade e liberdade, onde tanto homens quanto mulheres podem se encontrar para compartilhar experiências culturais e sociais. No entanto, as mulheres muitas vezes enfrentam desafios únicos ao frequentar espaços boêmios, incluindo o assédio sexual, o julgamento social e até mesmo a violência de gênero. Esses desafios podem limitar a capacidade das mulheres de desfrutar plenamente desses espaços e contribuir para a perpetuação de desigualdades de gênero.

A história de Goiânia evidencia essa fragilidade. Em geral, frequentar bares à noite sem companhia, como ocorria no restaurante "Zé Latinhas" nos anos 70, resultava em má reputação para as mulheres. Apesar de ser um restaurante, na sua frente tinha um hotel e o boato era que prostitutas frequentavam o bar em busca de clientes. As “mulheres de família”, naquela época e muitas ainda hoje, preferiam frequentar missas, sorveterias, cafés ou, no máximo, participar de passeios acompanhadas, não por opção, mas por força dos rígidos códigos morais, religiosos e tradições sociais.

Ainda que muito esteja em processo de mudança, Machado e Ratts (2017) ao estudarem a apropriação das ruas pelas mulheres relatam, a partir de informações obtidas em entrevistas, que:

O Setor Central de Goiânia no período da noite é visto como um lugar 'escuro', 'vazio' e 'perigoso'. As mulheres que estudam e trabalham neste local e turno, ao

voltarem para casa, sentem-se inseguras e amedrontadas pelo risco, principalmente, de estupro e assalto. A cidade, à noite, 'não é para ser das mulheres'. (MACHADO e RATTS, 2017, p. 200)

A descrição gerada por recortes das entrevistas mostra o medo por trás da apropriação das ruas do centro no período noturno. Não obstante, trazem, também, relatos de eventos e lugares, como o Chorinho em frente ao Grande Hotel e a Rua 8, décadas atrás, que devido a apropriação mais efetiva pelas mulheres, revertia o sentido de insegurança. Algumas mencionaram eventos feministas que ocorreram no Setor Central como momentos que, pela quantidade de mulheres reunidas, tornou-se um lugar onde elas puderam se expressar e ocupar com a sensação de estarem seguras ali. O que reforça, cada vez mais, a necessidade de mais mulheres ocupando e territorializando o centro.

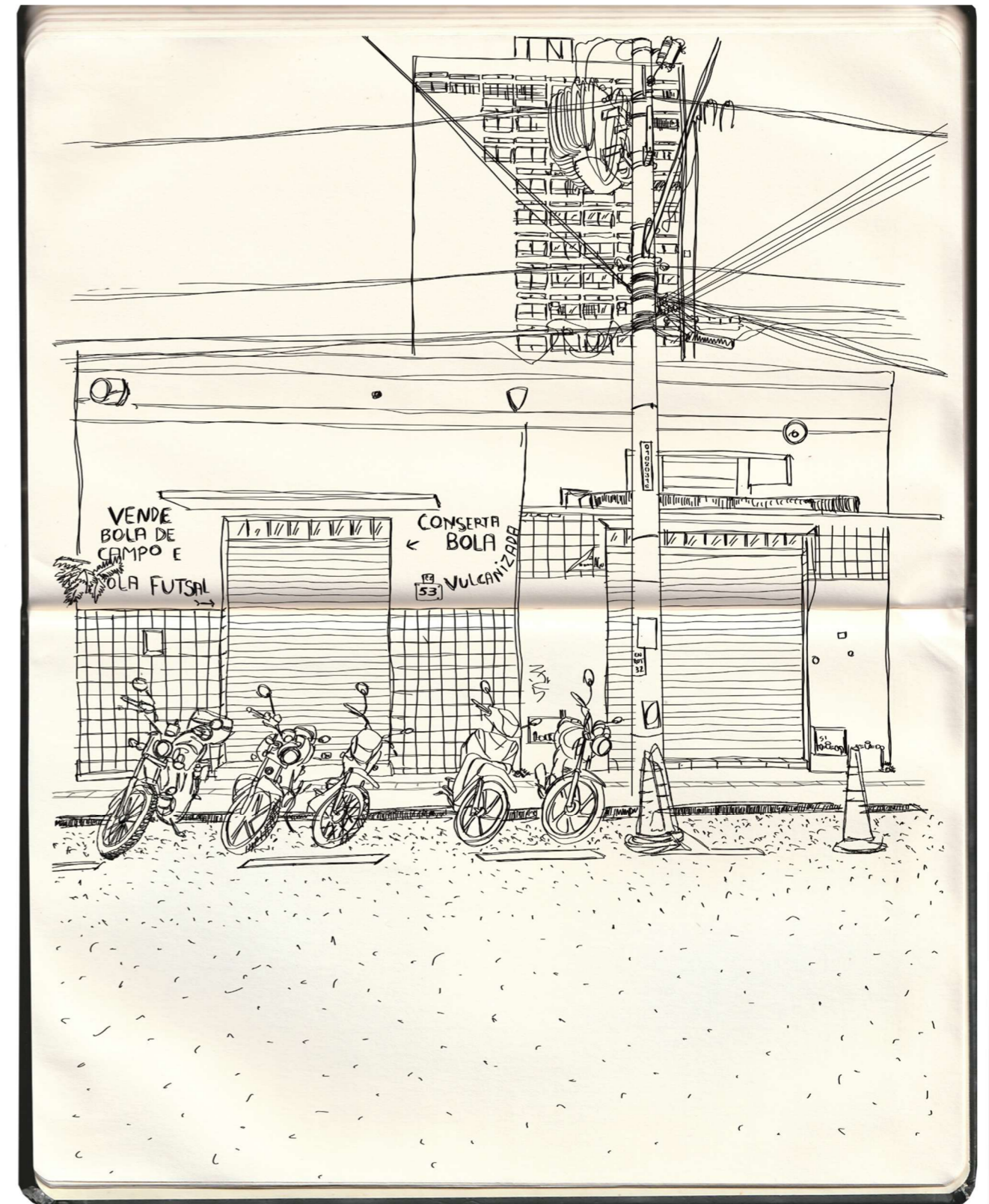
## AS RUAS

As ruas do centro chegam até esse trabalho como espaços de múltiplas conexões. Como a junção de diversas apropriações e contextos que se relacionam através de fronteiras fluídas que, por vezes, sugerem uma unidade. O olhar mais atento, porém, consegue perceber as misturas ali contidas, seus limites e sobreposições. É o que nos revela, através dos relatos, a vida de Hebe. Para ela, as ruas são seus locais de moradia, de trabalho e de socialização.

Assim como expõe Bachelard (1993), a casa cria vínculos existenciais para o ser humano, como um símbolo de pertencimento a um lugar. Ela estabelece um limite entre a vida pública e a vida privada traduzindo, assim, uma ideia de proteção e de segurança. Para os moradores em situação de rua, tais vínculos não desaparecem, mas se diluem ou se manifestam sob outros formatos pela ausência, muitas vezes, de barreiras que os protejam das pressões sociais.

Santos e Duarte (2002), comentam que para evitar a desintegração total, moral e psíquica, causada pela vida nas ruas, tais pessoas e grupos se apropriam de frestas existentes pela cidade, sejam nos mobiliários urbanos, sejam nos espaços abertos. Como nômades e improvisadores, subvertem suas funções originais ou atribuem uma ocupação onde não existe, ressignificando ou dando sentido a espaços esquecidos no sentido de aproximá-los da ideia de abrigo, de uma casa ainda que "invisível".

Imagem 39: Desenho caderno de campo, 2023. Fonte: Acervo pessoal



É nas ruas do centro que, além de morar, Hebe improvisa sua rede de trocas e de vendas como maneira de garantir algum sustento. Assim como, nos espaços que lhe sejam acessíveis, como alguns bares e lojas. Em essência, entre as mulheres que construíram este trabalho, é a que habita as ruas integralmente. Fenômeno, infelizmente, comum a maioria das grandes cidades, como uma questão de ordem social e econômica, que reflete a exclusão espacial e a ausência do direito à cidade.

Hebe, mulher negra, pobre, vivendo nas ruas, simboliza aqui um quantitativo alarmante sobre as cidades brasileiras e externaliza as violências contra as mulheres. Claramente, os marcadores de gênero e étnico-raciais imputam sobre sua existência numerosos preconceitos e estigmas que são estruturais em nossa sociedade. Dentre as falas, a da Hebe foi a que revelou sofrer medos e violências de variadas formas em seu cotidiano pelas ruas do centro.

Segundo o senso de janeiro deste ano do Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico, 2024), Goiânia tem 1.609 pessoas em situação de rua. Desse total, cerca de 147 (9%) se identificam como mulheres. Apesar do baixo percentual é necessário olhar para esse grupo que tem suas particularidades acentuadas em situações da extrema vulnerabilidade ao qual estão sujeitas.

Nunes e Souza (2020), traçam um perfil geral das mulheres sem moradia. A maioria é negra e enfrenta problemas relacionados ao uso de álcool e outras drogas. Muitas delas perderam o vínculo familiar e, no caso de terem filhos, eles são colocados sob proteção da justiça. O nível de escolaridade é, geralmente, limitado ao ensino fundamental e muitas não possuem documentos de identificação. Frequentemente, são encaminhadas para abrigos públicos e comunidades terapêuticas devido a conflitos familiares e ao uso de drogas, sendo suas condições atribuídas à situação de rua.

Para entender a profundidade dessa questão, especialmente em termos de dimensões raciais e sociais, é fundamental considerar as interações entre racismo, classe social e discriminação de gênero. A literatura feminista negra, aqui representada por Hooks (2019), Gonzales (1984) e Gonzales (2020), oferece discussões essenciais para compreender a condição subalterna da mulher negra. Para as autoras, torna-se crucial examinar a realidade das mulheres negras que vivem em situação de rua, pois para elas a condição é ainda mais brutal por enfrentarem um aumento significativo do preconceito e estarem expostas a diversas formas de violência. Além disso, estão sujeitas a desafios específicos em relação à higiene e experienciam ainda mais sofrimento e constrangimento quando são mães vivendo nessas condições.

Rosa e Bretas (2015, p. 281), ao estudarem a violência contra a mulher em situação de rua na cidade de São Paulo relatam que para as mulheres, diferente dos homens, deixar as casas e ir para as ruas representa “uma solução inicial para situações de violências e insatisfações com o espaço doméstico”. Por conta disso, a maioria das mulheres entrevistadas não cogitavam voltar para a casa de origem, mas esperavam começar de novo num novo lar. Outro dado relevante é que a perda da guarda dos filhos gera sofrimento e tristeza, que aumenta o consumo de drogas e a vulnerabilidade social. Percebe-se que por trás da decisão de deixar a casa, para a mulher, existem questões complexas que vão além da dimensão econômica, do não ter dinheiro para a manutenção de um lar. Uma vez desvinculada da família, pesa sobre a moradora em situação de rua um tipo de violência moral derivada do estigma criado em torno de sua própria imagem, como um ciclo que a deprecia e a segrega.

O relato de Hebe mostra que são restritas as possibilidades de trabalho e produção de renda para pessoas. Entretanto, desigualdades de gênero fazem com que as possibilidades sejam ainda mais limitadas quando se fala sobre mulheres. Nessa perspectiva, a prostituição se apresenta, em muitos casos, como uma possibilidade de sobrevivência.

Segundo Malheiro (2018), a prática da prostituição entre mulheres sem moradia está intimamente ligada à desvalorização do próprio corpo, consequência das inúmeras violações já sofridas. As mulheres que se envolvem nessa atividade acreditam ser capazes de utilizar seu corpo, que já é continuamente violentado, em uma fonte de sustento.

Às violências das quais Hebe revelou estão sujeitas todas as outras mulheres que habitam as ruas do Setor Central. O medo da violência pode ser considerado a principal questão urbana acerca da apropriação pelas mulheres dessa parte da cidade, o que pode se estender aos outros bairros. Pelá e Chaveiro (2022), ao pesquisarem sobre a violência contra a mulher na produção socioespacial de Goiânia chegaram aos seguintes dados:

Goiânia é um exemplo concreto dessa conjuntura, conforme pode ser constatado a partir dos resultados da pesquisa “As mulheres e a produção do espaço urbano de Goiânia”. A pesquisa aponta que 68% das mulheres entrevistadas já foram vítimas de violência e assédio em espaços públicos e privados em Goiânia. A rua, com 87,2% dos casos, é o lugar de maior incidência. Os espaços de lazer, como bares, parques, shows, teatros, cafés, entre outros, estão em segundo lugar, com 31,9% das incidências. Já os locais de compras como supermercados, lojas de vestuário, *shoppings centers* e feiras aparecem na terceira posição, com 25,5%. Os espaços de trabalho e de estudos também são hostis e violentos a elas. (PELÁ e CHAVEIRO, 2022, p. 143).

Sobre o Setor Central especificamente, num dos mapas apresentados por Pelá e Chaveiro (2022, p. 150), denominado “Marcos Espaciais do Medo”, são mencionados o centro como todo, a Praça Cívica, a Praça do Trabalhador e o Parque Botafogo. Em dados numéricos, 11% das mulheres entrevistadas responderam não frequentar o centro por medo de serem violentadas.

A partir dos relatos da Odete, de D. Emília, da Hebe e da DJ Ana, somados aos dados trazidos por Pelá e Chaveiro, percebemos que o centro está sempre em movimento e numa constante mudança. De sua origem aos dias atuais, formas de habitá-lo pelas mulheres foram se transformando conforme a época. No entanto, o medo da violência transpassa por esses vários tempos. Sabemos tratar-se de uma condição profundamente estruturada que atravessa as dimensões econômica, cultural e social, num jogo perverso que envolve o sistema capitalista exploratório associado a valores intrínsecos, como o patriarcado e o sexismo que, por sua vez, articulam as formas das relações sociais através de mecanismos de controle e de opressão, muitas vezes não físicos e invisíveis.

Ainda assim, as mulheres resistem, lutam contra seus medos e ocupam as ruas, mesmo cientes dos riscos. É visível os movimentos recentes que tentam romper barreiras e promover apropriações das ruas do Setor Central, contrárias às distinções, como os marcadores de gênero, de classe e étnico-raciais. Mulheres, individual e coletivamente, há muito vem se organizando no sentido de rejeitar e de contestar relações desiguais e de opressão de gênero. E por essas causas, ocupam as ruas do centro de Goiânia.

E a beira do final deste trabalho, voltamos ao seu início, de uma nova cidade que se intitula capital moderna, mas que carrega consigo questões seculares, como o machismo estrutural, o sexismo e o patriarcado. Uma cidade pensada, por homens, construída e vendida por homens e cujas histórias ressaltam apenas os feitos heroicos desses mesmos homens, como bem poetizam Pelá e Chaveiro:

Goiânia de Pedro. De pedra. De migrantes – e de aventureiros. Cidade colonizadora; entreposto entre norte e sul, entre litoral e sertão. Cidade de Atílio e Buenos. Modelos e modas. O urbanismo moderno. Os deslizamentos dos códigos “primiciais”. Os parques. Os cinturões verdes. Os vazios. Os sujeitos. Cadê a Maria? A Joaquina? A Ludovica? Cadê Goiânia? Goiânia esta acolá e aqui. Acolá é o oficial. Vazio da presença feminina nas histórias sobre os seus traçados, seus conteúdos e suas memórias. (PELÁ e CHAVEIRO, 2022, p. 141)

Imagem 40: Manifestação no centro de Goiânia, maio de 2019. Registros pessoais cedidos por Julia Guilardi.

Imagem 41: Imagem de protesto Marcha das Vadias de 2012 em Goiânia. Fonte: Roberto, 2012



## UM INÍCIO, NÃO UM FIM

---

Pela fala de Márcia Pelá e Eguimar Chaveiro partimos, ainda, para a tentativa de chegar a um desfecho deste trabalho. Percebemos não caber uma conclusão ou considerações finais. Ele está operando, na verdade, na construção de um início. Se os homens protagonizam as histórias escritas e as decisões sobre a cidade, sobre o Setor Central, tratamos de começar a mostrar histórias e vidas das mulheres invisibilizadas e das vozes não ouvidas, muitas vezes, na grande história e, ainda hoje, nos novos projetos e planos que buscam dar continuidade e rearranjar a capital que cresce e se complexiza.

Não é, portanto, o resultado de uma investigação tradicional, no campo da Arquitetura e do Urbanismo, e sim um conjunto dinâmico e expansivo de histórias, cotidianidades, práticas e experiências que surgem de uma reflexão compartilhada e crítica sobre a vivência de mulheres. Essa análise não têm o objetivo apenas de questionar o cotidiano, mas também de se questionar e questionar aqueles com quem interage.

O trabalho propõe uma perspectiva outra para se olhar o urbano, desafiando narrativas tradicionais centradas em figuras masculinas, com o objetivo de promover uma *travessia*, descentralizando o discurso e reconhecendo a complexidade das experiências e identidades urbanas. Ao reconhecer a história como uma construção permeada por relações de poder, busca trazer o marcador de gênero, as mulheres, valorizando e amplificando vozes que foram historicamente silenciadas ou ignoradas.

Valiosas pesquisas anteriores trataram de quantificar, sobretudo, os casos de violência contra a mulheres. Mostram medos e limitações que tendem a fazer com que as mulheres continuem reclusas ou tenham que ponderar sobre onde ir.

Quando falamos em cidades, essas deveriam permitir apropriações plenas, independente do gênero, da raça e etnia, da renda e classes sociais. Tema amplamente debatido na Arquitetura e no Urbanismo a partir dos clássicos textos, desenvolvidos por Henri Lefebvre e por David Harvey, que reivindicam o direito às cidades. Como bem aponta Scheffler (2018), tais discussões, que atravessam relações de poder e a

constituição de territórios e de territorialidades, ainda permanecem a sombra de uma dominação masculina. Para a autora, marcadores como o de gênero deveriam cada vez mais ser assumidos como categorias de análises por permitirem visualizar como as relações sociais se organizam e reproduzem desigualdades socioculturais que insistem em demarcar o lugar dos homens e das mulheres no mundo.

Caminhando a partir desse entendimento, a breve análise histórica, explorou as raízes do patriarcado e da subordinação das mulheres na sociedade ocidental, destacando a diferenciação de papéis sociais e a utilização de instituições como a religião e o Estado para legitimar o domínio masculino sobre os corpos femininos.

A partir disso, chegamos ao centro de Goiânia. Uma parte da cidade que emerge como um microcosmo complexo, onde se entrelaçam histórias, arquiteturas, urbanismos, representações e dinâmicas sociais. Inicialmente concebida como uma cidade planejada, refletindo ideais de modernização e progresso, Goiânia se tornou um centro urbano multifacetado, onde o espaço público é marcado por monumentos que simbolizam a narrativa do desenvolvimento e conquista.

A Avenida Anhanguera, com seu monumento a Bartolomeu Bueno da Silva, exemplifica esse processo, destacando a tentativa de reproduzir discursos de interiorização e heroísmo. No entanto, a construção da cidade e seus símbolos refletem uma narrativa seletiva, muitas vezes marginalizando outras perspectivas e contribuições, como as das mulheres.

Buscando um outro rumo, ao explorar as histórias das mulheres que (com)vivem no centro de Goiânia, emergiram narrativas de resiliência e resistência. Por meio de personagens arquetípicos subvertidos, como a Dona do Boteco, a Dona da Rua, a Dona da Lanchonete e a Dona da Noite, desvelaram-se experiências e trajetórias. Foi possível ver que essas mulheres mantêm, ainda, algumas tradições que seguem como heranças socioculturais fortemente estruturadas, mas, ao mesmo tempo, desafiam estereótipos de gênero e reivindicam seu lugar na cidade, destacando a importância de reconhecer e valorizar as contribuições das mulheres na vida urbana. Ao mesmo tempo, essas narrativas apontam para desafios persistentes, como a violência de gênero e a falta de reconhecimento público, ressaltando a necessidade contínua de promover a equidade e a inclusão no espaço urbano.

Os relatos, as falas ouvidas e práticas observadas foram relidas a partir um olhar interseccional que possibilitou enxergar aspectos debatidos na literatura feminista como o patriarcado, a domesticidade, o trabalho não pago, as sobreposições de papéis que acarretam jornadas de trabalhos contínuas e desproporcionais, as diversas formas de violência a que estão sujeitos o corpo e o ser mulher e os cerceamentos sociais historicamente manipulados como mecanismos de opressão e de controle. Práticas de vida que foram se entrelaçando com teorias nos permitindo compreender as complexidades e particularidades fundamentais para se analisar as dinâmicas sociais, os exercícios de poder, as interações e as identidades construídas, assim como, os territórios e as territorialidades femininas presentes no centro de Goiânia. Aspectos que, para França (2024), compõem os desafios a serem trabalhados para a inclusão ativa das mulheres na vida das cidades.

Entre as mulheres entrevistadas, Odete, a Dona do Boteco, se destaca por sua personalidade acolhedora e seu papel central na comunidade local. Com uma clientela fiel e um histórico de três décadas à frente do bar, ela personifica a resistência de pequenos comércios locais. No entanto, sua história também revela as nuances da divisão sexual do trabalho e as expectativas sociais impostas às mulheres.

Hebe, por sua vez, representa a Dona da Rua, vivendo em situação de vulnerabilidade no centro da cidade há quase duas décadas. Sua história ilustra os desafios enfrentados por mulheres sem moradia, agravados por questões de gênero, raça e classe social. A interseccionalidade dessas opressões reflete-se em sua trajetória e nas limitações enfrentadas no acesso a serviços e oportunidades.

A Dona da Lanchonete, D. Emília, personifica a empreendedora de sucesso, que construiu um negócio próspero ao longo de décadas. Sua história destaca as barreiras enfrentadas por mulheres na liderança empresarial, além das expectativas sociais em torno do papel de cuidadora. Apesar de seus feitos, ela enfrenta desafios na divisão do trabalho doméstico e no cuidado com sua mãe idosa.

Por fim, Ana, a Dona da noite, representa a jovem envolvida nas esferas artísticas e culturais da cidade. Sua atuação como DJ e produtora destaca sua influência na vida noturna e sua contribuição para o cenário cultural de Goiânia. Sua história reflete a importância das mulheres na cena cultural e sua capacidade de impactar positivamente a comunidade local.

As histórias dessas mulheres compartilham pontos comuns, pontos divergentes, entre elas e várias outras mulheres. Quantas outras Odetes, Hebes, Emílias e Anas

existem por aí? Não foi intenção trazer aqui observações quantitativas, mas aspectos que transitam por uma intimidade que permitam a outras mulheres se verem nelas e refletir a respeito de determinados apontamentos feitos. Como arquétipos que revelam situações que se repetem possibilitando acessar padrões formais e interrelacionais. Enquanto a cidade pode evocar medo para algumas, pode também ser um espaço de acolhimento, de trabalho e de moradia.

Para Schefler (2018), o marcador de gênero é uma das chaves primordiais para que consigamos pensar em perspectivas mais justas e igualitárias nas várias das dimensões que compõem o mundo contemporâneo. A começar pelo reconhecimento das relações de poder que se projetam nos espaços, públicos e privados, separados pela ideologia patriarcal:

Observando-se sob essa ótica, torna-se evidente que homens e mulheres constroem territórios, mas que se apropriam diferentemente dos espaços sociais, construindo territorialidades que são atravessadas por relações de poder e que conferem ao homem, historicamente, uma posição dominante.

(SCHEFLER, 2018, p. 71)

Seguindo essa lógica, para pensar em um futuro melhor é crucial considerar outras possibilidades para a cidades, como também, reconhecer que o urbanismo tradicional foi concebido para perpetuar uma forma de organização social baseada em gênero, classe, raça e sexualidade. No imaginar alternativas, uma cidade mais feminista pode emergir de uma experiência diversificada e cotidiana.

Há muito a se percorrer e a se pensar sobre como as mulheres territorializam os espaços sociais e estão posicionadas nos exercícios dos micro e macro poderes. O início de tudo, pode estar em entender a vida das diferentes mulheres, como feito aqui. Quantas mulheres existem no centro para serem ouvidas?

Por fim, eu, Beatriz, mulher, pesquisadora, vivente do centro, agradeço, mais uma vez, a ajuda direta das mulheres que concretizaram este trabalho e ao apoio indireto de tantas outras.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALT, Fernanda. **Da Margem no Centro: Deslocamentos do Sujeito no Feminismo**. In: Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia. V.8. N.2. P. 36-50, 2019.

ANAZ, Sílvio Antonio Luiz. **Teoria dos arquétipos e construção de personagens em filmes e séries**. São Paulo, Significação, v. 47, n. 54. 2020. P. 251-270.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Abolicionismo e memória das relações raciais**, Estudos Afro-Asiáticos, 26, pp. 5-20. 1994.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARRAGÁN, Alba Margarita Aguinaga; LANG, Miriam; CHÁVEZ, Dunia Mokrani; SANTILLANA, Alejandra. **Pensar a Partir do Feminismo: Críticas e Alternativas ao Desenvolvimento**, 2020. In: Org. HOLLANDA, Heloisa Buarque de; VAREJÃO, Adriana... [et al.]. Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

BATISTA, Paula Nogueira Pires. **Movimento Feminista – Uma Breve Contextualização**. In: “Nós Comemos e Regurgitamos”: Feminismos Transnacionais e Coalizões Potenciais a Partir da Marcha das Vadias de Goiânia/GO. P. 30-45. 2018

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: fatos e mitos. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019

BENJAMIN, Walter. Tiergarten. In: **ADORNO et HABERMAS**. Obras escolhidas II – Rua de Mao única. São Paulo: Brasiliense, 1987, pp. 73-75.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. **Feminismo e Política**. São Paulo: Editora Boitempo, 2014.

BOURDIEU, P. **Novas reflexões sobre a dominação masculina**. In: LOPES, M. J. M.; MEYER, D. E.; WALDOFF, V. R. (Org.). Gênero e saúde. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 29-40.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRAZ, E., & CIOSAK, S. I. (2009). **O tornar-se cuidadora na senescência**. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, 13(2), 372-377. doi:10.1590/S1414-81452009000200019

BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. 12ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. P. 17-42.

CADÚNICO, Cadastro Único. **Tabulador de Cadastro Único**. 2024. In: [https://cecad.cidadania.gov.br/tab\\_cad.php](https://cecad.cidadania.gov.br/tab_cad.php). Com marcação PBF (Janeiro 2024); Seleção Geográfica: Goiânia – Goiás – GO; Variáveis: Situação de Rua e Sexo. Acesso em: 15/02/2024

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de fazer. 22ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHAUL, Nasr Nagib Fayad. **Goiânia: a capital do sertão**. Revista UFG, Ano XI, n. 6, 2009. P. 100-110

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

COLUCCI, Danielle Gregole; SOUTO, Marcus Magno Meira. Espacialidades e territorialidades: conceituação e exemplificações. **Revista Geografias**, v. 7, n. 1, p. 114–127, 2011. DOI: 10.35699/2237-549X.13312. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/geografias/article/view/13312>. Acesso em: 17 jul. 2024.

CONNELL, Raewyn. **A Iminente Revolução na Teoria Social**. In: RBCS Vol. 27 n° 80, 2012. P. 9-20

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. DOI: 10.1590/S0104-026X2002000100011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100011>. Acesso em: 17 jul. 2024.

DAMATTA, Roberto Augusto. **Sobre Comidas e Mulheres...** In: DAMATTA, Roberto Augusto. O Que Faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Editora Rocco Ltda, 1986.

DAS, Veena. **Aflicção: saúde, doença, pobreza**. São Paulo: Editora Unifesp, 2023

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Pallas: 3ª edição. 2017

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser Afetado**. In: caderno de campo n-13, 2005

FERREIRA, Jackeline Mendes. **A Legibilidade da Paisagem Urbana: Uma Análise do Centro de Goiânia**. 2021

FILOSÓFICO, Café. **Cidades possíveis**: construção coletiva | Philip Yang. 2020. (51m33s). Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=7Vo-YYns5c4&t=452s&ab\\_channel=Caf%C3%A9Filos%C3%B3ficoCPFL](https://www.youtube.com/watch?v=7Vo-YYns5c4&t=452s&ab_channel=Caf%C3%A9Filos%C3%B3ficoCPFL) >. Acesso em: 16 nov. 2020.

FRANÇA, Sarah Lúcia Alves. A mulher e o direito à cidade: desafios e perspectivas. **Observatório das Metrópoles**, Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia – Artigos Semanais. Rio de Janeiro, 14 mar. 2024. Disponível em: <https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/a-mulher-e-o-direito-a-cidade-desafios-e-perspectivas/>. Acesso em: 17 jul. 2024.

FREITAS, Lídia dos Santos Ferreira de. GONÇALVES, Eliane. **Corpos Urbanos: Direito à Cidade como Plataforma Feminista**. In: Cadernos Pagu (62). 2021

GONZAGA, Terezinha de Oliveira. **A Cidade e a Arquitetura Também Mulher**: planejamento urbano, projetos arquitetônicos e gênero. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 2011.

GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984. Disponível em:

<edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6608168/mod\_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo\_e\_Sexismo\_na\_Cultura\_Brasileira%20%281%29.pdf>. Acesso em: 01/06/2022.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**, 2020. In: Org: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia. Por um Feminismo Afro-Latino-Americano. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz. 2020.

GRAHAM, S. (2017). **Cidades sitiadas: o novo urbanismo militar**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

HARVEY, David. **A produção Capitalista do espaço**. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, David. **The Right To The City**. Disponível em: <newleftreview.org/issues/ii53/articles/david-harvey-the-right-to-the-city>. Acesso em: 01/12/2020.

HENNING, Carlos Eduardo. **Interseccionalidade e pensamento feminista**: As contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. In: Dossiê - Desigualdades e Interseccionalidades. P. 97-128. 2015.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista: Da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva; 1ª ed. 2019

HORA, Karla Emmanuela R. PELÁ, Márcia Cristina. PRADO, Cristina Costa. MELO, Thaís Borges de. **As mulheres e a cidade: Uma leitura da Região Metropolitana de Goiânia**. In: Reforma urbana e direito à cidade. Org: Celene Cunha Monteiro Antunes Barreira, Marcos Bittar Haddad e Aristides Moysés. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022. P. 217-236.

JACOBS, J. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. 3ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

JACQUES, Paola Berenstein. **Corpografias urbanas**. In: Portal Vitruvius. Disponível em: www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq093/arq093\_02.asp . 2008. Acesso em: 22/03/2023.

JESUS, Maria Carolina de. **Quarto de Despejo**. São Paulo: Editora Ática, 2019.

JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2014.

JUNIOR, Adalberto da Silva Retto. **O lugar da mulher é a casa?** São Paulo: Contraponto, 2023. Disponível em: <contraponto.digital/o-lugar-da-mulher-e-a-casa-questoes-basilares-para-pensar-o-urbanismo-contemporaneo/>. Acesso em: 01/06/2024.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Centauro, 2016.

MACHADO, Talita Cabral; RATTI, Alecsandro J. P. **As Mulheres e a Rua: Entre o Medo e as Apropriações Feministas da Cidade de Goiânia, Goiás**. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 8, n. 1, p. 194-213, 2017. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/8879/pdf9. Acesso em: 17 jul. 2024.

MACHADO, Talita Cabral; RATTI, Alecsandro J. P.; **As Mulheres e a Rua: Entre o Medo e as Apropriações Feministas da Cidade de Goiânia, Goiás**. Revista Latino Americana de Geografia e Gênero, v.8, nº1, 2017. P. 194-213

MALHEIRO, Luana. **Tornar-se mulher usuária de crack: trajetória de vida, cultura de uso e política sobre drogas no centro de Salvador**, 2018. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.

MANSO, Celina Fernandes Almeida. **Goiânia: uma concepção urbana, moderna e contemporânea – um certo olhar**. Goiânia: Edição do Autor, 2011.

MATOS, Marlise; PARADIS, Clarisse Goulart. **Desafios à despatriarcalização do Estado brasileiro**. Dossiê O Gênero Da Política: Feminismos, Estado E Eleições. Campinas. Cadernos Pagu (43), 2014. P. 57-118.

MONTANER, Joseph Maria; MUXÍ, Z. **Arquitetura e política**: Ensaios para mundos alternativos. 1a ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2014. P. 195-234.

MONTICELLI, Thays. A administração, as negociações e desigualdades constituídas no lar: reflexões sobre uma cultura da domesticidade no Brasil. **Revista Feminismos**, v. 5, n. 2/3, p. 85-98 2018. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30316. Acesso em: 17 jul. 2024.

MORBACH, Augusto Bastos. In: **Goiânia Flor e Poesia: 1993**, P. 17

MUXÍ, Zaida. **Mujeres, Casas y Ciudades: más allá del umbral**. Barcelo-na: dpr-barcelona, 2018.

NUNES, Nilza Rogéria de Andrade; SOUSA, Patricia, Cristina Santana de. **Para Ficar em Casa é Preciso Ter Casa: desafios para as mulheres em situação de rua em tempos de pandemia**, 2020. In: Revista Augustus, 25(51), 97-112. https://doi.org/https://doi.org/10.15202/1981896.2020v25n51p97

OLIVEIRA, Eliéser Cardoso de. **As imagens de Goiânia na literatura mudancista**. In. CHAUL, Nars Fayad e DUARTE, Luís Sérgio (Org.). As cidades dos sonhos: desenvolvimento urbano em Goiás. Goiânia, Editora UFG, 2005.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílina da. **Pistas do Método da Cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 4ª impressão. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PATEMAN, Carole. Fazendo Contratos. In: **O Contrato sexual**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1993.

PDNAC-IBGE. Estatísticas de Gênero - Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html>. Acesso em 21/02/2024.

PELÁ, Márcia Cristina Hizim; CHAVEIRO, Eguimar Felício. A naturalização da opressão e da violência contra as mulheres na produção socioespacial de Goiânia. **Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia**, v. 20, n. 1, p. 140-155, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5016/estgeo.v20i1.16408>. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/view/16408>. Acesso em: 17 jul. 2024.

PELÁ, Márcia Cristina Hizim; CHAVEIRO, Eguimar Felício. **As mulheres na produção socioespacial de Goiânia: invisibilidade e sexismo**. Goiânia, Ateliê Geográfico, v. 15, n. 2, 2021. P. 202-218.

PINHEIRO, Luana; MEDEIROS, Marcelo; COSTA, Joana; BARBOSA, Ana de Holanda. Gênero é o que importa: determinantes do trabalho doméstico não remunerado no Brasil. **Ipea – Texto para Discussão**, set. 2023. ISSN 1415-4765. DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/td2920-port>. Disponível em: [https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/12380/1/TD\\_2920\\_web.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/12380/1/TD_2920_web.pdf). Acesso em: 17 jul. 2024.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo, n-1 edições, 2017.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia**. Rio de Janeiro: Zahar; 1ª ed, 2020.

QUADROS, Eduardo Gusmão de. **Ananguera: Mito Fundador de Goiás**. *Temporis* [ação], Goiás, v. 1, n° 9, 2007.

RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo*. 1991. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

REA, Caterina. Crítica Queer Racializada e deslocamentos para o Sul global. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). **Pensamento feminista hoje: sexualidades no sul global** / [Adriana Azevedo ... [et al.]]. 1. ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo. 2020. P. 63-62.

ROCHA, Cristina Tavares da Costa. **Gênero em Ação: Rompendo o Teto de Vidro?** Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina: Centro de Filosofia e Ciências Humanas: Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas: Florianópolis, 2006

ROLNIK, Suely. **Esferas de insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. n-1 edições.org: 2019. P. 9-17.

ROLNIK, Suely. **Uma insólita viagem à subjetividade fronteiras com a ética e a cultura**. 1997. In: Núcleos de estudos da subjetividade – PUC-SP. Disponível em: [www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm](http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm). Acesso em: 22/03/2023.

ROSA, Anderson da Silva; BRETAS, Ana Cristina Passarella. A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil. **Revista Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, v. 19, n. 53, p. 275-285, 2015. Disponível em: <https://interface.org.br/edicoes/v-19-n-53-abr-jun-2015-2/>. Acesso em: 17 jul. 2024.

RUKEYSER, Muriel. **Breaking Open: New Poems by Muriel Rukeyser**. Random House: 1ª edição, 1973.

SANTOS, Ana Lúcia Vieira; DUARTE, Cristiane Rose. Casas invisíveis: um estudo dos espaços da população de rua do Rio de Janeiro: In: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane Rose; RHEINGANTZ, Paulo Afonso (Org.). **Projeto do Lugar: Colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002, p. 273-281.

SANTOS, Milton. **Contribuição ao estudo dos Centros de Cidades: o exemplo da Cidade de Salvador**. Boletim Paulista de Geografia, n° 32, julho de 1959.

SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma abordagem territorial. In: \_\_\_\_ ; SPOSITO, Eliseu Savério. (Org.) **Território e Territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 73-94.

SCHEFLER, Maria de Lourdes Novaes. Território e gênero: territorialidades ausentes. In: RODRIGUES, Cristiano et al (org.). **Territorialidades: dimensões de gênero, desenvolvimento e empoderamento das mulheres**. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 23-82.

SILVA, Jordana Fonseca. **Quando o Ananguera cruza Goiás: o Monumento aos Bandeirantes na nova capital**. Dissertação (mestrado) – Univerdiade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte. 2020.

SOLNIT, Rebecca. **Caminhadas depois da meia-noite: mulheres, sexo e espaço público**. In: A História do caminhar. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

SOUSA, Sueli Alves; SILVA, Valéria Cristina Pereira da. **Goiânia, Metrópole do Sonho de Pedra: O Silenciamento do Imaginário Feminino no Romance “Chão Vermelho” de Eli Brasiense**. Iporá. Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais, v.13, n. 1, 2024. P. 138-149

TROUILLOT, Michel-Polph. **O Poder na Estória**. In: Silenciando o passado: poder e a produção da história. P. 19-63. Curitiba: huya, 2016

## REFERÊNCIAS DE IMAGENS

Imagem 2: CANTUÁRIA, Marcela. **Juana Azurduy**, da série: *Mátria Livre*, 2019. Disponível em: [www.marcelacantuararia.com.br/matria-livre?pgid=k9havpsd-166c4833-2450-4b9d-b9f6-c0c4a33b1125](http://www.marcelacantuararia.com.br/matria-livre?pgid=k9havpsd-166c4833-2450-4b9d-b9f6-c0c4a33b1125). Acesso em 21/02/2024.

Imagem 3: CANTUÁRIA, Marcela. **Checkout**, da série: *Quero te Dar o Corpo Total do Dia*. 2020. Óleo s/ tela. 40 x 30 cm. Fotografia. Disponível em: [www.marcelacantuararia.com.br/quero-te-dar-o-corpo-total-do-dia](http://www.marcelacantuararia.com.br/quero-te-dar-o-corpo-total-do-dia). Acesso em 21/02/2024.

Imagem 4: ITAÚ CULTURAL. **Escrevivência**. 2017. Fotografia. Disponível em: [www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/](http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/). Acesso em: 22/12/2023.

Imagem 5: CANTUÁRIA, Marcela. **Salão de Mulheres ou 1º Salão de Artes Latino Americana e Caribeño**, 2022. Disponível em: [www.marcelacantuararia.com.br/salao-de-mulheres](http://www.marcelacantuararia.com.br/salao-de-mulheres). Acesso em: 22/12/2023.

Imagem 6: CANTUÁRIA, Marcela. **Banho de Sangue**, da série: *Mátria Livre*, 2020. Disponível em: [www.marcelacantuararia.com.br/matria-livre?pgid=k9havpsd-bd9080f5-2904-4f5a-8bbb-7ab32bc0eade](http://www.marcelacantuararia.com.br/matria-livre?pgid=k9havpsd-bd9080f5-2904-4f5a-8bbb-7ab32bc0eade). Acesso em 21/02/2024.

Imagem 7: Conquistas femininas ao longo do tempo. Fonte: produção da autora a partir das referências de imagens indicadas :

BRITANNICA, Encyclopædia. **Mary Wollstonecraft**. Fotografia. Disponível em: [www.britannica.com/biography/Mary-Wollstonecraft](http://www.britannica.com/biography/Mary-Wollstonecraft). Acesso em: 25/07/2024.

BRITANNICA, Encyclopædia. **Sojourner Truth**. 15/07/2024. Fotografia. Disponível em: [www.britannica.com/biography/Sojourner-Truth](http://www.britannica.com/biography/Sojourner-Truth). Acesso em: 25/07/2024.

MINA LITERÁRIA. **Jornal das senhoras**. 11 mai. 2019. Fotografia. Disponível em: [medium.com/mina-liter%C3%A1ria/jornal-das-senhoras-c1e0d5b54157](https://medium.com/mina-liter%C3%A1ria/jornal-das-senhoras-c1e0d5b54157). Acesso em: 25/07/2024.

MIGALHAS. **Lei Áurea: 135 anos da pretensa abolição da escravidão**. 11/05/2023. Fotografia. Disponível em: [www.migalhas.com.br/quentes/386302/lei-aurea--135-anos-da-pretensa-abolicao-da-escravidao](http://www.migalhas.com.br/quentes/386302/lei-aurea--135-anos-da-pretensa-abolicao-da-escravidao). Acesso em: 25/07/2024.

ACERVO O GLOBO. **Henri Cartier-Bresson: o olhar do século XX**. Fotografia. Disponível em: [acervo.oglobo.globo.com/incoming/henri-cartier-bresson-olhar-do-seculo-xx-23840403](http://acervo.oglobo.globo.com/incoming/henri-cartier-bresson-olhar-do-seculo-xx-23840403). Acesso em: 25/07/2024.

CAMBRIDGE DAY. **Remembering our sister, friend: Bell Hooks**. 17/12/2021. Fotografia. Disponível em: [www.cambridgeday.com/2021/12/17/remembering-our-sister-friend-bell-hooks/](http://www.cambridgeday.com/2021/12/17/remembering-our-sister-friend-bell-hooks/). Acesso em: 25/07/2024.

UMKC WOMEN'S CENTER. **The life of Angela Davis**. 20/02/2018. Fotografia. Disponível em: [info.umkc.edu/womenc/2018/02/20/the-life-of-angela-davis/](http://info.umkc.edu/womenc/2018/02/20/the-life-of-angela-davis/). Acesso em: 25/07/2024.

ESTADO DE MINAS. **Lélia Gonzalez, precursora do feminismo negro, é homenageada no CCBB-BH**. 10/07/2024. Fotografia. Disponível em: [www.em.com.br/cultura/2024/07/6895030-lelia-gonzalez-precursora-do-feminismo-negro-e-homenageada-no-ccbb-bh.html](http://www.em.com.br/cultura/2024/07/6895030-lelia-gonzalez-precursora-do-feminismo-negro-e-homenageada-no-ccbb-bh.html). Acesso em: 25/07/2024.

LADO M. **Conheça a história da Maria da Penha, a mulher que luta pelas mulheres**. 22/06/2024. Fotografia. Disponível em: [medium.com/lado-m/conhe%C3%A7a-a-hist%C3%B3ria-da-maria-da-penha-a-mulher-que-luta-pelas-mulheres-7310ffcf8ed7](https://medium.com/lado-m/conhe%C3%A7a-a-hist%C3%B3ria-da-maria-da-penha-a-mulher-que-luta-pelas-mulheres-7310ffcf8ed7). Acesso em: 25/07/2024.

BRASIL. Presidência da República. **Dilma Rousseff**. 21/09/2012. Fotografia. Disponível em: [www.gov.br/planalto/pt-br/conheca-a-presidencia/acervo/galeria-de-presidentes/dilma-rousseff/view](http://www.gov.br/planalto/pt-br/conheca-a-presidencia/acervo/galeria-de-presidentes/dilma-rousseff/view). Acesso em: 25/07/2024.

SOUZA, Bruno. **Marcha das Vadias: 10 anos depois, mulheres refletem sobre o legado que o movimento feminista deixou**. Agência de Notícias UniCEUB, 30/06/2022. Fotografia. Disponível em: [agenciadenoticias.uniceub.br/cidadania-e-diversidade/marcha-das-vadias-10-anos-depois-mulheres-refletem-sobre-o-legado-que-o-movimento-feminista-deixou/](http://agenciadenoticias.uniceub.br/cidadania-e-diversidade/marcha-das-vadias-10-anos-depois-mulheres-refletem-sobre-o-legado-que-o-movimento-feminista-deixou/). Acesso em: 25/07/2024.

Imagem 8, 9 e 10: **A evolução no entendimento das escalas humanas na arquitetura**. 03/01/2021. Fotografias, 2021. Disponível em: [www.archdaily.com.br/br/949315/a-evolucao-no-entendimento-das-escalas-humanas-na-arquitetura](http://www.archdaily.com.br/br/949315/a-evolucao-no-entendimento-das-escalas-humanas-na-arquitetura). Acesso em: 22/01/2024.

Imagem 11: CANTUÁRIA, Marcela. **Um Útero é do tamanho de um punho**, da série *Oráculo Urutu* 2020. Disponível em: <https://www.marcelacantuararia.com.br/oraculo-urutu?pgid=kvr8of8j-5e001573-7c81-43fa-adbd-b313bd3970e4>. Acesso em 21/02/2024.

Imagem 12: MANSO, Celina Fernandes Almeida. **Goiânia: uma concepção urbana, moderna e contemporânea – um certo olhar**. Goiânia: Edição do Autor, 2011.

Imagem 25: ALCÂNTARA, Bruna. **Pisa ligeiro, pisa ligeiro, quem não pode com as mulheres não atíça o formigueiro**. Porto Alegre, 21/07/2022. Instagram: @brunaalcantara.00. Fotografia. Disponível em: [www.instagram.com/p/CgSfVJkfw6/](https://www.instagram.com/p/CgSfVJkfw6/). Acesso em: 15/08/2022.

Imagem 26: METRÓPOLES. **Obra de arte feminista é destruída 12h depois de pronta em Goiânia**. Goiânia. Publicado em: 22/07/2022. Fotografia. Disponível em: [www.metropoles.com/brasil/obra-de-arte-feminista-e-destruida-12h-depois-de-pronta-em-goiania](http://www.metropoles.com/brasil/obra-de-arte-feminista-e-destruida-12h-depois-de-pronta-em-goiania). Acesso em: 25/07/2022

Imagem 36: PINHEIRO, Luana; MEDEIROS, Marcelo; COSTA, Joana; BARBOSA, Ana de Holanda. Gênero é o que importa: determinantes do trabalho doméstico não remunerado no Brasil. **Ipea – Texto para Discussão**, 09/ 2023. ISSN 1415-4765. DOI: [dx.doi.org/10.38116/td2920-port](https://dx.doi.org/10.38116/td2920-port). Disponível em: [repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/12380/1/TD\\_2920\\_web.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/12380/1/TD_2920_web.pdf). Acesso em: 17/07/2024.

Imagem 41: MARCOS, Roberto [07:28]. **Marcha das Vadias** – Goiânia, 2012. Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=ObC\\_V7P7YIU](http://www.youtube.com/watch?v=ObC_V7P7YIU). Acesso em: 02/06/2024.

# APÊNDICE 1 - ENTREVISTAS

**Codínome:** Hebe

**Descrição:** Hebe é uma mulher cis de estatura baixa, magra, tem olhos escuros, é negra e possui cabelos curtos crespo preto, o seu apelido vem do fato de que ela usa perucas bem chamativas. Hebe é corajosa e determinada que enfrenta a vida nas ruas com uma mistura de resiliência e dureza. Ela se tornou uma figura conhecida na região onde vive, não apenas por sua situação de moradora de rua, mas também por sua personalidade forte: Hebe não leva desaforo de ninguém e muitas vezes se defende vigorosamente quando confrontada. Ela desenvolveu uma reputação de alguém que não se deixa intimidar facilmente. Sempre busca formas de ganhar dinheiro: pede roupas para quem conhece para vender para os brechós da região e varre fachadas de lojas.

**Pesquisadora:** Oi Hebe. Obrigado por conversar comigo. Como é que cê tá?

**Hebe:** Oi baixinha. Tô bem, mas cê viu que que aconteceu com o homem ali?

**Pesquisadora:** Não, o que que aconteceu?

**Hebe:** Ele foi mexer com a mulher do doido ali, levou facada, *os homem* veio tudo e levou ele.

**Pesquisadora:** Nossa, *pro* hospital? Como assim?

**Hebe:** Foi... e *num* é a primeira vez não... bobo demais...

**Pesquisadora:** *Eita*... que loucura...

Hebe, antes de começa a fazer as perguntas preciso passar uns documentos com você, pode ser?

**Hebe:** Tá, mas eu não assino nada mais não.

**Pesquisadora:** Tudo bem... mas eu preciso passar primeiro algumas questões de permissão. Primeiro, eu posso gravar nossa conversa?

**Hebe:** Como? Tem microfone? Coisa de jornal? [risos]

**Pesquisadora:** Não [risos], é só esse celularzinho mesmo.

**Hebe:** Tá bom...

**Pesquisadora:** Você autoriza o uso da sua voz em alguma publicação?

**Hebe:** Como assim baixinha?

**Pesquisadora:** Se eu posso fazer algo com a sua voz... além de usar no trabalho escrito... mostrar pra outra pessoa

**Hebe:** Pra quem? Acho melhor não... Só você tá bom não?

131

**Pesquisadora:** Claro, se não quiser vai ser só eu mesma... E você permite a divulgação da sua opinião e dos resultados nesse trabalho?

**Hebe:** Sem a voz pode, e vai ter meu nome...? Se der pra ser sem meu nome.

**Pesquisadora:** Tá bem! Do jeito que você achar melhor Hebe... E eu posso utilizar esses dados para pesquisas futuras?

**Hebe:** Pode.. vai

**Pesquisadora:** Tá bem Hebe... Você pode começar falando seu nome, o que você quiser, e um pouco sobre você...

**Hebe:** Uai baixinha cê me conhece... eu sou a Hebe, meu nome de... assim... de nascida mesmo ninguém usa, eu moro por aqui... eu gosto de homem sabe... não sei... mais o que você quer?

**Pesquisadora:** Hebe, qual seu estado civil atual?

**Hebe:** Eu não tenho marido nem nada disso não... nem quero sabe...

**Pesquisadora:** Queria que você falasse um pouco sobre... sua jornada até aqui, nas ruas desta cidade?

**Hebe:** Jornada...? [risos] Baixinha eu tô na rua tem muitos anos, eu ando a cidade todinha, mas eu fico mais por aqui porque tem... tem mais gente. Ai... baixinha aqui todo mundo me conhece... aí quase ninguém mexe comigo...

**Pesquisadora:** [risos] entendi. Você disse que todo mundo te conhece... Pelo que você acha isso? E pelo que que você acha que é conhecida...?

**Hebe:** Ah muié, não sei... *Os home* briga comigo porque eu mexo no lixo, mas eu sempre ofereço *pra* varrer as calçadas... Ai baixinha eu acho que no final é de boa né... O seu pai sempre me dá almoço e coca[-cola]... mas tem dia que não acho... as coisa não abre todo dia... ai eu mexo no lixo... Ai o povo fica bravo porque fica bagunçado... Tem dia que eu acho coisa pra trocar nos lugar...

**Pesquisadora:** Hebe... se você se sentir confortável você pode me dizer como você acabou...

**Hebe:** Na rua? Eu sempre fui pobre baixinha, mas minha mãe implicava que *eu usava, ai* eu sai de casa pra usar... E eu não arrependo não, pelo menos... eu posso né... Mas tem gente que malda demais *nóis*, vocês não, mas tem gente que acha né... que a gente rouba... que corre...

**Pesquisadora:** E qual a sua relação com o lugar que você vive?

132

**Hebe:** Tenho um lugar *pra* dormir... Bem, eu tenho uma relação... difícil né. Não é fácil baixinha vive assim... as vezes é muito frio, *as vez* é muito quente... Mas eu que escolhi né...

**Pesquisadora:** Como é sua rotina aqui no centro?

**Hebe:** Igual eu falei pra você... hoje eu tenho um lugar pra dormi, os *homi* tudo quer saber onde..., mas as vez eu durmo na rua mesmo... porque lá eu não posso usar... Me viro né. Ai de dia *cê* sabe, eu varro e eu procuro coisa *pra* ganhar um dinheiro... alguma coisa...

Tem gente que fala que eu sou doida baixinha... as vezes eu fico maluca mesmo... mas as vez eu *tô* de boa ai vem mexer comigo...

**Pesquisadora:** Qual tipo de transporte você mais usa?

**Hebe:** Uai baixinha nenhum... eu só ando à pé, os motorista dos eixo não me deixa... entrar né... ai eu só vou de pé mesmo... ai as vezes os home me leva nos carro de policia deles... por besteira né... ai tem vez que a ambulância me pega também... ai eu volto depois... só que ai eu tenho que voltar de pé... [risos] sempre depois alguém pergunta onde eu tava...

**Pesquisadora:** Como você se sente na cidade, no seu dia-a-dia? Em relação à segurança...

**Hebe:** Ai depende né... Tem dia que é de boa andar... mas eu não sinto medo não baixinha... de verdade... quando acontece alguma coisa, comigo ne, é quando... quando vem gente de fora. Dos outros que dá problema, sabe?

**Pesquisadora:** É, e já aconteceu alguma coisa com você?

**Hebe:** [risos] uai baixinha, todo tipo de coisa... Nois que tá na rua é coisa normal, assim, já acostuma... eu nem fico mais com medo...

**Pesquisadora:** E Hebe qual sua... visão sobre como tá o centro?

**Hebe:** Olha, eu não sei muito sobre isso não... Aqui tem mais gente... Mas também tem muita gente que malda a gente aqui... mas sempre teve...

**Pesquisadora:** Quais os locais você mais fica aqui no centro?

**Hebe:** Eu passo muito tempo ali... na avenida ne... na praça... Também fico um *tempão* perto *das* loja, tentando encontrar coisas pra trocar ou comida também né... Baixinha, agorinha eu volto...

**Nome:** Marie E

**Codiname:** Emília.

**Descrição:** Emília é uma mulher cis de estatura média, magra, tem olhos azuis claros, é caucasiana e possui cabelos loiros e longos.

**Pesquisadora:** Oi, preciso passar primeiro algumas questões *pra* sua permissão. Primeiro, eu posso gravar... a entrevista?

**Emília:** Pode...

**Pesquisadora:** Ai então eu preciso que você faça uma rubrica aqui [aponta no papel], que permite utilizar o gravador... só suas iniciais...

É... se você autoriza o uso da sua voz em alguma publicação ou não autoriza...

**Emília:** Pode *poa*?

**Filho mais novo:** Pode uai [quase inaudível].

**Pesquisadora:** Você permite a divulgação da sua opinião e dos resultados nesse trabalho?

**Emília:** Cadê?

**Pesquisadora:** Aqui. [aponta no papel]

E eu posso utilizar esses dados para pesquisas futuras ou não?

**Emília:** Pode.

**Pesquisadora:** Ai é aqui. Ai eu preciso só, agora, que a senhora assine aqui pra mim e coloque seu nome por extenso aqui. [aponta no papel]

Nossa, que nome lindo!

**Emília:** Aqui eu rubrico?

**Pesquisadora:** É.

**Emília:** Tá.

**Pesquisadora:** Essa aqui é a sua via. [...] Eu queria fazer algumas perguntas pra senhora...

**Emília:** Pode fazer

**Pesquisadora:** Eu queria saber como que é a sua relação com o centro de Goiânia.

**Emília:** Ah, eu estou aqui há 40 anos, aqui nesse estabelecimento são 35, mas meu marido e eu começamos há 40 anos atras.

**Pesquisadora:** Vocês começaram quando?

**Emília:** A gente mexia com padaria.

**Pesquisadora:** Padaria? Aqui no centro mesmo?

**Emília:** Não. [inaudível] não tínhamos funcionários. Por um acaso, nós não demos bem. Não, quer dizer, a gente não deu certo com a padaria, a gente trabalhava demais, nos resolvemos vender. E por um acaso, surgiu o espaço de lanches que é ali do outro lado da rua, na Goiás. E nós vimos e compramos... entramos com a cara e a coragem, sem saber nada.

**Pesquisadora:** Quantos anos a senhora tinha?

**Emília:** Eu tinha 23... Cara e coragem... e foi assim que nós começamos...

**Pesquisadora:** E como é a sua rotina aqui no centro?

**Emília:** Minha rotina aqui hoje, eu tô mais tranquila, porque antes além de trabalhar em banco eu tinha que ajudar meu marido. Ai eu saí do banco...

**Pesquisadora:** Quanto tempo você ficou no banco?

**Emília:** 24 anos... Ai saí do banco com PDV e vim trabalhar com meu marido definitivo.

**Pesquisadora:** E porque você escolheu vir pra cá em vez de se manter no banco?

**Emília:** Ah, porque aqui a gente já tinha e precisava da minha ajuda. é o nosso ganha pão. A nossa relação com o centro é grande porque o tempo todo, né?! E mexendo com comida, com alimento, e você conhece quase todo mundo aqui do pedaço.

E devido [a natureza] do nosso comercio também as relações são boas.

**Pesquisadora:** A senhora ainda é casada?

**Emília:** Há 45 anos, um casamento de sucesso né?

**Pesquisadora:** E onde vocês moram?

**Emília:** Hoje eu moro na 4 com a 23. No centro. Pertinho.

**Pesquisadora:** E quantas horas você trabalha aqui por semana?

**Emília:** Eu entro, as vezes, meio dia, uma hora, duas... não tem hora não. E sair eu saio às 19 horas. Mas não é sempre não, porque eu tenho meu filho e uma funcionária que nos ajuda...

**Pesquisadora:** Cê trabalha só aqui no caixa, ou você vai pra cozinha também...?

**Emília:** Em tudo... Em cozinha eu não sou muito boa não, mas eu fico em pia. [Ri] Limpo chão, fico no atendimento e caixa. E na administração também.

**Pesquisadora:** E como é o seu percurso pra casa as 19 horas?

**Emília:** é boa porque é pertinho.

**Pesquisadora:** Então você vai à pé mesmo?

135

**Emília:** À pé, moro aqui à duas quadras..

**Pesquisadora:** E como que é sua perspectiva em relação à segurança do centro?

**Emília:** A segurança melhorou... Inclusive nosso governador, eu acho ele muito bom, tirou muita bandidagem aqui do centro. Ainda têm, mas melhorou bastante, a segurança precisava ser melhor, mas como era antes já deu uma amenizada.

**Pesquisadora:** Você já passou por alguma situação de violência aqui no centro? Assalto, furto...

**Emília:** Já, até o comércio... Umas três vezes...

**Pesquisadora:** Aqui dentro?

**Emília:** Dentro do comércio, por volta das 19 horas da noite.

**Pesquisadora:** Bem no fechamento..

**Emília:** É...

**Pesquisadora:** E vocês já funcionaram em outros turnos? Ficavam ate mais tarde ou sempre foi esse horário?

**Emília:** A gente de segunda à sexta a gente fechava às 20 horas, agora nós fechamos às 19.. O centro fica vazio. E aos sábados a gente fechava as 16, agora a gente fecha às 14, fomos reduzindo o horário. Inclusive isso é devido a pandemia, quando ela veio nos paramos, e foi muito bom pra nós, porque a gente se *poupou mais* [inaudível]...

**Pesquisadora:** E como foi esse período de pandemia para vocês?

**Emília:** Nós tivemos que fechar o comércio, foi tenso. Ai nós fechamos, quase 30 dias, depois nós viemos para o delivery. Muita falta de funcionário, porque eles não queriam vir trabalhar. Foi difícil pra nós, mas a gente venceu... Com a cara e a coragem a gente vence tudo.

**Pesquisadora:** E aquele rapaz que fica no caixa é o seu filho?

**Emília:** é meu filho caçula...

**Pesquisadora:** Você tem quantos filhos?

**Emília:** Dois... O Diogo e o Gustavo... Os dois são dentistas. O Gustavo é especialista em ortodontia e o Diogo em estética, implante. Mas o pai do Gustavo, meu marido, ele teve um pequeno probleminha de saúde. Ai eu falei: Gustavo, fica meio período no consultório e meio período com a gente. Ai ele acabou que ele foi terminando os pacientes dele....

**[pausa para atender um funcionário]**

**Emília:** Ai o Gustavo foi dispensando os pacientes, terminando os tratamentos e ficou comigo. Agora somos nós dois, porque o pai não quer trabalhar.

136

**Pesquisadora:** E vocês cuidam dele?

**Emília:** Do meu marido?

**Pesquisadora:** [acena]

**Emília:** Não, meu marido ainda vem, faz seasa, ele faz os serviços mais esporádicos assim..

**Pesquisadora:** Então é só o Gustavo que fica aqui com você?

**Emília:** É, o Gustavo, o caçula. O mais velho não quis vir...

**Pesquisadora:** Ele mora aqui em Goiânia?

**Emília:** Mora.. Mas ele fica só no consultório dele, atende... Enquanto o Gustavo fica aqui comigo.

**Pesquisadora:** Entendi... E voltando um pouco pro centro, você sai aqui de noite? Você faz alguma atividade noturna?

**Emília:** Não, eu faço caminhada, é, lá no Bosque (dos Buritis). Lá é até seguro, tem policiamento, mas a gente evita, porque a gente faz depois que a gente sai aqui do comércio... Deu uma parada assim esses dias, mas vamos voltar... A única atividade que a gente faz é essa a noite. É muito difícil a gente sair de casa.

**Pesquisadora:** Mas porque vocês não saem de casa?

**Emília:** Ah, o Paulo e eu, a gente tem a minha mãe, que eu tomo conta dela, ela tem 89 anos, tenho cuidadoras na minha casa pra poder ajudar. Então fica muito difícil, meu marido e eu sairmos, a gente sai mais assim: fazemos viagens. Mas aqui por exemplo: “vamos ali em tal lugar”, nós não somos de boteco e essas coisas. A gente fica mais em casa. A gente trabalha a semana inteira também, o dia inteiro, aí final de semana a gente não quer nem sair, quer descansar.

**Pesquisadora:** E em relação ao cuidado da sua mãe, você é filha única? Como que é?

**Emília:** Não... Nós somos 5 irmãos, mas cê sabe que uma mãe cria dez filhos, dez filhos não *cuida* de uma mãe...

**Pesquisadora:** É só a senhora que fica?

**Emília:** Eu que fico com a minha mãe, além de trabalhar aqui, tem a minha irmã mais velha que me ajuda no financeiro e meu irmão me ajuda as vezes. Mas os outros não ajudam [inaudível].

**Pesquisadora:** é difícil né...

**Emília:** É, mas é normal, é normal... Não é por isso que a gente vai ficar com raiva um do outro, né? Graças a Deus que ela me tem.

**Pesquisadora:** Cada um dá o que pode né...?

**Emília:** Isso, e minha mãe ainda me tem, graças a Deus.

**Pesquisadora:** É... E na sua casa, quem é que realiza os trabalhos ligados à manutenção, limpeza, organização...

**Emília:** Olha, meu marido é muito dedicado.

**Pesquisadora:** Ele cuida da casa?

**Emília:** Cuida! Assim, por exemplo, um cano, uma lâmpada, tudo é ele. Mas eu tenho as moças que me ajudam, porque eu não dou conta só. Minha casa é imensa...

**Pesquisadora:** É né, ainda mais com marido e sua mãe né?

**Emília:** É, meu marido é bom demais, me ajuda muito. Mas nessa parte: “ah, precisa fazer uma pintura”, aí ele providencia tudo; “ah, preciso trocar isso”, ele faz tudo. Somos muito unidos.

**Pesquisadora:** Pra ter um casamento tão longo né... tem que ser bem...

**Emília:** É, é, graças à Deus. [...] Acho que a gente casou com a pessoa certa né.

**Pesquisadora:** Vocês se casaram com quantos anos? Quantos anos vocês tinham?

**Emília:** 45 anos... Eu tinha 22, 21 pra 22, e meu marido tinha 23. Duas crianças... Nós começamos aqui, nesse pedaço [aponta para a rua 5] a gente passava com uma bicicleta cargueira... [risos] É menina... foi muita luta... Aí veio o primeiro filho...

**Pesquisadora:** Aí já não cabia mais na bicicleta? [risos]

**Emília:** Não, aí cê precisava de ver, nós nem temos foto, porque até a nossa biccletinha roubaram... Aí eu grávida do segundo e com o primeiro no braço da bicicleta... [risos] É... na cargueira, na frente, e meu marido pedalando. Aí nós estamos aqui, graças a Deus todo mundo bem, vencemos muito diante do que nós já passamos...

**Pesquisadora:** Nossa, com certeza, é um ponto turístico de Goiânia!

**Emília:** Isso... isso. Graças a Deus a gente manteve né, a qualidade, a higiene, o atendimento, isso tudo contribui né... Porque o centro acabou! Acabou... Mas nós mantemos o nosso comércio o pessoal vem de longe... De longe... vêm de outros estados. O pessoal goiano vai pro exterior depois volta e quer comer, dá saudade...

**Pesquisadora:** E você tem ideia, eu acho que eu já perguntei isso pra senhora uma vez, de quantas esfirras, salgados, vocês vendem por dia? Mais ou menos...

**Emília:** Olha, nós temos uma outra unidade no Bueno (setor), mas sai toda a produção daqui... Nós estamos abrindo uma no Jardim Goiás...

**Pesquisadora:** E quem que cuida da administração dessas outras?

**Emília:** Da administração? Meu filho Gustavo...

**Pesquisadora:** Então ele se desdobra também né.

**Emília:** Se desdobra, ele... que se encarrega de tudo.

Esqueci... esqueci a outra que você falou.

**Pesquisadora:** Eu perguntei quantas esfirras.

**Emília:** Ah! Quantas esfirras eu não tô sabendo a quantidade, porque são muitas... Eu só vou te falar: são muitas.

**Pesquisadora:** Além daqui, quais são os lugares que você mais frequenta aqui no centro?

**Emília:** Supermercado, farmácia...

**Pesquisadora:** Quais?

**Emília:** Vou um pouquinho no Bretas, no Pró-Braslian... Mas é porque em casa a gente não cozinha, em casa... Só final de semana... É. Não cozinhamos em casa, a gente compra mais produto de limpeza, né, frutas, higiene... Frutas, frutas meu marido traz do seasa, então é assim...

**Pesquisadora:** Ah! Bom demais... Acho que é isso por hoje...

**Codiname:** Ana

**Descrição:** Ana é uma mulher branca, tem estatura média, está na casa dos 30 anos, natural do estado do Pará é DJ, produtora musical e designer gráfica.

**Pesquisadora:** Queria que você começasse se apresentando, falando quem é você é? Qual a sua ocupação atual?

**Ana:** Bom, meu nome é *[removido]*. Eu sou conhecida como *[removido]*. Sou formada em Arquitetura e Urbanismo pela *[removido]*. Sou estudante de Artes Visuais pelo Basileu França. Atualmente, eu exerço os cargos de DJ, produtora, curadora musical e pesquisadora musical.

Minha pesquisa musical tem raízes profundas no Pará e nos gêneros da região. Embora eu tenha nascido em Belém e me mudado para Goiânia ainda criança, sempre mantive um vínculo estreito com Belém, onde grande parte da minha família ainda reside.

Fui criada por mulheres e tive uma convivência intensa com minha mãe, minhas tias e minha irmã gêmea. Em casa, discutíamos frequentemente as questões relacionadas ao ser mulher e a necessidade de trabalhar duro para provar nossa capacidade. Esse ambiente me fez valorizar o trabalho das mulheres e sempre me motivou a buscar formas de destacar essa perspectiva.

**Pesquisadora:** Qual a sua relação com o centro de Goiânia? Onde você mora?

**Ana:** Bom, a minha relação com o centro de Goiânia sempre foi de admiração. Eu sempre gostei do centro de Goiânia desde que era adolescente, desde que comecei a entender um pouco melhor sobre a cidade. E, como o centro é parte de uma história muito importante inicial de Goiânia, para mim sempre foi um sentimento de admiração pelo lugar e de querer estar sempre cada vez mais presente nele no meu dia a dia. Eu não morava perto do centro quando era mais nova. Eu fui mudar para o centro recentemente para realizar esse meu sonho de estar mais perto, mas eu sempre tentei estar o mais presente possível no centro de Goiânia.

**Pesquisadora:** Como é sua rotina no centro?

**Ana:** Bom, atualmente moro no centro de Goiânia e minha rotina quase toda se baseia aqui. Às vezes é até difícil sair do centro de Goiânia, só saio quando realmente é necessário, por questões de trabalho, ou ir a algum lugar específico, ou visitar a minha família, que mora em outro bairro. Então, a minha rotina no centro é, na verdade, totalmente aqui. É no centro que saio para passear com a minha cachorra. É no centro que faço minhas compras, desde supermercado a algumas coisas mais diárias. É no centro também que normalmente trabalho as minhas principais atividades:

discotecagens e trabalhos se concentram aqui no centro também. Então eu diria que quase tudo que eu faço na minha vida atualmente tá sendo pelo centro de Goiânia.

**Pesquisadora:** Qual a sua profissão? Onde você trabalha? Quantas horas você trabalha por semana?

**Ana:** Bom, trabalho principalmente como DJ, produtora, curadora musical e também ainda exerço alguns freelancers de design gráfico e direção de arte. É difícil pensar um pouco em quantas horas de trabalho faço semanais, porque são trabalhos que faço em casa, às vezes é final de semana, às vezes é à noite, não são horários convencionais, acho que, no geral, das pessoas.

**Pesquisadora:** Como é o seu percurso pra casa? Qual modal você mais utiliza? Existe infraestrutura? Segurança? Como você se sente nas suas rotas diárias?

**Ana:** Bom, atualmente o meu percurso para casa e para tudo tem sido, para trabalho, tem sido de carro. Agora, quando eu estou a lazer, principalmente, às vezes eu vou, eu utilizo o meio de transporte de a pé mesmo. E é isso, atualmente eu ando ou andando a pé ou andando de carro. No centro, eu costumo usar mais o carro à noite ou quando eu estou a trabalho. Principalmente porque eu carrego equipamentos que precisam de uma atenção, e eu prefiro... eu acho mais seguro usar o carro para isso.

Bom, os meus percursos na cidade, apesar de tudo, eu tento ter muita calma e não ficar noitada demais com segurança. Eu acho que as mulheres... A gente tem o histórico de ter que precisar tomar mais cuidado nos nossos percursos, nos nossos trajetos, nos lugares onde a gente frequenta, mas eu também tento, como se diz, contar um pouco com a boa-fé das pessoas e tento sempre pensar um pouco melhor também das pessoas e dos lugares onde eu estou.

No centro, obviamente, eu tomo mais cuidado, principalmente no período noturno. De dia, eu me sinto totalmente confortável de andar, de fazer tudo pelo centro. Eu acho que o comércio local, eu acho que a movimentação das pessoas no dia aqui é muito constante e isso traz uma segurança para a gente.

Mas, à noite, aqui fica mais complexo, tanto pela falta de iluminação dos espaços normalmente, quando a gente vai andar a pé, e também pela diminuição da quantidade de pessoas, de estabelecimentos que funcionam à noite. Acho que tudo isso tem muito a ver com a nossa segurança e com a forma que a gente caminha pela cidade.

À noite, normalmente, eu sinceramente só me sinto mais segura de andar a noite próximo da minha casa, ou com a minha cachorra. Porque como ela é uma cachorra de grande porte, as pessoas costumam ter na rua um pouco de receio dela.

Então acaba que a minha cachorra me traz mais segurança na rua do que o fato de eu andar sozinha pelos espaços.

**Pesquisadora:** Qual o seu estado civil atual? Quem realiza os trabalhos relacionados à manutenção da sua casa?

**Ana:** Bom, atualmente eu sou namorada [risos], não sei, eu moro junto com meu companheiro, em casa nós dois dividimos a manutenção da casa, dividimos por igual tudo que acontece, tudo que precisa ser feito. Às vezes, uma vez por mês, duas vezes por mês, no máximo, a gente chama uma diarista pra fazer alguns trabalhos quando a gente tá com mais trabalho.

**Pesquisadora:** E você saberia me dizer uma média de quantas horas você e seu parceiro despendem por semana na manutenção da casa?

**Ana:** Bom, e por semana, eu acredito que eu e meu companheiro a gente gaste, na manutenção da nossa casa, uma média talvez de seis horas por semana. Eu acho que eu diria mais ou menos isso, no máximo.

**Pesquisadora:** E a partir das suas rotas e rotina, qual a sua perspectiva pessoal sobre o acesso e manutenção sobre o centro de Goiânia?

**Ana:** Bom, acho que agora, morando no centro, percebo um pouco mais sobre essas questões de manutenção do centro, da rua, da cidade. Já morei em diversos bairros de Goiânia e tudo, e o que percebo muito aqui é realmente, sinceramente, a quantidade de lixos na rua. As pessoas deixam muito lixo na rua. Tem muito essa questão, essa vandalização com o lixo na cidade aqui.

E também acho que falta uma manutenção dos patrimônios da cidade, dos patrimônios do centro de Goiânia. É uma região com prédios históricos, lindíssimos, e muitas vezes o comércio tampa essas fachadas, ou então as pessoas descaracterizam muito os edifícios, ou totalmente mudam mesmo, destroem o antigo para construir o novo. Então eu acho que falta manutenção principalmente no centro de limpeza e uma manutenção arquitetônica mesmo, um cuidado com o que nos temos de histórico e arquitetônica mesmo.

**Pesquisadora:** Quais os locais que você mais frequenta no centro de Goiânia? Pra qual finalidade?

**Ana:** Bom, os locais que frequento no centro são o Zé Latinhas [risos], por questões de trabalho e de lazer. Eu gosto de pensar que eu aproveito de tudo um pouco do centro. Frequento muito, obviamente, a Rua 8. Frequento muito o Mercado Municipal. Gosto de fazer compras lá. Frequento a Avenida Goiás para sair para correr e passear com a minha cachorra. Frequento a Praça Cívica também. Frequento o Cine

Cultura, o Cine Ritz. Eu gosto de pensar que eu aproveito de tudo um pouco do centro, eu uso o centro tanto pra lazer tanto pra trabalho hoje em dia. Ah... eu acho que é foda né... eu sou uma pessoa apaixonada pelo centro.

**Pesquisadora:** E como você se sente andando no centro de dia e de noite?

**Ana:** Bom, e se eu me sinto segura para passear de dia ou sair à noite no centro? Acho que a noite, com certeza, é bem mais complexo.

Acho que já falei um pouco sobre isso. A noite precisa de um cuidado maior. Não me sinto segura de sair à noite, mas saio mais por necessidade, porque tenho que sair com a minha cachorra, às vezes, à noite ou a trabalho. Mas de dia já é totalmente diferente. A caracterização do centro de dia é outra, é um lugar extremamente movimentado, é um lugar extremamente vivo mesmo.

Tem muito comércio que funciona de dia e é uma pena que seja tão diferente à noite. Parece que o centro é meio que um 8 ou 80, não tem um meio termo.

**Pesquisadora:** Tenho mais algumas perguntas, sobre uma outra questão que você não trouxe nas suas respostas, mas que eu acho que é um lado importante do seu trabalho também. Queria saber um pouco mais sobre o Coletivo de DJ's que você faz parte... Como que ele surgiu? Por que ele surgiu? E o que você considera que ele trouxe pra vocês...

**Ana:** Musicalmente, quando eu pesquisava música brasileira, quase sempre encontrava referências masculinas. Eu ouvia os mestres da guitarrada do Pará e os grandes nomes do carimbó, mas me perguntava: onde estão as mulheres na nossa música? Foi então que comecei a mergulhar na música paraense e na produção feminina brasileira. Essas duas vertentes são superimportantes para minhas apresentações. Eu toco música brasileira e estou sempre buscando mais sobre a música feminina.

Eu acredito que a mudança social acontece quando há uma pressão de várias fontes querendo essa transformação. Hoje em dia, o público que frequenta eventos está mais consciente e exige mais diversidade nas programações, produções e em tudo relacionado. Além disso, mais artistas e profissionais estão exigindo espaço e ganhando visibilidade. Até que a igualdade seja alcançada, a gente vai fazendo a nossa parte. Por exemplo, se eu tenho um dinheiro para gastar em um evento no meu dia de folga, eu prefiro gastar em lugares que se preocupam com a diversidade no line-up. E se você tem a chance de contratar alguém, é importante considerar a equidade e representar bem.

Então, o coletivo nasceu da necessidade mesmo sabe? O rolê de DJ ainda é muito fechado... rolê de menino... A gente se junta pra conseguir levar nosso trabalho pra

outros lugares... Porque no final se uma vai pra frente o coletivo todo vai junto. Eu acredito que a mudança social acontece quando há uma pressão de várias fontes querendo essa transformação. Hoje em dia, o público que frequenta eventos está mais consciente e exige mais diversidade nas programações, produções e em tudo relacionado. [...] Até que a igualdade seja alcançada, a gente vai fazendo a nossa parte. Por exemplo, se eu tenho um dinheiro para gastar em um evento no meu dia de folga, eu prefiro gastar em lugares que se preocupam com a diversidade no line-up. E se você tem a chance de contratar alguém, é importante considerar a equidade e representar bem.

O Coletivo Selvática é um projeto que valoriza a mulher DJ em Goiânia, promovendo o coletivo e a união feminina. Embora a Selvática ainda não tenha transformado completamente a cena goiana, com certeza ajudou a destacar o trabalho feminino na discotecagem. É um trabalho de formiguinha, fazendo nossa pequena parte para que, pouco a pouco, o mundo mude.

# APÊNDICE 2 – NOMES EDIFÍCIOS

LEGENDA		
EDIFÍCIOS COM NOMES PRÓPRIOS:		
GÊNERO	FEMININO	
	MASCULINO	
EDIFÍCIOS PREDOMINANTEMENTE*:		
CATEGORIA	RESIDENCIAL	
	COMERCIAL (lojas, restaurantes, hotéis, etc)	
	INSTITUCIONAL (religião, educação, saúde, etc)	

LEVANTAMENTO DE EDIFÍCIOS COM NOMES PRÓPRIOS NO CENTRO DE GOIÂNIA												
FEMININO						MASCULINOS						
QUADRA	NOME PRÉDIO	GÊNERO	Nº	USO	Nº	QUADRA	NOME PRÉDIO	GÊNERO	Nº	USO	Nº	
4	Ed. Geci	Feminino	1	Residencial	1	1	Ed. Geraldo Bonfim de Freitas - Tribunal Regional Eleitoral de Goiás	Masculino	1	Institucional	1	
6	Ed. Dona América: Unopar	Feminino	2	Institucional	1	3	Ed. Heno Jácomo Perillo - Sicoob	Masculino	2	Comercial	1	
9	Ed. Nayá	Feminino	3	Residencial	2	4	Ed. J Ribeiro - Ponto da Moda	Masculino	3	Comercial	2	
11	Ed. Irene	Feminino	4	Comercial	1	5	Ed. Fenelon: BMG	Masculino	4	Comercial	3	
13	Ed. Flávia	Feminino	5	Comercial	2	6	Ed. São Judas Tadeu	Masculino	5	Comercial	4	
15	Ed. Princesa Isabel	Feminino	6	Resid/Comer	3	7	Ed. Carlos Chagas	Masculino	6	Comercial	5	
17	Ed. Jacqueline	Feminino	7	Comercial	3	8	Ed. Itamaraty	Masculino	7	Comercial	6	
18	Ed. Athenas Garden	Feminino	8	Residencial	4	9	Ed. Loyola	Masculino	8	Comercial	7	
20	Ed. Dinorah	Feminino	9	Residencial	5	10	Ed. Vicente de Araujo	Masculino	9	Comercial	8	
21	Ed. Carime	Feminino	10	Residencial	6	11	Ed. Alencastro Veiga	Masculino	10	Comercial	9	
24	Ed. Nair de Faria Careiro	Feminino	11	Comercial	4	12	Ed. Moacir Telles	Masculino	11	Comercial	10	
27	Ed. Myrthes	Feminino	12	Resid/Comer	7	13	Ed. Sandoval De Azevedo	Masculino	12	Comercial	11	
29	Ed. Dona Chafia	Feminino	13	Resid/Comer	8	14	Ed. Governador Magalhães Pinto	Masculino	13	Comercial	12	
31	Ed. Goliandira	Feminino	14	Resid/Comer	9	15	Ed. Hotel Bandeirantes	Masculino	14	Comercial	13	
32	Ed. Clara de Lourdes	Feminino	15	Resid/Comer	10	16	Ed. Lobo Muniz	Masculino	15	Comercial	14	
33	Ed. Lady Nazareth	Feminino	16	Residencial	11	17	Ed. Kennedy	Masculino	16	Residencial	1	
37	Ed. Waleska	Feminino	17	Residencial	12	18	Ed. Jacob Facuri	Masculino	17	Comercial	15	
38	Ed. Gloria	Feminino	18	Residencial	13	19	Ed. Brandão	Masculino	18	Comercial	16	
42	Ed. Stela	Feminino	19	Residencial	14	20	Ed. Nicolau Ferres	Masculino	19	Resid/Comer	2	
44	Ed. Ravenna	Feminino	20	Residencial	15	21	Ed. Dom Pedro	Masculino	20	Resid/Comer	3	
48	Catedral Metropolitana de Goiânia Nossa Senhora Auxiliadora	Feminino	21	Institucional (Religioso)	2	22	Ed. Dom João VI	Masculino	21	Resid/Comer	4	
49	Ed. Samantha	Feminino	22	Residencial	16	23	Ed. Marquês de Olinda	Masculino	22	Resid/Comer	5	
50	Ed. Doris	Feminino	23	Comercial	5	24	Ed. San Clemente	Masculino	23	Residencial	6	
55	Ed. Rita de Albuquerque	Feminino	24	Comercial	6	25	Ed. Wareny	Masculino	24	Comercial	17	
56	Ed. Maria Meireles Fernandes	Feminino	25	Residencial	17	26	Ed. Filadelfo	Masculino	25	Comercial	18	
59	Ed. Residencial Amália Hermano	Feminino	26	Residencial	18	27	Ed. Anhanguera	Masculino	26	Comercial	19	
62	Ed. Antonieta Amorim	Feminino	27	Residencial	19	28	Ed. Abraão Abdala	Masculino	27	Comercial	20	
64	Ed. Iza Costa	Feminino	28	Residencial	20	29	Ed. Roriz	Masculino	28	Comercial	21	
66	Ed. Dona Otília	Feminino	29	Residencial	21	30	Hospital Jacob Facuri	Masculino	29	Comercial	22	
68	Ed. Angelina	Feminino	30	Residencial	22	31	Ed. José Venancio	Masculino	30	Comercial	23	
71	Ed. Diacui	Feminino	31	Residencial	23	32	Ed. Heitor Piva	Masculino	31	Comercial	24	
72	Ed. Dona Nilda	Feminino	32	Residencial	24	33	Ed. Rebelo	Masculino	32	Residencial	7	
77	Ed. Cristal	Feminino	33	Residencial	25	34	Ed. Condomínio Portinari	Masculino	33	Residencial	8	
78	Ed. Jaçanã	Feminino	34	Residencial	26	35	Ed. Walter Bittar	Masculino	34	Institucional	2	
84	Ed. Edieottavia	Feminino	35	Residencial	27	36	Ed. Wanderley Feres	Masculino	35	Comercial	25	
100	Ed. Dona Santa	Feminino	36	Institucional (Religioso)	3	37	Ed. Dom Abel	Masculino	36	Residencial	9	
106	Ed. Constance	Feminino	37	Residencial	28	38	Ed. Padre Anchieta	Masculino	37	Residencial	10	
109	Ed. Filomena	Feminino	38	Residencial	29	39	Ed. Aston	Masculino	38	Residencial	11	
111	Ed. Nury Dirane	Feminino	39	Resid/Comer	30	40	Ed. Maximiliano Mendes	Masculino	39	Residencial	12	
116	Ed. Queen Elizabeth	Feminino	40	Resid/Comer	31	41	Ed. Joaquim Augusto Perillo	Masculino	40	Residencial	13	
121	Ed. Elizabeth	Feminino	41	Residencial	32	42	Ed. Condomínio Integrado Dom Prudêncio	Masculino	41	Residencial	14	
122	Ed. Solar Magno Regina	Feminino	42	Residencial	33	43	Ed. Leo Lynce	Masculino	42	Residencial	15	
126	Ed. Solar Maria Luisa	Feminino	43	Residencial	34	44	Ed. Casa Colemar: Academia Goiana de Letras	Masculino	43	Institucional	3	
127	Ed. Milena	Feminino	44	Residencial	35	45	Ed. Bernini	Masculino	44	Residencial	16	
128	Ed. Edith	Feminino	45	Residencial	36	46	Ed. Naim Rassi	Masculino	45	Resid/Comer	17	
129	Ed. Nélia Cristina	Feminino	46	Residencial	37	47	Ed. Naim Rassi	Masculino	46	Resid/Comer	17	
136	Ed. Carmelita	Feminino	47	Residencial	38	48	Hotel Oft San Conrado	Masculino	46	Comercial	26	
144	Ed. Jarina	Feminino	48	Residencial	39	49	Ed. Baiochi	Masculino	47	Comercial	27	
-	Ed. Liliane	Feminino	49	Residencial	40	50	Ed. Werzen	Masculino	48	Residencial	18	
-	Ed. Vitória	Feminino	50	Residencial	41	51	Ed. Fuad Rassi	Masculino	49	Residencial	19	
-	Ed. Ana Paula	Feminino	51	Residencial	42	52	Ed. Residencial San Martin	Masculino	50	Residencial	20	
-	Paróquia Imaculado Coração de Maria	Feminino	52	Institucional (Religioso)	4	53	Ed. Villa Lobos	Masculino	51	Residencial	21	
-	Clinica Santa Isabel	Feminino	53	Institucional	5	54	Ed. Condomínio José Hermano	Masculino	52	Residencial	22	
-	Ed. Rosa Maria	Feminino	54	Residencial	43	55	Ed. Residencial San Petrus	Masculino	53	Residencial	23	
-	Ed. Simone	Feminino	55	Residencial	44	56	Museu Pedro Ludovico	Masculino	54	Institucional	4	
-	Ed. Aurea	Feminino	56	Residencial	45	57	Ed. José de assis	Masculino	55	Residencial	24	
-	Ed. Marta Alice	Feminino	57	Residencial	46	58	Ed. Bariani Ortêncio	Masculino	56	Residencial	25	
-	Ed. Giovanna	Feminino	58	Residencial	47	59	Ed. San Raphael	Masculino	57	Residencial	26	
-	Ed. Paula Regina	Feminino	59	Residencial	48	60	Ed. Miguel Jorge Azzi	Masculino	58	Residencial	27	
-	Ed. Rejane	Feminino	60	Residencial	49	61	Ed. Pamplona	Masculino	59	Residencial	28	
-	Ed. Renata	Feminino	61	Residencial	50	62	Ed. Albernaz	Masculino	60	Residencial	29	
-	Ed. Cristina Maris	Feminino	62	Residencial	51	63	Ed. João Magalhães	Masculino	61	Residencial	30	
-	Ed. Santa Helena	Feminino	63	Residencial	52	64	Ed. Fidélis	Masculino	62	Residencial	31	
-	Ed. Marcia	Feminino	64	Residencial	53	65	Hotel Principe	Masculino	63	Comercial	28	
-	Ed. Ana Maria	Feminino	65	Residencial	54	66	Hotel Dom Bosco	Masculino	64	Comercial	29	
-	Ed. Residencial Beatriz II	Feminino	66	Residencial	55	67	Ed. Augusto Paranhos	Masculino	65	Resid/Comer	32	
-	Ed. Daniela	Feminino	67	Residencial	56	68	Ed. Marcus	Masculino	66	Resid/Comer	33	
-	Ed. Eleuza	Feminino	68	Residencial	57	69	Colégio Oswaldo Cruz	Masculino	67	Institucional	5	
-	Ed. Residencial Maria Rosa	Feminino	69	Residencial	58	70	Hotel Plaza Inn Augustus	Masculino	68	Comercial	30	
-	Ed. Maria Cristina	Feminino	70	Residencial	59	71	Ed. Residencial Dr. Sylvio de Mello	Masculino	69	Residencial	34	
-	Vila Cultural Cora Coralina	Feminino	70	Institucional	6	72	Ed. Residencial Dom Bosco	Masculino	70	Residencial	35	
-						73	Ed. José Aquino Porto	Masculino	71	Residencial	36	
-						74	Ed. Del Rey	Masculino	72	Residencial	37	
-						75	Ed. Residencial Lelis	Masculino	73	Residencial	38	
-						76	Hotel Rede Andrade	Masculino	74	Comercial	31	
-						77	Ed. Do Hotel Presidente	Masculino	75	Comercial	32	
-						78	Hospital São Lucas	Masculino	76	Institucional	6	
-						79	Ed. Portinari	Masculino	77	Residencial	39	
-						80	Ed. Residencial Dom Fernando	Masculino	78	Residencial	40	
-						81	Ed. Iatan	Masculino	79	Residencial	41	
-						82	Ed. Ademir Luiz de Oliveira	Masculino	80	Resid/Comer	42	
-						83	Hotel Dom Jose	Masculino	81	Comercial	33	
-						84	Ed. San Diego	Masculino	82	Resid/Comer	43	
-						85	Hotel Oliveira	Masculino	83	Comercial	34	
-						86	Estádio Olímpico Pedro Ludovico Teixeira	Masculino	84	Institucional	7	
-						87	CEPI Jose Honorato	Masculino	85	Institucional	8	
-						88	Palácio Pedro Ludovico Teixeira	Masculino	85	Institucional	9	
-						89	Museu Goiano Professor Zoroastro Artiga	Masculino	85	Institucional	10	

## DADOS APURADOS

DADOS BÁSICOS		QUANTIDADE											
TOTAL DE QUADRAS ANALISADAS	144												
TOTAL DE PREDIOS ANALISADOS	384												
TOTAL DE PRÉDIOS COM NOMES PRÓPRIOS	158	FEMININO	QUANT.	71	% / TOTAL	44,94%		CATEGORIA	QUANT.	59	% / TOTAL	83,10%	
			GRAFICO										
		COMERCIAL	6	8,45%									
		INSTITUCIONAL	6	8,45%									
		MASCULINO	87	55,06%									
COMERCIAL	34	39,08%											
INSTITUCIONAL	10	11,49%											

## SUPOSIÇÕES

- \* A MAIORIA DOS PREDIOS INSTITUCIONAIS COM NOMES FEMININOS SÃO EDIFÍCIOS LIGADOS À RELIGIÃO.
- \* OS PREDIOS COM NOMES DE HOMENS SÃO HOMENAGENS ÀS HOMENS ILUSTRES, AO CONTRÁRIO DOS FEMININOS.



**RESISTENTES: A MULHER E A CIDADE**

Durante todo o século de colonização ocidental a mulher teve sua posição relacionada à atividades domésticas, voluntárias, e a tarefas de relação e atividades produtivas, consideradas anexas à vida. Mesmo à medida que sofreu transformação, conquistou o espaço e este outro momento, em que se conquistou social e política, ainda mantém o mesmo. É impossível perceber, então, que as mulheres ocupam espaços que antes não tinham direito, mas a cidade não foi adaptada para essa nova realidade. Essa falta de adaptação reflete-se no cotidiano através do assédio, da violência, do medo e da insegurança que fazem com que a mulher não se sinta segura e segura.

**INTERVENÇÃO CAPU + BEATRIZ GONÇALVES**